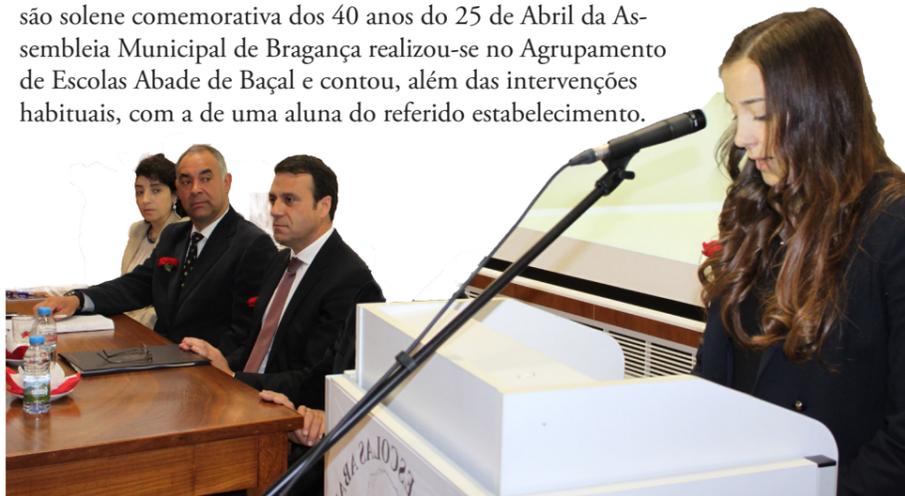


outra **Presença**

40 anos do 25 de Abril no AEAB

Abrindo-se à comunidade e evidenciando a importância da escola na criação de jovens informados e intervenientes, a sessão solene comemorativa dos 40 anos do 25 de Abril da Assembleia Municipal de Bragança realizou-se no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal e contou, além das intervenções habituais, com a de uma aluna do referido estabelecimento.



Encontr@rte em Bragança

Os dias 9 e 10 de Maio encheram-se de ideias para os que aceitaram o apelo da quarta edição do Encontr@rte e foram ao encontro das diversas ideias e iniciativas que este propôs sob o mote “Encontros de Ciência, História e Arte com o Património” e que decorreu nos vários espaços culturais que fazem da Rua Abílio Beça, em Bragança, uma artéria privilegiada da cidade.

efemérides 3-4



Jovens debatem droga

Marta Genésio e Ricardo Silvano, alunos do Agrupamento Abade de Baçal, representaram o distrito na sessão nacional do Parlamento dos Jovens, que decorreu nos dias 5 e 6 de Maio, na Assembleia da República, acompanhados por Guilherme Morais, jornalista do OP, e Olinda Oliveira, professora responsável pelo projeto. Os jovens debateram a prevenção da toxicod dependência, iniciando-se, desse modo, no debate plural e democrático.

jogos de poder 14

Em nome do ambiente

Desafios matemáticos

Canguru Matemático e PMat foram as competições que desafiaram os alunos a desenvolver atividades que estimulam o raciocínio e a concentração e os levaram até à Universidade de Aveiro, onde se realizaram as provas finais.

espaço ciência - 7

Um olhar sobre o azul

Na senda das edições anteriores, o olhar dos jornalistas focou-se neste número na cor azul. Plantas, pedras, filmes, livros, espaços, pintores e objetos são alguns dos elementos que suscitaram a curiosidade dos jovens.

mundo azul 16-19

Teatro e Companhia dez anos de espetáculo

Os dez anos do Teatro municipal de Bragança foram o mote para uma secção especial neste jornal, que resultou numa entrevista à sua diretora, Helena Genésio, numa conversa com os atores de “Grande Estreia”, uma referência especial a alguns dos espetáculos apresentados neste

ano e a inevitável reportagem fotográfica da peça Diários de Adolescentes, levada à cena pelo Grupo de Teatro do Agrupamento, constituído por jovens do ensino secundário e o professor César Malaínho, com encenação de texto original de Paula Romão.

em cena 17-20

Diários de Adolescentes



Editorial

Luísa Diz Lopes

Esta é a tua marca e é bela

São as pessoas que escrevem a sua própria história através dos seus atos, do modo como se relacionam com os outros, da marca que deixam nos espaços que percorrem. Porém, por vezes, o tempo para desenhar essa marca pessoal é cruelmente reduzido. É preciso que as palavras e as memórias impeçam que esse tempo apague tudo tão depressa quanto deseja. É preciso que elas sejam a reação contra o inexplicável, contra a injustiça que vitima aqueles que já tinham provações suficientes e julgávamos imunes a mais. Pessoas como o Rui Garcia. Generosas, capazes de encontrar alento em cada adversidade, mesmo quando à sua volta tudo parece desabar. Pessoas cuja tranquilidade e postura nos desarma e envergonha a mesquinhez das nossas preocupações. Pessoas que deixam um enorme vazio quando partem. Pessoas como o Rui Garcia.

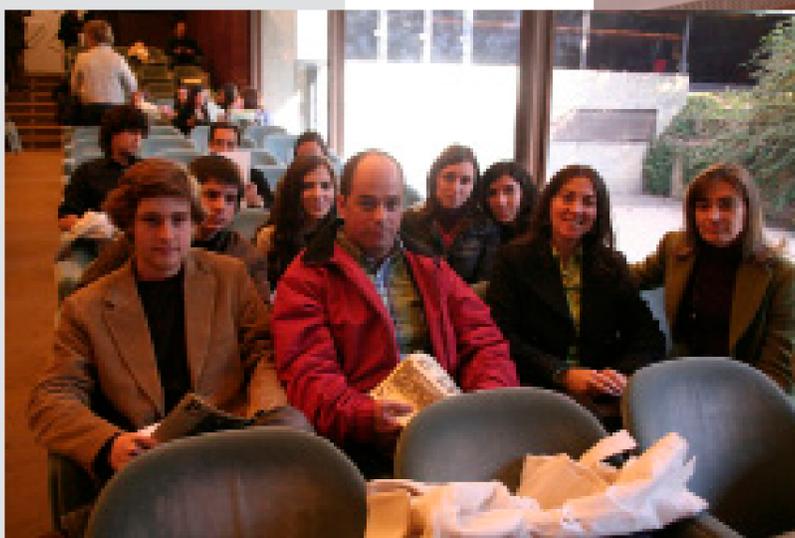
O Outra Presença deve muito ao Rui Garcia. A marca dele está no impresso, no digital, em cada um de nós que com ele privou e teve o privilégio de conhecer o seu sorriso franco, a sua generosidade, a sua capacidade para perdoar. Por isso o Outra Presença não podia deixar de assinalar o seu desaparecimento absurdo e mostrar-lhe como ele continua presente.

A colaboração do Rui no Outra Presença começou muito antes de ser oficial. Como tudo nele, aliás. Sempre que era necessária uma ajuda para resolver um problema informático, uma pendrive que aparentemente estava destruída, um disco no computador que queimara e milhares de dados perdidos, um computador que não funcionava, uma actividade que exigia um cartaz para a divulgar e tantas outras coisas... a ajuda vinha sempre. Às vezes demorava, às vezes tínhamos de ir buscar insistentemente, mas vinha e o problema era resolvido, os cartazes eram perfeitos, o sorriso do Rui acalmava a nossa

pressa e o mundo continuava a rolar. O Rui nunca tinha pressa, tudo surgia em cima do prazo, mas vinha. E vinha bem, muito bem. Ele sabia que tinha de viver devagar. E era devagar que queríamos que ele tivesse continuado.

Como referi, antes de ele integrar a equipa do Outra Presença, já pertencia a ela, como pertencia a tudo na escola. Foi ele que me abriu portas para o Photoshop, para o Indesign, para as regras básicas do grafismo (quantas vezes olhava a primeira página, se ria e dizia: "manda isso, que eu dou um jeito" e a reviravolta era grande...), para os segredos do Word e do Excel e, mais recentemente, para o Joomla. E isto parece pouco, mas abriu tantos caminhos que ainda hoje percorro. E, depois de integrar a equipa, o legado é maior ainda: o logótipo do OP, os blocos, o OP online, os cartazes, e, sobretudo, a cumplicidade, o companheirismo.

Por isso, cada vez que uma pasta do Outra Presença é aberta, cada vez que um evento é recordado, cada vez que um jornal é folheado, a presença do Rui é tão forte que dói. Mas também encoraja, porque não podia ser de outro modo. Porque em cada objecto dele está o seu sorriso rasgado e franco, a sua paciência e alegria, a sua mão generosa, o seu optimismo. Porque a grandeza dos homens pode demorar a ser reconhecida, mas acaba por impor a sua marca. E o Rui marcou e, por isso, ficou. Obrigada, Rui.



Fotos da sessão de entrega de prémios, no Concurso de Jornais Escolares, na Gulbenkian, em Lisboa; alguns dos materiais (blocos, cartazes, marcadores...) desenhados pelo Rui

Ficha Técnica

Edição e propriedade da Escola Secundária Abade de Baçal de Bragança
Tel. - 273322163/273322462;
email - outrapresenca@gmail.com;
edição digital-www.outrapresenca.com;

Coordenação - Luísa Diz Lopes .Redacção - Clube de Jornalismo .Autor do Logótipo - Rui Garcia .Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo - Edição e paginação - Clube de jornalismo,

Luísa Diz Lopes . Revisão - Clube de Jornalismo
Clube de Jornalismo - Professores: Jrgc Gonçalves, Luísa Diz Lopes - Alunos - Ana Sofia Lourenço, Berta Gonçalves,

Duarte Augusto, Guilherme Morais, Guilherme Moreira, Helena Anes, Joana Alves, Maria Manuel Gorgueira, Mariana Lopes, Sofia Rodrigues
Projectos em Interação - Biblioteca/

CRE; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar; Media@ciência .
Impressão - Diário do Minho
Tiragem - 1000 exemplares

key for Schools

121 alunos de 9º ano foram pela primeira vez a exame de inglês e alguns viram colegas de outros anos, mais novos e mais velhos, a realizarem o mesmo exame. Era muito o nervosismo, mas a maior parte considerou a prova fácil. Os resultados mostrarão em que nível se posicionam.

Ana Sofia Lourenço e Margarida Praça - 9ºA

Os alunos do 9ºano realizaram, pela primeira vez, este ano, provas nacionais de inglês além dos já habituais exames de português e matemática, de acordo com um despacho do Ministério da Educação, segundo o qual os alunos que terminem o terceiro ciclo vão passar a realizar anualmente “testes diagnóstico de Inglês que integram obrigatoriamente as componentes de compreensão e produção escritas e compreensão e produção orais”. Estas provas, que se revestem de carácter obrigatório no

nono ano, podem, no entanto, ser realizadas por alunos de outros anos que se inscrevam e pretendam obter um certificado que ateste o nível de inglês em que se encontram.

A nível nacional foram 121 mil alunos os que fizeram as primeiras provas no dia 30 de abril. No agrupamento o total de alunos foi de 136 (2 de oitavo ano, 6 de décimo, 2 de décimo primeiro e 5 de décimo segundo). Tendo sido realizado durante a tarde de quarta-feira, não provocou grandes alterações nas actividades

da escola, já que esta não tem habitualmente aulas neste dia, neste período letivo. O único ajuste ocorreu na última aula da manhã, já que, iniciando-se a prova às 14:00, os alunos saíram das aulas às 12:45 para terem tempo para almoçar. Apesar disso, os professores, de uma forma geral, lamentaram que a prova não se realizasse em junho, quando estão marcados os restantes exames. As provas de expressão oral (Speaking) tiveram lugar entre o dia 5 e o dia 16 de Maio.

As provas começaram, portanto, no presente ano letivo e são de “aplicação obrigatória, nos estabelecimentos do ensino público, particular e cooperativo”, refere o despacho assinado pelo ministro de educação, Nuno Crato, destinando-se a certificar

a aprendizagem realizada pelos alunos no final do referido ciclo de estudos. Este exame permite a obtenção de um certificado emitido pela Universidade de Cambridge, através das escolas desta instituição existentes em Portugal, estando integrado no projecto “Key for schools”. Este projecto foi implementado devido à assinatura de um protocolo entre o Instituto de Avaliação Educativa e algumas empresas, como BPI, Novabase, Porto Editora e Fundação Bissaya Barreto. Além da obtenção deste certificado que atesta o nível de proficiência linguística alcançada, o teste permite, ainda, obter informação sobre a qualidade da aprendizagem realizada, contribuindo para uma acção com vista a corrigir as lacunas detec-

tadas. Além disso, confere mais importância à língua inglesa, que se constitui como uma ferramenta essencial na valorização académica, profissional, pessoal e social de cada indivíduo e um fator positivo de competitividade na economia portuguesa. Neste sentido, os exames de inglês ajudam a alertar e preparar os alunos para a importância desta língua no futuro, permitindo-lhes maior versatilidade na procura de emprego, sobretudo numa altura em que cada vez se emigra mais. A valorização desta língua é, também, importante, já que muitas das leituras académicas estão em inglês, obrigando, então, os alunos a ter conhecimentos mais aprofundados desta língua. Pode, ainda, considerar-se que

a valorização da língua inglesa pode conduzir a uma maior facilidade no contacto entre povos.

No entanto, a realização dos exames de inglês também tem algumas desvantagens: sobrecarrega os alunos com mais um exame, levando-os a terem de estudar para mais uma prova a nível nacional e retirando-lhes tempo para as actividades de lazer.

O exame irá ser avaliado entre três níveis, A1 (45%-69%), A2 (70% e 89%) e B1 (90%-100%).

Pouco consenso na realização do Teste de Cambridge

No sentido de conhecer a sua perceção sobre esta nova actividade, foram auscultados todos os alunos que constituem as turmas do 9º ano que fazem parte deste agrupamento, sendo-lhes pedido que se posicionassem favoravelmente ou

contra os exames e que justificassem a sua posição com dois motivos.

Os resultados revelaram existir algum equilíbrio na posição dos alunos, pois, num total de 80 alunos, 40 consideraram importantes os exames e 37 manifestaram-se

contra a sua realização. Três dos alunos inquiridos não têm uma posição definida.

Através desta recolha de dados, pudemos concluir que 16 dos alunos que se manifestaram a favor sustentaram a sua opinião dizendo que Inglês

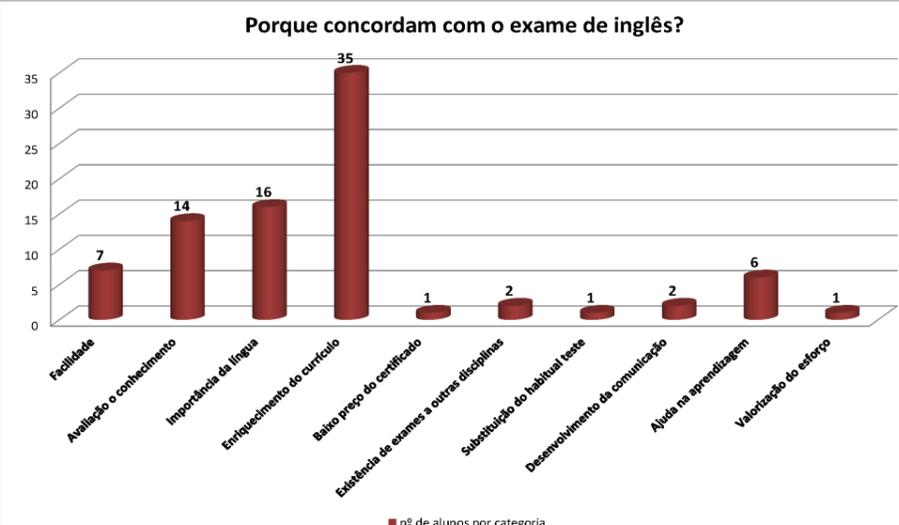
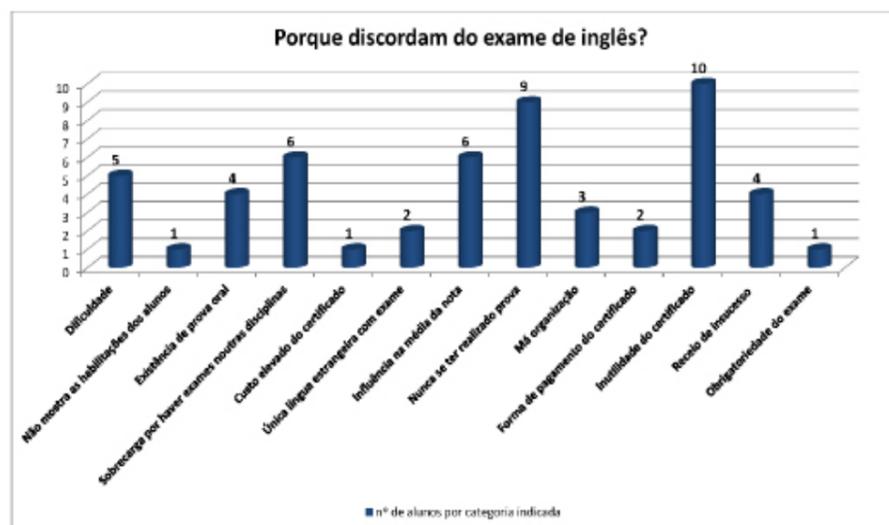
é uma língua de grande importância, 11 consideraram-no relevante porque avaliava o conhecimento adquirido e 20 devido ao facto de o certificado emitido enriquecer o currículo.

Podemos, também, concluir que o facto de

não ter havido prova anteriormente causa algum descontentamento entre os alunos, nomeadamente em 9 dos 37 e o facto de considerarem que os certificados não têm utilidade no futuro adquire 8 votos.

Alguns dos motivos

apresentados pelos alunos sugerem falta de informação e algum comodismo, já que a prova exige algum esforço.



Resultados de uma sondagem efetuada às turmas de 9º ano, no sentido de auscultar a sua opinião sobre os exames de inglês. Os gráficos apresentam o total de alunos que concorda com a realização dos exames de inglês e respetivos motivos e o total dos que discordam desses exames e também os motivos apresentados.

Assembleia Municipal escolhe escola para a comemoração oficial dos quarenta anos do 25 de abril

Abrindo-se à comunidade e evidenciando a importância da escola na criação de jovens informados e intervenientes, a sessão solene comemorativa dos quarenta anos do 25 de Abril da Assembleia Municipal de Bragança realizou-se no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal e contou, para além das intervenções políticas habituais, com a de uma aluna do referido estabelecimento.

Clube de jornalismo

A sessão, aberta e conduzida pelo presidente da Assembleia Municipal, Luís Afonso, constituiu-se como oportunidade para visitar alguns dos momentos que antecederam e concretizaram a revolução dos cravos e também a nossa história mais recente e para reforçar a importância das palavras e da intervenção cívica num país democrático.

As primeiras intervenções pertenceram aos representantes dos presidentes de freguesias e Agrupamentos de Freguesias, respectivamente, Filipe Fernandes, (PS), da União de Freguesias de Izeda e Luís Martins (PSD), presidente da Junta de Donai. A estes seguiram-se Bruno Veloso, do PS, Eduardo Malhão, do PSD, Henrique Ferreira, do Movimento Sempre Presente, António Morais, da CDU, Francisco Pinheiro, do CDS, Mariana Lopes, aluna do Agrupamento (intervenção reproduzida na caixa da página ao lado), Hernâni Dias, presidente da Câmara Municipal, e, finalmente, o presidente da Assembleia Municipal, que encerrou a sessão.

As diferentes intervenções traçaram um percurso histórico, salientando as mudanças que a Revolução dos Cravos trouxe ao país, mas também os diferentes obstáculos que foi necessário superar nas últimas quatro décadas, desde o recurso ao Fundo Monetário Internacional, à emigração, e os acontecimentos que determinaram um novo rumo para o país, como a entrada na Comunidade Económica Europeia. Elogiou-se, fortemente, o papel dos capitães que asseguraram que a revolução fosse tranquila e pacífica e, por isso, única.

Salientou-se, também, que a Assembleia é o lugar das palavras e que esta tem de ser usada para “puxarmos pelo entusiasmo e dinamismo e contagiarmos os outros; não há data melhor do que esta para a reflexão sobre o modo como criar uma sociedade justa”, defendeu o representante centrista. Este acrescentou, ainda, que “pensar diferente não configura um delito, por isso é necessário respeitar aqueles que têm uma opinião diferente. Alertou depois o poder autárquico Brigantino para a necessidade de estar empenhado no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e plural, porque “a força da democracia vem do impulso de cada um. É preciso criar mecanismos para a existência de uma democracia mais ativa e empenhada.” Também o combate à corrupção, imprópria numa sociedade justa, foi abordado, com António Morais a lembrar a “prática honesta dos autarcas da CDU, entre os quais não se conhece nenhum caso de corrupção, ao contrário do que acontece nos restantes partidos”. Este deputado criticou, ainda, o sistémico não cumprimento de promessas programáticas e lançou um alerta para a necessidade de responsabilizar as opções políticas que contribuem para o definhamento do país.

Face à marca genética que o 25 de Abril deixou e que é indelével, Bruno Veloso criticou a subversão do governo aos mercados, as recentes declarações de Durão Barroso, nas quais elogiou a educação do Estado Novo, os cortes que a educação vai sofrer em 2015 e comparando os números de alunos antes e após o 25 de abril, con-

cluiu que “sem educação nunca se cumprirá abril”. Acrescentou, ainda, que os anos de governação à direita têm sido recuos aos valores de abril, como a pobreza, a crise do estado social, a emigração e o pesadelo do abandono que regressou ao nordeste, com o encerramento de serviços. Com uma cidade moribunda e esquecida do poder central, a autarquia deve preocupar-se com a dignificação da vida humana, pois as pessoas são a verdadeira agenda dos políticos.

A descrença na democracia e a forte crise podem explicar, segundo Henrique Ferreira, o pessimismo dos portugueses, evidenciado em estudos recentes, que analisaram a perceção dos portugueses sobre a democracia e que apresentam resultados preocupantes: 83% estão insatisfeitos com a democracia, num estudo, 75%, noutro, o que “quer dizer que podemos estar no limiar de algo perigoso.”, defendeu. Eduardo Malhão também abordou esta crise na democracia, mas citando Churchill referiu que “a democracia e a pior forma de governo, salvo as outras que tem sido experimentadas de tempo em tempos.” É por isso importante, segundo o militante social democrata, celebrar Abril, fazer um apelo à memória colectiva, lembrar as suas conquistas e transmitir às gerações mais novas os valores da revolução, que ensinou ao mundo que era possível fazer uma revolução sem sangue. Esta devia, defendeu, ser património imaterial da humanidade para ser elemento unificador e não arma de divisão e de arremesso. E “unidos, podemos combater o desemprego, a crise demo-

gráfica, o despovoamento do interior, o centralismo como adversário do poder local e do desenvolvimento do interior”.

O combate às assimetrias regionais resultantes de políticas centralistas e a necessidade de implementar políticas que invertam a tendência de esvaziamento foram duas linhas de acção apontadas pelo Presidente do Município, que enalteceu Bragança comparando o seu índice de desenvolvimento com o do passado e o de outras capitais de distrito do interior. Em 1981 Bragança apresentava um índice de desenvolvimento negativo (-1,9), passando em 2011 para 6,4, registando o melhor índice no conjunto das capitais de Distrito analisadas pelo Professor Doutor Francisco Cepeda. Ao nível da formação da população do Concelho, em 2011, segundo os últimos censos, a percentagem dos residentes com licenciatura completa foi superior em 4% face à média do País, 5,6% acima da Região Norte, 6,5% acima da média do Alto Trás-os-Montes e 5,98% acima da média do Distrito de Bragança. Isto mostra, segundo Hernâni Dias, que “durante os últimos anos foram construídos os alicerces para a construção de uma nova edificação imaterial, virada para o conhecimento, a inovação, a criação de riqueza e emprego, nomeadamente para os mais jovens, por forma a prosseguir os grandes objetivos de desenvolvimento”

Por isso, segundo o autarca, a crise não pode ser um pretexto para virar costas ao interior e desinvestir em regiões que sempre contribuíram para o crescimento do país. Defendeu a reivindicação



do restabelecimento da ligação aérea e do IP2 para norte entre Bragança e Puebla de Sanábria e a expansão do Aeródromo Municipal de Bragança para Aeroporto Regional, apesar dos dados que mostram que Portugal possui uma boa rede rodoviária e não haver, por isso, financiamento para este tipo de obras. Segundo o autarca, “o mais correto e justo seria uma análise à situação particular de cada região e não no seu todo.”, Considera, também, necessárias mais especialidades médicas e melhores condições nos estabelecimentos de saúde. Lembrou depois que o desenvolvimento sustentável na região se concretizaria através de três grandes linhas orientadoras: a coesão social, a regeneração urbana e o desenvolvimento económico e competitividade e terminou com um incentivo a todos os brigantinos para que se unam na luta pela região: “É nosso dever, enquanto cidadãos que herdámos um país livre, fruto do sonho dos Capitães de Abril, lutar diariamente pela liberdade, pela promoção da

cidadania e da democracia e que isso se traduza numa melhor qualidade de vida dos nossos concidadãos.

No encerramento da sessão, o Presidente da Assembleia, Luís Afonso, lembrou o propósito desta sessão comemorativa inédita: abrir a cerimónia a comunidade, nomeadamente à camada mais jovem, o que justifica a escolha de um estabelecimento de ensino. Agradeceu em particular à direcção da escola, na pessoa da sua diretora, Teresa Sá Pires, por ter respondido com prontidão ao desafio lançado pela Assembleia Municipal.

Depois, lembrando a crise que tantas dificuldades tem trazido às famílias, desejou que a reforma do estado se concretizasse e aliviasse o sofrimento das famílias e revelou a sua discordância relativamente a políticas que castigam mais uma vez os territórios regionais que, pelo contrário, são os que mais precisam de incentivos ao desenvolvimento.

il

Intervenção da aluna Mariana Lopes na sessão comemorativa

Os jovens e o 25 de Abril

Há exatamente 40 anos Portugal vivia um dos momentos mais importantes da sua história. Um momento que revolucionou a vida de todos nós e que permitiu que tivéssemos direito a muitos dos privilégios que temos hoje, como este de estarmos aqui e de livremente nos expressarmos. Mas não é claro que exista nos jovens a consciência da importância desse momento. Desde logo porque para nós quarenta anos é uma eternidade.

Talvez por isso há ainda muitos que ignoram completamente o significado de um dia como o que comemoramos hoje, bem como a diferença entre a vivência numa ditadura ou numa democracia. Há outros jovens que, pelo contrário, são pessoas informadas e preocupadas com a sociedade em que vivem e que sabem que depende também de si aquela que vão construir, mas alguns destes atuam com alguma indiferença relativamente à data que comemoramos hoje. Isto significa que a cultura democrática não está enraizada e que a família, a escola e a sociedade estão a falhar.

Na verdade, na escola, este tema não é muito abordado, uma vez que só é leccionado durante o nono ano de escolaridade, na disciplina de história, e abordado pontualmente no 12º ano, na disciplina de português. O tempo que lhe é dedicado não me parece, portanto, suficiente. Penso que falo por muitos jovens quando afirmo que a revolução de Abril, tudo o que a antecedeu e o modo como foi bem sucedida, é um assunto muito estimulante e que termos mais conhecimento e informação sobre o 25 de Abril seria determinante no modo como nos posicionamos na sociedade. O que nós temos hoje é fruto do esforço de pessoas que foram co-

rajosas e determinadas e que, mesmo sabendo que podiam ter perdido tudo (inclusive a vida), decidiram não desistir, e isso é um ensinamento muito importante.

É, portanto, importante que todos nós, jovens, saibamos bem o que custou a democracia. Mas é também importante que a saibamos viver plenamente. E isso implica uma participação cívica ativa: os jovens têm de estar informados sobre a situação política, social e económica do país, têm de debater assuntos e trocar opiniões, devem participar em iniciativas que estimulem o desenvolvimento do país e lutar pelos interesses, não pessoais, mas dos grupos nos quais estão integrados.

No entanto, esta participação cívica e política não acontece tão frequentemente quanto desejado. Repare-se, por exemplo, no caso do projeto Parlamento dos Jovens, que tenta promover o debate e sensibilizar os jovens para a importância da vida parlamentar, e para o qual, pelo menos na escola que frequento, não é fácil encontrar grupos de jovens participantes. Talvez isto seja o resultado de nunca termos vivido numa época em que o regime político nos oprimia e impedia de ser o tipo de pessoas que desejaríamos.

Pelo contrário. Vivemos num tempo em que há vários partidos políticos e em que temos oportunidade de escolher qual aquele que representa melhor os nossos ideais. Podemos, ainda, expressar a nossa opinião, podemos discutir as diferentes perspetivas, podemos escrever o que quisermos e temos a oportunidade de divulgar as nossas ideias livremente, desde que o façamos de forma responsável. E esta aliança entre liberdade e responsabilidade é um legado de Abril. Os meios de comu-

nicação podem difundir a informação sem esta ter de ser analisada previamente por nenhuma comissão de censura. Não há censura. Há incentivos à educação e à formação superior. E temos tantos outros privilégios dos quais não nos apercebemos.

Em suma, apesar da facilidade com que hoje temos tudo ao nosso alcance, não podemos esquecer que o 25 de Abril representa a esperança de um futuro melhor para todos, a possibilidade de todos vencerem os mesmos obstáculos, a igualdade de oportunidades para todos, o direito à liberdade de opinião e expressão, a possibilidade de participar civicamente na construção da sociedade em que vivemos. Ainda que isto pareça utópico e mesmo quando a esperança parece vã e a vontade se desvanece, estas foram portas que a Revolução de Abril abriu, porque esta representa também a força dos homens que vão à luta porque acreditam nos seus ideais. Hoje comemoramos a liberdade e temos de aprender o seu valor para poder assegurar que as portas que Abril abriu não voltam a fechar-se, como dizia Ary dos Santos. Por isso, mais do que insistir em tudo o que foi feito e criticar o que ficou por fazer, penso que seria melhor aproveitar a comemoração deste dia para debater o futuro do país, pensar em formas de desenvolvimento, criar estruturas que permitam que os jovens se fixem cá, abrir portas para que os jovens sintam que os valores que Abril conquistou continuam válidos e são fundamentais e que há um país que quer que eles fiquem e participem. Há um país que quer que eles sejam jovens de Abril que sabem o valor da democracia, da liberdade e da responsabilidade.



Fotos cedidas pela Câmara Municipal de Bragança)

Esoterismo e Fernando Pessoa

Inês Veiga e Luís Rafael - 12^ªA



No dia 21 de fevereiro de 2014, ocorreu no auditório da Escola Abade de Baçal uma conferência presidida por André Matias, da universidade de Aveiro, relativa ao tema: “O Esoterismo e Fernando Pessoa”. Esta exposição foi da máxima pertinência para os alunos do 12^o ano, que tiveram oportunidade de contactar com conteúdos complementares das matérias lecionadas na disciplina de Português.

A agradável conversa, pela complexidade do seu conteúdo, principiou com uma esclarecedora introdução e contextualização dos conceitos relacionados com o tema tratado, como o mistério, a realidade, o mito e a consequente teia de relações entre estes.

Após esta contextualização, a conferência seguiu um rumo mais ligado ao secretismo, ao ocultismo e à espiritualidade, tendo sido abordadas temáticas como a astronomia, a astrologia, a maçonaria, a ordem dos templários e a alquimia, bem como

a ligação destas a Pessoa. No decorrer de toda a apresentação, foram expostos não só vários poemas e extratos de textos de Fernando Pessoa, como também de autores como Homero e Nietzsche, o que contribuiu grandemente para o enriquecimento e desenvolvimento do tema exposto.

Além disso, a alusão a Mensagem era incontornável. Deste modo, a origem do seu título, a sua estrutura tripartida, as passagens em latim e todo o simbolismo vigente a estes elementos foram esmiuçados e relacionados com os conceitos supracitados.

Seguidamente, foi proporcionada a visualização de um videoclipe musical da fadista Marisa, o qual fora gravado na Quinta da Regaleira. Este local foi, então, focado como um ponto de interesse fundamental para a confirmação de teses anteriormente expostas, tais como o envolvimento de Fernando Pessoa em rituais maçónicos, tendo

sido abordados elementos simbólicos e arquitetónicos relativos a esta temática.

Pelo interesse, curiosidade e pertinência que toda esta palestra proporcionou, o fator tempo foi condicionante, tendo que se dar a apresentação por terminada, mesmo não tendo sido abordado todo o conteúdo inicialmente previsto.

Felizmente, André Matias agradeceu toda a plateia com mais algum do seu tempo para que esta o interpelasse, de maneira a poder esclarecer dúvidas e a satisfazer a sua curiosidade. Neste enriquecedor momento, o professor confessou que o seu interesse por Fernando Pessoa principiou enquanto aluno do ensino secundário, face à figura um pouco “esquizofrénica” que o poeta fazia transparecer. A capacidade humana deste autor de construir metáforas, a coragem por ter escrito a sua obra em Português, por ter introduzido na literatura uma nova perspetiva de apreensão do real, levando à reflexão do leitor, são características glorificadas por André Matias, concluindo que Pessoa se

inclui nos maiores nomes da literatura do século XX, a nível mundial, e afirmando ser o maior escritor português, em todas as facetas.

Por outro lado, também foi aprofundada a influência ritualística e iniciática na vida e obra de Pessoa. O orador começou por sublinhar o facto de o autor de Mensagem não ter pertencido à Maçonaria, argumentando que este apenas participava em alguns rituais desta natureza. Essas experiências iniciáticas despoletaram em Pessoa o interesse por áreas como a astrologia e a alquimia, tendo este construído mapas astrológicos, tanto para ele como para os seus heterónimos, revelando a grande importância destas personae dramatis para o seu criador.

O professor partilhou também algumas curiosidades, como o facto de Pessoa ter colocado todas as suas criações literárias numa arca, de forma cronológica, e, ainda, alguns factos relativos à publicação da obra Mensagem, referindo que esta foi publicada em 1934, uma vez que Pessoa teria analisado o seu mapa

astrológico e descoberto que no ano de 1935 iria acontecer algo de muito significativo na sua vida – desconhecendo que seria a sua própria morte.

Por fim, André Matias reforçou a ideia de que, contrariamente ao princípio do terceiro excluído defendido em filosofia, à luz do qual se admite que algo é ou não é, não podendo haver uma terceira possibilidade, em Fernando Pessoa existe um meio-termo, ou seja, uma terceira realidade, uma vez que este vive na metáfora, que pressupõe a dimensão esotérica.

Em suma a conferência foi não só enriquecedora a nível pessoal, mas também extremamente pertinente, uma vez que as temáticas abordadas se coadunam com o plano estrutural da disciplina de Português, complementando-o. A apresentação de uma nova perspetiva de Fernando Pessoa como homem, como ser humano igual a todos nós, e de todas as influências histórico-culturais que o moldaram foi veiculada com a excelência e eloquência a que este orador nos habituou desde o primeiro minuto de contacto

com o público. A alusão a poemas pessoanos abordados nas aulas de Português contribuiu para uma melhor compreensão dos mesmos e, conseqüentemente, das várias temáticas que pautam o melhor escritor português do século XX, como afirma André Matias.

Desafios matemáticos

Competições Nacionais de Ciência - PMate

Decorreu no passado dia 12 de Março de 2014 a primeira fase das competições nacionais do projeto PMate em colaboração com a Universidade de Aveiro.

Paula Rodrigues

O Departamento de Matemática da nossa escola, assumiu mais uma vez a responsabilidade de dinamizar esta atividade. Inscreveram-se nas várias competições: Diz3(3º e 4º ano); Diz+(5º e 6º ano); EQUAamat(7º ao 12º ano); língua EM REDE (3º ciclo) cerca de 544 alunos. Participaram as escolas: Abade Baçal, Augusto Moreno, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Escola Secundária Miguel Torga, Escola Básica e Secundária de Alfandega da Fé e Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros. As provas decorreram das 8h30min às 17h15min com normalidade.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz3(3º e 4º ano), posições 40, 94 e 141 de 1060 equipas, as equipas (Nuno Carroceiras e Beatriz Sobral; Inês Veiga e Beatriz Salvador; Ruben Costa e Gonçalo Alves).

Na prova Diz3 (3º e 4º ano), posições 40, 94 e 141 de 1060 equipas, as equipas (Nuno Carroceiras e Beatriz Sobral; Inês Veiga e Beatriz Salvador; Ruben Costa e Gonçalo Alves).

Na prova Diz+(5º e 6º ano), posições 2, 9 e 66 de 1453 equipas, as equipas (João Feliciano e Gonçalo Rodrigues; Anaisa Moreira e Ana Fernandes; Pedro Barreira e João Pires).

Na prova EQUAamat de 7º ano as posições 29, 40 e 81 de 636 equipas, as equipas (Tiago Cerqueiro e Rafael Queirós; Tiago Pereira e Diogo Afonso; Diana Marques e Ana Rita Fernandes).

Na prova EQUAamat de 8º ano as posições 17, 18 e 52 de 637 equipas, as equipas (Marlene Martins e João Neves; Mariana Magalhães e Ana Luis Afonso; Bruna Alves e Aníbal Fernandes).

Na prova EQUAamat de 9º ano as posições 7, 17 e 18 de 566 equipas, (João Dias e António Pereira; Joana Aguiar e Inês Marvão; Pedro Pereira e Duarte Augusto).

Na prova Língua EM REDE, posição 1, 2 e 4 de 80 equipas, as equipas (Joana de Jesus e Inês Freitas; Marta Genésio e Margarida Praça; Inês



Grupo de alunos participantes (foto: © Jorge Vaz Pires)

Geraldes e Ana Lourenço).

A segunda fase decorreu nos dias 29(3º ciclo) e 30(1º e 2º ciclo) de abril na Universidade de Aveiro.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz3(3º e 4º ano), posições 279, 280 e 285 de 435 equipas, as equipas (Lara Figueiredo Lopes e Ana Margarida Freixo Preto Afonso; Nuno Tiago Lopes Carroceiras e Beatriz Filipa Pires Sobral; Liliana Suda

Petryshyn e Eva Maria Machado Pais).

Na prova Diz+(5º e 6º ano), posições 92, 93 e 205 de 784 equipas, as equipas (Pedro Gabriel Esteves Barreira e Joao Miguel Esteves Pires; João Eduardo Vicente Sabença Feliciano e Gonçalo Bartolomeu Rodrigues; Rodrigo Miguel dos Santos Baptista e João Pedro Ferreira Genésio).

Na prova EQUAamat de 7º ano as posições 299, 330 e 415 de 551 equipas, as equipas (Tiago Andrés Cerqueiro e Rafa-

el Florêncio Gralhós; Edson Henrique Lourenço Silva e Bodhan Malanka; Luis Alberto Vermelho Machado e Alípio Pereira Santos).

Na prova EQUAamat de 8º ano as posições 24,50 e 137 de 560 equipas, as equipas (Bruna Alves e Aníbal Fernandes; Marlene Martins e João Neves; Mariana Magalhães e Ana Luis Afonso).

Na prova EQUAamat de 9º ano as posições 40, 61 e 76 de 496 equipas, (Marta Maria Ferreira

Gomes Lopes Genésio e Guilherme António Cardoso Moreira; Tiago Freitas e Bruno Gomes; João Dias e António Pereira).

O departamento agradece o empenho de todos os que possibilitaram aos alunos do nosso agrupamento a participação nesta atividade e felicita os nossos alunos pelo seu envolvimento e pelos resultados obtidos nas várias provas.

Canguru matemático sem fronteiras

José Alberto Vieira

O Concurso Canguru de 2014 realizou-se mais uma vez nas escolas do Agrupamento e consistiu de uma única prova, realizada a nível internacional, distribuída por nove categorias. Neste ano, a data de realização das provas não foi a mais adequada pois coincidiu com a da realização de testes. Mesmo assim fizeram a prova 126 alunos de 22 turmas do agrupamento.

A qualidade e o interesse deste concurso deixa-nos a certeza de que no pró-

ximo ano se realizará em mais escolas do agrupamento, com mais turmas e alunos.

Apresentam-se, seguidamente, as categorias em que houve participantes no agrupamento, seguidas da pontuação máxima e das classificações, nomes, turmas e escolas dos três primeiros classificados.

- Mini-Escolar – nível I (2.º ano) com pontuação máxima de 75 pontos, os melhores resultados foram dos alunos: João Ferreira – 70,00 pon-

tos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela); Eva Pires – 66,25 pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela); Catarina Alfaia – 65,00 pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela).

- Mini-Escolar – níveis II (3.º ano) com pontuação máxima de 120 pontos, os melhores resultados foram dos alunos: Lia Bordalo – 103,75 pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela); Jéssica Lobo – 98,50 pontos – Escola de Santa Comba de Rossas; Bárbara Costa – 93,75

pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela).

Mini-Escolar – níveis III (4.º ano) com pontuação máxima de 120 pontos, os melhores resultados foram dos alunos: Tiago Branco – 83,75 pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela); Gabriela Fernandes – 81,25 pontos – Escola n.º 8 (Artur Mirandela); Ruben Costa – 75,00 pontos – Escola n.º 6 (Toural).

Escolar – (5.º e 6.º anos) com pontuação máxima de 120 pontos, os melho-

res resultados foram dos alunos: Pedro Costa – 6.º C – 91,25 pontos – Escola Augusto Moreno; João Genésio – 5.º F – 90,00 pontos – Escola Augusto Moreno; Tiago Pino – 87,00 pontos – Escola Augusto Moreno.

Benjamim – (7.º e 8.º anos) - pontuação máxima de 150 pontos: Inês Quarteu – 8.º C – 128,75 pontos – Escola Abade de Baçal; Aníbal Fernandes – 8.º C – 95,00 pontos – Escola Abade de Baçal; Ana

Afonso – 88,00 pontos – Escola Abade de Baçal. Cadete – (9.º ano) - pontuação máxima de 150 pontos: Duarte Augusto – 9.º A – 73,75 pontos – Escola Abade de Baçal; No Agrupamento não se realizaram as provas das categorias Júnior e Estudante por falta de inscrições.

Os interessados poderão consultar as provas e as soluções em: <http://www.mat.uc.pt/canguru>.

Escolas participam na feira do empreendedorismo

Como aconteceu em anos anteriores, a Câmara Municipal de Bragança promoveu a feira do empreendedorismo, pretendendo que as diversas instituições da cidade mostrem os cursos e projetos que possuem e que poderão potenciar o desenvolvimento da região e criar oportunidades de trabalho. Os alunos do curso profissional de multimédia, com orientação da professora Elza Simão, e o coordenador do CQEP representaram o Agrupamento durante este evento.



Fotos cedidas pelos alunos do Curso Profissional de Multimédia



Manuel Norberto Trindade

Coordenador do CQEP do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

O governo publicou a Portaria n.º 135/A/2013, de 28 de março, que regula a criação, a organização e funcionamento dos Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional, vulgarmente designados de CQEP. Posteriormente foi publicado o Despacho n.º 1451/2014, de 29 de Janeiro, que autoriza a funcionamento do CQEP no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

Os CQEP são estruturas do Sistema Nacional de Qualificações e assumem um papel determinante na construção de pontes entre os mundos da educação, da formação e do emprego, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.

O CQEP Abade Baçal está preparado para dar todo o apoio a vocês jovens e adultos na identificação de respostas educativas e formativas adequadas ao perfil de cada um de vós, tendo em conta os vossos desejos, as vossas características e, obviamente, de acordo com as necessidades do tecido empresarial, sem o qual a vossa formação não faz qualquer sentido.

No âmbito da sua ação o Centro para a Qualificação e Ensino Profissional (CQEP) assegura as seguintes etapas de intervenção:

Acolhimento – inscrição do candidato (jovem ou adulto) e seu esclarecimento, considerando a missão e o âmbito de intervenção dos CQEP;

Diagnóstico – análise do perfil do candidato, com o objetivo de identificar respostas de educação e/ou formação ajustadas à sua situação (motivações, necessidades e expectativas);

Informação e Orientação – identificação de projetos individuais de educação e qualificação profissional, tendo presente opções realistas de prosseguimento de estudos e/ou de integração no mercado de trabalho;

Encaminhamento – concretização do encaminhamento do candidato para uma oferta de educação e/ou formação profissional ou ainda para um processo de reconhecimento e validação e certificação de competências – RVCC (apenas possível para candidatos adultos).



Reconhecimento e Validação de Competências de âmbito Escolar (RVCC escolar) - identificação e validação de competências adquiridas pelos adultos ao longo da vida, em contextos de aprendizagem formais, não formais e informais;

Certificação de Competências – demonstração das competências dos adultos, perante um júri, através da realização de uma prova.

Por isso se és jovem com idade igual ou superior a 15 anos ou, independentemente da idade, a frequentar o último ano de escolaridade do ensino básico e necessitas de uma orientação para melhor decides o teu futuro, se desconheces qual é a oferta formativa que desejas e não sabes onde e como encontrá-la, procuramos e nós ajudar-te-emos a escolher o teu caminho.

Do mesmo modo se tens idade igual ou superior a 18 anos, com necessidades de aquisição e reforço de conhecimentos e competências e necessitas de informação e ou orientação e eventualmente de desenvolver um processo RVCC escolar para concluir o 12.º ano, seja este para satisfação pessoal, prosseguimento de estudos ou para reforçar a tua posição no mercado de trabalho vai ter connosco.

O CQEP Abade de Baçal

está ao teu dispor na Escola do mesmo nome (a escola mais próxima do Shopping) e tem um gabinete aberto todos os dias da semana das 14 às 17:30 e das 20:30 às 22:30.

Oferecemos-te uma equipa motivada e qualificada, instalações novas e apetrechadas com os mais modernos meios formativos, com particular ênfase nas novas tecnologias de comunicação.

Aparece e procura pelo CQEP que de imediato te encaminharão para o gabinete onde podes encontrar as respostas de que precisas.

Também podes entrar em contacto connosco através do telefone 273 322 163 (246); do e-mail – cqepabadebacal@gmail.com ou ainda visitar a nossa página o facebook (Cqep Abade Baçal) e fazeres-te nosso amigo.

Ranking das Escolas

A evolução da ESAB

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal alcançou uma média de 12,09 na disciplina de Português, de 10,58 a Matemática e de 9,98 a Biologia e Geologia que perfaz uma média global de 10,61.

Guilherme Moreira e Marta Genésio, 9ºA

Estes resultados vêm confirmar a tendência dos últimos anos.

Desde 2001 que o Ministério da Educação publica os dados relativos à classificação nos resultados obtidos nos exames pelas escolas do 600 escolas do país, sendo posteriormente ordenados pelos diversos jornais.

A Escola Secundária Abade de Baçal, ao longo destes 10 anos, tem obtido classificações muito meritórias, com destaque para a classificação de 2006 com uma média global de 12,5 valores a colocou no 18º lugar a nível nacional, seguida de 11,9, em 2008, sendo o pior resultado anos mais tarde, em 2009 com uma média global 10,3 colocando a escola a nível nacional em 385º.

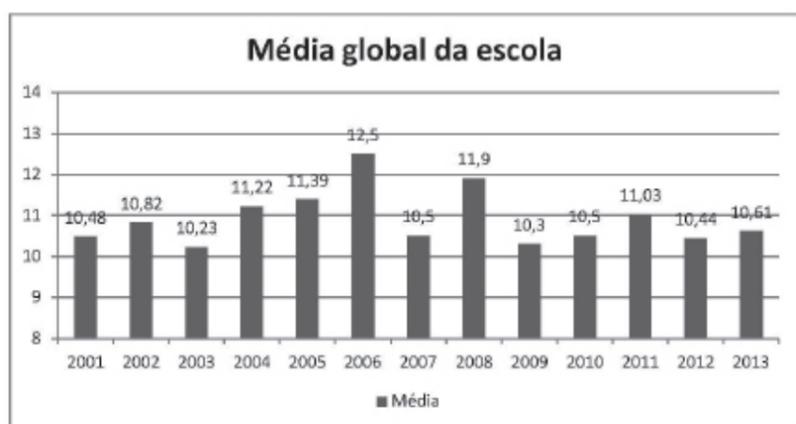
A escola afirma-se como um centro de ensino de qualidade que confere

uma preparação de excelência aos seus estudantes. Contactada pelo Outra Presença, a diretora congratulou-se com os resultados e referiu que é mérito do trabalho dos alunos e dos professores. A escola oferece aos alunos a possibilidade de frequentarem aulas de apoio/preparação para exame nas disciplinas e anos de exame, o que poderá ajudar a explicar este sucesso. Os docentes sabem, no entanto, que este depende de outros fatores que nem sempre é possível controlar. Por isso, embora estejam satisfeitos com a posição da escola, sabem que um grupo diferente de alunos, exames muito diferentes com critérios mais apertados, entre outros aspetos podem alterar este facto.

Os gráficos apresentados permitem verificar

a evolução da escola nos últimos 13 anos.

Note-se, ainda, que em nenhum destes anos teve média negativa e que houve seis anos em que a escola ficou nas primeiras cem a nível nacional.



Ensino Público ou Privado?

Mariana Lopes, 12ºA

O ensino público é mais vantajoso e preferível ao ensino privado. Em primeiro lugar, embora as escolas privadas, como o Colégio Nossa Senhora do Rosário e o Externato Ribadouro, no Porto e o Colégio São João de Brito, em Lisboa, ocupem os lugares de topo nos rankings nacionais, baseados no desempenho escolar e nos resultados dos exames nacionais, a verdade é que o ensino público é aquele que não só consegue preparar os alunos para estes mesmos exames como também lhes dá conhecimentos extra e mais práticos que não se aprendem nos livros ou a decorar matéria. De facto, recentemente quatro jovens portugueses regressaram das Olimpíadas Ibero Americanas de Biologia que tiveram lugar na Argentina com 3 medalhas de ouro e uma menção honrosa, e dos quatro apenas um pertencia a uma escola privada. Da mesma maneira, o vencedor da medalha de ouro das Olimpíadas Ibero Americanas de Matemática do passado ano 2012 que decorreram na Bolívia foi um jovem português que frequenta o ensino público, na Escola Secundária de Mirandela. Como se sabe, as Olimpíadas quer de Biologia quer de Matemática pretendem testar não os conhecimentos específicos dessas disciplinas mas conceitos mais gerais e com os quais os jovens nunca se depararam, obrigando-os a raciocinar e a aplicar determinadas situações ao seu dia-a-dia para conseguirem obter uma resposta. As escolas públicas conseguem, portanto, vingar neste aspeto. Além disso, e segundo José Sarsfield Cabral, pró-reitor da universidade do Porto, "as escolas privadas têm grande capacidade

para preparar os alunos para entrar no ensino superior, mas o que se verifica é que, passados três anos, estes alunos mostraram estar mais mal preparados para a universidade do que os que vieram da escola pública". Por outras palavras, as escolas privadas preparam melhor os alunos para os exames nacionais, mas não para estes terem um bom desempenho na universidade e na vida futura. Para reforçar esta ideia, apresento-vos um estudo da Universidade do Porto, baseado no percurso académico de 4280 alunos. Por exemplo, da Secundária Garcia da Orta entraram 114 alunos para o ensino superior na Universidade do Porto e do Externato Ribadouro entraram 154 alunos, um número maior, portanto. O que se verificou é que ao fim de três anos, 14 dos 114 alunos da escola pública pertenciam ao grupo dos melhores alunos da universidade, mas apenas 5 dos 154 alunos da escola privada pertenciam a esse mesmo grupo. O mesmo se verificou para o Colégio do Rosário e o Colégio Luso-Francês, com apenas três e dois alunos no grupo dos melhores da universidade, respetivamente.

Por fim, na escola pública coexistem diversas etnias e estatutos sociais e económicos, o que não acontece numa escola privada, uma vez que o processo de seleção dos alunos e o custo fazem com que os alunos possuam o mesmo estatuto sócio-económico. Esta diversidade é muito enriquecedora, uma vez que a partilha de experiências e de diferentes modos de vida acontece inevitavelmente e tudo isso contribui para o enriquecimento pessoal dos alunos e para a assimilação

de novos conhecimentos fundamentais no dia-a-dia e na vida futura. O contacto com diferentes modos de estar facilita a adaptação a diferentes espaços de trabalho, torna os jovens mais versáteis e solidários. Por essa razão é possível ver inúmeras escolas públicas a entrarem em ações de apoio social, como por exemplo a Escola Secundária Marquesa de Almeirim, que organiza campanhas de recolha de alimentos, bem como a nossa escola, a Escola Secundária Abade de Baçal, que faz também recolha de alimentos e de outros recursos para famílias mais necessitadas pelo menos uma vez por ano. Também a Escola Secundária S. Pedro em Vila Real tem o costume de oferecer roupa, alimentos e brinquedos no Natal para as famílias apoiadas pelo projeto solidário do município.

Assim, ao contrário das escolas privadas, as escolas públicas conferem aos estudantes mais habilidades e capacidades para terem sucesso no ensino superior e a vida futura, e estas não decorrem destes alunos saberem muito bem a matéria dos exames nacionais.

Pelo exposto, conclui-se que o ensino público não só proporciona mecanismos de aprendizagem que permitem aos alunos entrar no ensino superior no curso que preferem, como também os prepara para outros desafios que requerem muito mais do que memorização ou aprendizagem específica de um dado tema. Alarga os horizontes dos alunos e dá-lhes mais independência, autonomia e confiança em si mesmos.

Desumanização o romance sobre a humanidade

Luísa Lopes

O Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM) abriu portas à Literatura numa iniciativa que trouxe a Bragança, no dia 18 de fevereiro, Valter Hugo Mãe, para a apresentação do seu mais recente romance "Desumanização". Rodeado pelos quadros de Graça Morais, a pintora que admira e que confessou querer conhecer pessoalmente, mas que teima em "escapar-lhe" em todas as situações em que esse encontro parece prestes a acontecer, como aconteceu desta vez, em que, ao contrário do previsto, não pôde estar presente, o escritor ouviu falar dos seus livros, partilhou perspectivas e episódios da sua existência e defendeu as suas criações.

As palavras de Graça Morais, transmitindo o seu lamento por não poder comparecer à apresentação do livro que descreve como simultaneamente violento e belo, surgiram na voz de Jorge Costa, director deste espaço cultural brigantino. Foram ainda as palavras de outro grande vulto da literatura portuguesa, José Saramago, que Jorge Costa usou para apresentar o escritor, vencedor do Prémio José Saramago pela sua obra "os remorsos de baltazar serapião": "Este livro é um tsunami, não no sentido destrutivo, mas no da força. Foi a primeira imagem que me veio à cabeça. Este livro

é uma revolução. Tem de ser lido, porque traz muito de novo e fertilizará a literatura. Por vezes tive a sensação de assistir a um novo parto da língua portuguesa".

Para o escritor, a vinda a Bragança revestiu-se de um significado especial. Aos amigos que tem na região, alia-se o facto de a acção de "O apocalipse dos trabalhadores", decorrer na capital transmontana: "Na altura fiquei com a ideia de que Bragança era muito cosmopolita. Os brigantinos convivem muito bem com os espanhóis. Usei Bragança porque parece suscitar um reduto de portugalidade. O resto do país tem folia de mudança. A mistura com Espanha é uma forma de ser e contribui para a portugalidade". O motivo dessa satisfação deveu-se, ainda, ao facto de a apresentação decorrer num espaço ligado a uma pintora que admira muito, "Ela, ao invés de cristalizar e de se tornar uma mestre repetida, tem tido a capacidade para melhorar". Surpreendente, para o escritor, foi a presença de um bispo, que leu o seu livro: "os bispos são um espécie de estrelas inatingíveis. Se um dia tiver de gostar de algum bispo gostarei deste", brincou o escritor.

E foi num tom informal e bem humorado que decorreu toda a sessão que a pretexto da obra Desumanização abordou

a actividade de escrita, "a fantasia que ajuda a pensar acerca da realidade. Ajuda a perceber o que é ou não plausível, até que ponto a arte nos pode salvar". Por isso, cada livro é uma entrega absoluta que nem sempre é isenta de dor: "às vezes fica-se completamente escangalhado. Depois de A máquina de fazer espanhóis tive necessidade de escrever um livro mais positivo. Estava destroçado. Surgiu, então o filho de mil homens.

A acção do último livro decorre na Islândia, onde o escritor esteve antes de o escrever, e confirmou que esse espaço tinha aquilo que era essencial à sua história: a espiritualidade, uma espécie de comunhão mística com o homem. E essa certeza veio poucos dias depois de lá chegar. Passada a fase do embasbacamento de turista, o espaço absorveu-o: "num lugar onde estava só, tive a sensação de estar a ser visto. Anotei a primeira frase: A Islândia pensa." Depois veio a certeza de que ali a solidão é só aparente. Os elementos naturais são espiritualizados. Desumanização mostra essa ligação entre as gentes e o espaço. O romance é uma tentativa de criar a voz de uma menina de doze anos que conta o que acontece à sua vida, o que sente a partir do momento em que a sua irmã gémea morre.

Por isso, para José Cor-



deiro, bispo de Bragança, é "um livro de uma enorme humanidade. Eles têm a percepção de que são contemplados pelas imagens. É Deus que os contempla a eles e não o contrário, porque a visão dos homens é limitada. A frase com que encerra o livro é paradigmática: quem não sabe perdoar só sabe coisas pequenas". Considera que também O filho de mil homens tem uma dimensão humana enorme: "toca os problemas fundamentais do homem. Deus ou tem um rosto humano ou o que se diz sobre ele é tudo mentira. Por isso, esse livro é um contributo fundamental pelo diálogo

que promove hoje. Muitas pessoas estão perdidas e é preciso que elas se deixem olhar por Deus, que se deixem iluminar por essa luz. São precisas pessoas que sejam capazes com a sua qualidade do dizer de os aproximar. Um dia José Rodrigues perguntou-me o que era a fé e eu perguntei-lhe o que era para ele a arte. Ele respondeu que era uma forma de dizer deus. Estava bom caminho, respondi-lhe, então, eu."

Para Valter Hugo Mãe, mais importante do que acreditar na transcendência, é acreditar nos outros. "A humanidade começa no outro. É o outro que nos faz gen-

te". Por isso o mérito é tão importante para ele "pensar, ser inteligente, permite amar, conceber arte" A transcendência só se coloca depois de a merecermos".

Essa consciência de que o outro é fundamental na construção de cada um está presente também em "o remorso de baltazar serapião". "É a profunda ligação do protagonista à mãe e às irmãs que fez com que agredisse tudo aquilo que as agredia. Almada Negreiros dizia que os animais deviam ter o apelido da família que os acolhe. Eu inverti o processo. Inventei a vaca e fiz o contrário: é ela que dá o nome à família. Esta obra



Encontr@rte 2014

Fazer do vazio oportunidade

Os dias 9 e 10 de Maio encheram-se de ideias para os que aceitaram o apelo da quarta edição do Encontr'arte e foram ao encontro das diversas ideias e iniciativas que este propôs sob o mote "Encontros de Ciência, História e Arte com o Património" e que decorreu nos vários espaços culturais que fazem da Rua Abílio Beça, em Bragança, uma artéria privilegiada da cidade.

Luísa Diz Lopes

O projeto é dinamizado pela Promovido pela Raiz Editora e o Centro de Formação de Escolas de Bragança Norte, tendo como parceiros de acolhimento o Museu Abade Baçal e o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. A excelente coordenação de João Lima encerra assim nesta cidade transmontana o projeto que nos últimos anos colocou milhares de professores a ouvir, falar e experimentar arte.

Os dois dias do evento, destinado a professores, trouxe a Bragança projetos de todo o país através da voz daqueles que os dinamizam e que partilham o desejo comum de aproximar a sociedade dos espaços culturais e proporcionar o intercâmbio saudável entre as diversas linguagens do homem. Durante este percurso formativo os presentes conheceram as atividades, os esforços e intenções, os sucessos e constrangimentos e viram, sobretudo, como há quem não baixe os braços e continue a acreditar que é sempre possível fazer mais pela arte e educação em Portugal, incentivando a realização de práticas pedagógicas e projetos

inovadores que relacionem a Ciência, a Arte, o Conhecimento, a Escola e o Património Histórico, Cultural, Imaterial e Científico que conferem um novo ânimo e sentido à actividade docente.

No primeiro dia, depois da abertura oficial, a primeira conversa, "Encontros de Pensamentos, Perguntas e Curiosidades", fez confluir três importantes testemunhos: Jorge Costa ofereceu aos participantes uma curta viagem pelo património de Bragança, destacando o Centro de Arte Contemporânea e as exposições que nele podiam ser visitadas no momento, nomeadamente a de Bernardí Roig, já que é a primeira vez que o conceituado artista espanhol expõe em Portugal; a Casa das Histórias de Paula Rego, que Catarina Aleluia e Diana Silva defenderam mostrando a sua riqueza e abertura a mil outras possibilidades e artistas, na senda da vontade da pintora que lhe dá o nome; os "não lugares" que Vitor Tavares quer incentivar todos a procurar e divulgar nas suas cidades para que estes possam ser intervencionados e social e arquitetonicamente integrados. A polémica designação destes espaços haveria de ser retomada muitas outras vezes ao longo do encontro. O encerramento do dia foi com chave de ouro e deveu-se à excelência do Projeto Fauna, de Aveiro, que através de Joaquim Pavão e Isabel Fernandes Pinto, apresentou "Fian-deira", uma belíssima performance/arte.

A manhã do segundo dia teve uma componente mais prática, com diversas oficinas de exploração criativa a decorrer em

simultâneo em dois espaços incontornáveis no espaço cultural brigantino: o Museu Abade de Baçal e o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. Neles experimentou-se pintura, fotografia, dança, tipografia. E a história aconteceu. No meu caso, a opção pela oficina dinamizada por Vitor Tavares revelou-se surpreendente pela sensibilização para necessidade de agir no sentido de evitar a degradação de espaços da

conseguir a concretização plena dos seus objetivos. Na segunda conversa, Marta Ribeiro, Dulce Ferreira, e Vânia Meleiro mostraram vários espaços de eleição nacional: o Museu da Imprensa, no Porto, um espaço de referência nacional que além de ser um museu vivo que tem levado milhares de alunos numa viagem pela história da imprensa e que acolhe também anualmente o Porto Cartoon; o Museu Arqueológico de

o presente de forma lúdica e apelativa; a Fábrica Centro de Ciência Viva, de Aveiro, que, como defendeu Dulce Ferreira, quer contribuir para que os jovens sejam capazes de com um olhar próprio ver as outras faces do mundo, de se questionarem e ouvirem.

A terceira e última conversa, "Encontros entre a Palavra, a Imagem e a(s) Cultura(s)", juntou Ana Maria Afonso, que mostrou a beleza, riqueza

esta é capaz de operar nas pessoas.

O encerramento do segundo dia veio com um apontamento musical em piano e flauta pelos alunos do Conservatório de Música de Bragança.

Dois dias, múltiplas ideias que fomentaram o "conhecimento e a reflexão em torno da temática do Património material e imaterial na relação pedagógica com as diferentes áreas disciplinares e em dinâmica com as



cidade que outrora lugares são hoje não-lugares. De olhar atento e máquina fotográfica à mão, os formandos percorreram as ruas e becos da cidade e partilharam e discutiram as opções fotográficas que tomaram.

A tarde abriu com o texto de Almada Negreiros "O homem que não sabia escrever", que deu o mote para a importância da riqueza interior, do conhecimento, de contactos que desbloqueiem o pensamento, já que a escola sozinha parece não

São Miguel de Odrinhas, perto de Sintra, que além da exposição permanente, intitulada "O livro de Pedra", onde pedras tumulares, sarcófagos, lapidares romanas epígrafas contam a história do homem desde a época etrusca à idade moderna tem exposições temporárias e desenvolve diversas oficinas educativas, este ano subordinadas ao tema "A herança da cultura clássica", que conduzem os jovens a um melhor conhecimento do passado e à sua comparação com

e dinamismo do Museu Abade de Baçal, em Bragança, espaço que tem proporcionado aos jovens um importante contacto com a história; Joana Andrade, do "Espaço-corpo", que rapidamente e sem que se desse conta disso foi capaz de inverter as posições da sala: o observador converteu-se em observado e a perspectiva mudou de facto; Fernanda Santos, da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, mostrou o poder da arte na transformação que

comunidades escolares", como era objetivo deste encontro. Dois dias, múltiplas ideias que mostraram como a escola pode associar-se às outras instituições culturais para fornecer aos alunos conhecimentos e ferramentas de que eles precisam para se expressarem nas múltiplas linguagens que têm ao seu dispor, para que o espaço vazio e a folha em branco sejam vistos não como bloqueios, mas antes como oportunidades.

é uma forma de mostrar a infelicidade da mulher ao longo da história. Ela foi bestializada ao longo da história. O remorso dele é inquinado, horro-

roso. Ele é terrível com as mulheres. Foi a forma que encontrei de mostrar esta violência. A idade média é a idade mental daquele livro. Por isso

inventei uma linguagem que parecia antiga, aquilo que Saramago designou como um novo parto da língua portuguesa. Posso dizer que não me custou,

ela surgiu, naturalmente, porque pertencia àquela história. Confesso que me assustou. Colou-se a mim durante algum tempo. Demorou quase um ano

a soltar-se. Quando o livro saiu, pasmei. Isto dos livros é incrível. Os livros devolvem-nos uma versão de nós. Escrever é o melhor que eu posso fazer.

Para mim é um espanto escrever."

Um admirável mundo para proteger

No dia 12 de maio, foi realizada, pelas turmas A, B e C do 8º ano de escolaridade, uma atividade subordinada ao tema “Proteção e Conservação da Natureza”, no recinto da feira.

Mariana Magalhães, - 8ºC

A atividade decorreu no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, sob a orientação da professora Sónia Rodrigues, e surge da necessidade de alertar a população para o impacto negativo da população humana sobre os diferentes subsistemas do planeta, biosfera, atmosfera, hidrosfera e geosfera. O crescente aumento populacional, o desenvolvimento tecnológico e o aumento descontrolado do consumo de recursos naturais têm como consequência a produção de uma enorme quantidade de resíduos – materiais que, desde a sua produção ao consumo, se vão deitando fora por, aparentemente, não terem utilidade. A proliferação de resíduos tem constituído um problema importante da nossa sociedade e para minimizar o impacto da acumulação de resíduos, é necessário proceder à sua recolha e tratamento, de forma a garantir condições de segurança e qualidade de vida das populações.

Depois de iniciada a unidade “Gestão Sustentável dos Recursos – Proteção e Conservação da Natureza”, no contexto sala de aula surgiu a ideia de promover uma iniciativa de sensibilização à comunidade extra-escola pois, se cada um fizer a sua pequena parte, separando os

resíduos que produzem, estará a contribuir para a proteção do ambiente, assim como também estará a ajudar-se a si e ao próximo, contribuindo para um desenvolvimento sustentável do planeta. A poluição descontrolada é um problema que afeta milhares de espécies, incluindo a espécie humana, em todos os locais do mundo, portanto devem ser realizadas atividades que sensibilizem e contribuam para a minimização deste problema.

Esta ação, que contou com a participação numa fase inicial da professora Helena Diegues de Ciências Físico Químicas, decorreu durante a realização da feira semanal, onde há produção de bastantes resíduos como embalagens

de plástico e papel e onde teríamos oportunidade de contactar com os feirantes e onde muitas pessoas do nosso conselho se deslocam. A atividade consistiu na recolha de resíduos (lixo) deixado pelos feirantes, separando devidamente e colocando nos ecopontos respetivos, colaborando assim para a limpeza geral da feira. É importante salientar que desde o início da atividade, cerca das 8 horas e 30 minutos, nos apercebemos que alguns feirantes tinham perto das suas tendas, sacos enormes pretos, onde iam depositando os resíduos produzidos. Cada turma, organizou-se em pequenos grupos que ficaram encarregues de fazer a separação dos resíduos por filas de

barracas, durante o decorrer da sua aula. No primeiro tempo da manhã, fomos acompanhados pelas docentes Helena Diegues e Sónia Rodrigues. Refira-se que em alguns casos houve uma grande interação entre feirantes e alunos, pois apenas tínhamos de separar os seus resíduos, previamente colocados nos seus sacos e levá-los ao ecoponto. Apesar da receptividade e troca de impressões sobre o tema, com a maioria dos feirantes e, também, o apoio e louvores tecidos por transeuntes que faziam as suas compras, sentimos alguma relutância por parte de alguns feirantes que nos sugeriram que passássemos no final da feira. Assim fizemos e o que encontramos en-

tristeceu-nos. Todavia, a satisfação por todo o trabalho que desenvolvemos foi muito superior. Em geral, as turmas gostaram de participar na iniciativa e contribuir para um mundo melhor e sustentável, sensibilizando as pessoas para a separação de resíduos, tendo sido, também, para nós próprios um momento de reflexão sobre a nossa conduta, relativamente a esta temática, que neste dia, inevitavelmente, foi abordada nas nossas casas. Na conversa com dois alunos da mesma turma, a feirante, Fernanda Santos, que tinha desde cedo o seu saco pronto para encher de resíduos afirmou: “separo os resíduos e deviam ser aplicadas coimas, como em alguns países, às pessoas

que não o fazem.” A atividade foi enriquecedora e pensamos que a mensagem transmitida foi bem acolhida por todos, tendo sido os resultados positivos. A colaboração dos feirantes conjuntamente com o nosso trabalho deixou o local da feira muito mais limpo do que é habitual.



“(...) se cada um fizer a sua pequena parte, separando os resíduos que produzem, estará a contribuir para a proteção do ambiente, assim como também estará a ajudar-se a si e ao próximo, contribuindo para um desenvolvimento sustentável do planeta.”

Floresta e água para que vos quero

No dia 21 de março, no âmbito da disciplina de ciências naturais, as turmas de 8º ano realizaram uma atividade relacionada com os dias Mundial da Floresta e da Água, que se realizam respectivamente a 21 e 22 de março, direcionada para alunos do 1º ciclo, que frequentam a escola Augusto Moreno, com o objectivo de partilhar os seus conhecimentos, reforçar ou sensibilizar os mais novos a modificar pequenos hábitos diários relacionados com a importância e proteção das florestas e da água. Pretendia-se, ainda, que a informação chegasse às suas famílias.

Ana Cristina Afonso, André Padrão - 8º B

As turmas envolvidas na actividade eram de 1º e 2º ano e foram acompanhadas pelas professoras Maria da Ascensão e Cristina Silva e de 3º e 4º, pelas professoras Fernanda Costa e Clotilde Felício.

A proteção do ambiente e a redução da pegada ecológica são cada vez mais necessárias para um aumento da qualidade de vida, no presente e para as gerações futuras, contribuindo para um desenvolvimento sustentável dos recursos naturais, como os biológicos que contemplam as florestas e os recursos hídricos, ou seja, a água.

A preparação das diversas actividades decorreu durante a leccionação dos conteúdos programáticos relativos ao tema, pela professora Sónia Rodrigues, na disciplina Ciências Naturais, tendo, também, sido necessário o apoio dos docentes das disciplinas de Educação Tecnológica e Educação Visual, António Sá e Carlos Vicente, respetivamente, que, prontamente, disponibilizaram algumas das suas aulas e prestaram o apoio necessário. Desta forma, a preparação das diversas actividades foi frutífera pois pudemos adquirir e relembrar conhecimentos sobre esta temática.

Foram realizadas as seguintes actividades – jogo do dado, explicação e demonstração através de um trabalho prático e de maquete da formação das chuvas ácidas e suas consequências para os seres vivos e agricultura; identificação das fases

envolvidas no ciclo da água, numa maquete; elaboração de uma árvore com desenhos de mãos, em papel de cenário; interpretação de uma Carta Europeia da Água ilustrada; jogos de correspondência e questionário sobre actividades diárias de consumo de água e medidas de poupança de água e a actividade – “Vamos semear um girassol.” Refira-se que esta foi realizada pelos meninos de 1º ciclo, mas também decorreu no recinto da escola-sede, tendo sido concretizada por alunos de outros ciclos de ensino, acompanhados pelos professores António Sá e Carlos Vicente, e com a colaboração do Sr. Aveilino Caluico, assistente operacional da escola.

No final das actividades foi feita a distribuição de fruta, reforçando a importância das árvores como fonte de alimento e dos fatores de que dependem para o seu crescimento e desenvolvimento, tais como a água, o solo, o ar e a temperatura. Destacou-se, também, a sua importância como reguladoras da qualidade do ar, já que consomem dióxido de carbono para realizar a fotossíntese, regulando a quantidade deste gás na atmosfera, que, em excesso, é considerado um gás com efeito de estufa (GEE) e contribui para o aquecimento global, e, ao mesmo tempo, libertam oxigénio, utilizado pelos seres vivos para a realização da respiração celular, permitindo a obtenção de energia pelos mesmos. Como recorda-



ção, foram, ainda, oferecidas flores elaboradas com matérias reutilizadas, como tampas de líquidos e cápsulas de café. Consideramos que a actividade decorreu muito

bem, tendo sido bem evidente o envolvimento de todos os alunos e professores, considerando, portanto que os objectivos foram cumpridos. Esperamos, agora, que todos cum-

pram o seu dever.

O Homem e o futuro

O Homem tem tido uma má relação com a Natureza, pois há cada vez mais árvores, plantas e animais a desaparecerem. Continua a poluir o ar com os fumos das fábricas e a água com os canos de esgoto.

Na minha opinião, se não fizermos nada, não teremos um futuro sustentável e talvez nem teremos futuro. Por isso, temos de ajudar o planeta da melhor forma, por exemplo: participar em campanhas de limpeza, pôr filtros nas chaminés das fábricas, parar a poluição das águas e proteger as espécies em vias de extinção.

O Homem está a avançar com estas medidas, mas muito lentamente. Algumas pessoas até continuam a gastar estes recursos, tão importantes para a nossa sobrevivência. Mas, se todos colaborarem, podemos ter um grande futuro, em paz com a Natureza!

José Neves- 6ºD

Escola Abade de Baçal na sessão nacional do parlamento dos jovens - Básico Droga – evitar e enfrentar as dependências

Guilherme Teixeira Morais, 9ºA

Marta Genésio e Ricardo Silvano, alunos do Agrupamento Abade de Baçal, representaram o distrito na sessão nacional do Parlamento dos Jovens, que decorreu nos dias 5 e 6 de Maio, na Assembleia da República. O tema deste ano do projeto era a prevenção da toxicod dependência e durante os dois dias os jovens defenderam as suas propostas, iniciando-se, desse modo, no debate plural e democrático.

A saída de Bragança estava marcada para as 6h00 da manhã do dia 5 de maio, no pavilhão do NERBA, onde um autocarro enviado pela Assembleia da República recolheria os jovens de Bragança rumo à Assembleia da República, no qual iriam também os dos círculos de Vila Real, Viseu, Guarda e Coimbra. Os deputados, Marta Genésio e Ricardo Silvano, o jornalista, Guilherme Morais, e a professora responsável, Olinda Oliveira, esperavam com muita expectativa a chegada a Lisboa.

Quando, cerca das duas da tarde, chegámos a Lisboa fomos conduzidos à Assembleia da República, a casa da democracia, onde os debates na generalidade já estavam a decorrer. Às 14h00 começaram as reuniões das quatro comissões para debate, na generalidade e na especialidade, dos Projetos de Recomendação aprovados nos diversos círculos eleitorais, sob orientação de Deputados da Assembleia da República, em representação dos Grupos Par-

lamentares. Bragança ficou na sala 3, na 3.ª Comissão, juntamente com o Porto, Leiria, Faro e Viseu, estando ainda presentes dois deputados de Viana do Castelo e dois de Coimbra.

Após o debate, cada Comissão aprovou um projeto comum, com um limite máximo de cinco medidas, e três perguntas a apresentar aos Deputados da Assembleia da República, não esquecendo que cada círculo podia propor a eliminação/corte de uma medida do texto base, alteração de redação, que consiste na modificação de uma expressão ou propor a combinação de duas medidas, e, por último, um aditamento, sendo este o acréscimo de uma medida que constasse de um dos outros projetos, desde que fosse sobre matéria diferente da que constasse do texto base. Este projeto seria apresentado na Sessão Plenária, no dia seguinte, 6 de maio.

Às 17h00 foi-nos oferecido um lanche e às 18h00 dirigimo-nos à Sala do Senado para desfrutarmos de uma atuação da turma

do 8º ano do ensino articulado da Escola Básica de Rio Tinto nº 2. Em seguida, foi-nos igualmente oferecido um jantar no Palácio de São Bento.

Estava marcada para as 21h00 a saída para os respetivos alojamentos, tanto no Inatel, como em Pousadas da Juventude. Apesar do cansaço, o entusiasmo era grande, pois, para muitos, era a primeira vez que estavam na Assembleia e poucos tinham participado já neste projecto.

No dia seguinte, o encontro decorreu por volta das 9h30, novamente no Palácio de S. Bento e, depois, na Assembleia, o plenário foi aberto de forma solene por um representante da Presidente deste órgão, Maria da Assunção Andrade Esteves. Cerca das 10h30 teve início o período de perguntas aos Deputados da Assembleia presentes, umas mais inofensivas, outras mais polémicas, como a que foi colocada pelo porta-voz do círculo eleitoral do Porto, André Fernandes, que expressou a sua indignação face às opções políticas atuais no que diz respeito à educação e foi ovacionado pelos presentes. Às 11h30 deu-se início, então, ao debate da Recomendação à Assembleia sobre o tema proposto, as drogas. Enquanto isso, os jovens jornalistas das Escolas estavam numa conferência de imprensa com o Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura.



Às 13h00 foi novamente oferecido um almoço no palácio de S. Bento e, entre as 14h00 e as 15h30 concluiu-se o debate e a votação final global da Recomendação à Assembleia da República, contendo 10 medidas que seriam posteriormente discutidas

na Assembleia pelos deputados dos diversos partidos. O Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, Deputado Abel Batista, encerrou a Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens – Básico.

Os alunos que participaram no projecto esperam que esta iniciativa se prolongue por muitos mais anos, como afirmou Marta Genésio, porta-voz do distrito de Bragança, que defendeu que “estas iniciativas são fundamentais no desenvolvimento da cidadania e consciência política nos jovens e é, por isso, fundamental, agradecer à Assembleia da República pela oportunidade que dá aos jovens de Portugal de se expres-

sarem e lutarem pelo seu país.” A jovem lamentou, no entanto, que a final do projeto decorresse apenas no mês de maio, tão próximo do final do ano letivo, o que, para ela, “constitui um entrave à participação de muitos jovens, sobretudo do 9º ano e do ensino secundário. Tenho colegas de 12º que não formaram nem integraram listas porque sabiam que neste altura não poderiam estar a fazer longas viagens e perder estes dias. Talvez não seja um entrave a quem vive em Lisboa ou próximo, mas os que estão distantes, como nós, são bastante prejudicados.”



Centro Ciência Viva Escolas mostram projetos

Paula Minhoto

A MOSTRA DE CIÊNCIA Ensino, Tecnologia e Inovação é promovida, anualmente, pelo Centro de Ciência Viva de Bragança e a nossa escola tem participado desde a primeira edição com vários projetos em várias áreas e de vários níveis de ensino.

Os objetivos desta mostra são, por um lado, proporcionar à comunidade escolar um local de apresentação e partilha dos projetos científicos desenvolvidos no contexto escolar por alunos e professores e, por outro

lado, incentivar a comunidade em geral, a adotar uma participação ativa na aprendizagem científica, através de uma abordagem informal à ciência.

A VII edição deste evento, sob o tema “Agricultura familiar” decorreu entre 30 de Abril e 9 de Maio e para participar nela os professores tiveram de desenvolver, antecipadamente, os projetos com os seus alunos, construir os materiais e elaborar os resumos a enviar ao Centro de Ciência Viva para integrar o livro de resumos. A montagem

e distribuição dos materiais na exposição foi, também, da responsabilidade dos professores envolvidos.

Neste ano o agrupamento participou na mostra através de um conjunto variado de trabalhos decorrente da participação de alunos dos vários ciclos de ensino que integram o agrupamento.

Sustentabilidade na Terra – alunos de 8º ano Ciências Naturais

Banco de sementes e “Do grão ao pão” – alunos do ensino secundário Plantas medicinais –

alunos do ensino profissional

Como vem referido no livro de resumos desta mostra “a participação ativa dos alunos no desenvolvimento destes projetos nas escolas estimulados por professores dinâmicos, incrementa o seu interesse pela atividade experimental e proporciona uma compreensão mais abrangente de vários aspetos da ciências e tecnologia”.



Voar mais alto

No dia 8 de maio, decorreu, no Teatro Municipal, o sarau do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, “Voar Mais Alto” com direção artística de Joana Neiva.

Joana Filipa Alves, Maria Manuel Gorgueira - 9ºB

O sarau esteve integrado na semana do Teatro Aberto dedicada ao Agrupamento e que incluiu, além deste espetáculo, exposições temáticas, momentos musicais e a apresentação da peça de teatro “Diários de Adolescentes”.

Foi um espetáculo que incluiu teatro, acrobacias, e coreografias onde ingressaram alunos do

quinto ao décimo ano de escolaridade.

Os alunos do segundo ciclo representaram um conjunto situações sobre a música, água, entre outros. Realizaram, ainda, uma coreografia da música “Best Song Ever” da banda britânica One Direction.

Em seguida, estudantes do terceiro ciclo e ensino secundário apresenta-

ram números de dança contemporânea e “breakdance”.

O décimo ano de escolaridade realizou pirâmides humanas onde se podiam observar palavras de afeto.

Foi-nos, ainda, proporcionado um outro número de acrobacias, nomeadamente saltos de trampolim, que incluíam alunos de vários anos de escolaridade.

O momento alto da noite foi o solo acrobático de Maria Francisca de Barros do 10ºB, com o tema “Human” de Christina Perri. A aluna concretizou e coreografou o esquema

completamente sozinha e é, por isso, de louvar a sua apresentação que encantou, toda a audiência.

Foi sem dúvida, uma noite de emoção e talento por parte dos alunos do nosso agrupamento.

Voice Global

No dia 23 de Novembro, o auditório da sede do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal recebeu o Voice Global.

Guilherme Moreira - 9ºA

Esta sessão constituiu-se como um espaço de aproximação entre os pais e encarregados de educação e o meio escolar. A conferência foi uma organização conjunta da Associação de Estudantes e Associação de Pais do Agrupamento.

António Campos Romay, presidente da fundação Instituto de Estudos Políticos e Sociais, participou na palestra alertando para as consequências dos cortes no ensino. Houve também a intervenção de o Dr. Albino Almeida onde defendeu um modelo de educação que é adotado na Escola Básica da Ponte. Esta, localizada no distrito do Porto, caracteriza-se por ser uma escola que adota um modelo de ensino diferente do tradicional. Aqui dá-se preponderância ao aluno, assumindo-se como valores fundamentais a solidariedade, a autonomia e a responsabilidade. Concebido de forma inovadora, este tipo de ensino que procura ser mais integrado e integrante, é reconhecido como modelo a nível mundial.

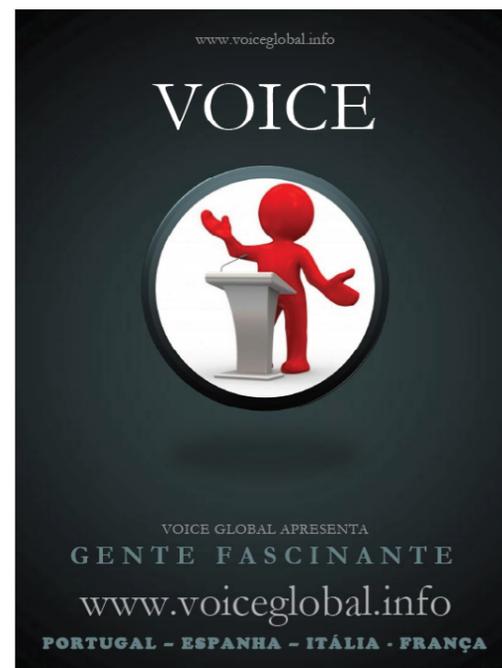
Um dos exemplos positivos dados na sessão foi

o da ex-aluna do Agrupamento, Joana Silva, que atualmente trabalha como economista sénior no Banco Mundial em Washington, E.U.A..

Recorrendo às novas tecnologias, através de videoconferência, Joana Silva elencou as diferenças entre o ensino Europeu e Americano, destacando que “... uma coisa que eles cultivam mais é o falar em público, de apresentar...” no entanto “... eles põem menos ênfase nas línguas.” Destacou também o contributo da relação entre professores e alunos para o sucesso destes no futuro, salientando o seu esforço para se superarem a si próprios sem nunca desanimar.

No decorrer da sessão, a diretora do Agrupamento, bem como os alunos, tiveram também oportunidade de se expressar, terminando a sessão com entrega de certificados.

Voice Portugal é uma organização que está para além das conferências. Esta abrange as mais variadas áreas e ideias sendo de destacar, segundo Álvaro Carva, os seus fins solidários, artísticos, educativos e científicos. Contando com a presença de ilustres oradores, nestas conferências debatem-se temas atuais e relevantes para toda a sociedade. O coordenador deste projeto em Portugal é Manuel Gonçalves Alonso.



O temível Barba Azul

Desde pequenos que ouvimos falar do Barba Azul, que é um dos responsáveis por muitos dos medos que povoam o imaginário infantil. Quem era ele realmente? Porquê o nome de Barba Azul? Por que razão era temido?

Barba Azul é a personagem principal de um famoso conto infantil sobre um nobre violento e sua esposa curiosa. Com o título de "La Barbe-Bleue", foi escrito por Charles Perrault e publicado pela primeira vez no livro que ficou conhecido como *Les Contes de ma Mère l'Oye*, de 1697.

Barba Azul era um rico aristocrata, assustador por ser muito feio, com uma horrível barba azul. Ele já se tinha casado seis vezes, mas ninguém sabia o que tinha acontecido com as esposas, que desapareceram. Certo dia, Barba Azul anuncia que queria casar outra vez, deixando todos apavorados com receio do que poderia acontecer à futura esposa.

Pouco tempo depois de se ter casado, o Barba Azul avisou que iria

viajar por uns tempos, deixando tudo à sua esposa, incluindo a chave de um pequeno quarto onde ele a havia proibido de entrar. Logo que ele se ausentou, a mulher começou a sofrer de grande curiosidade sobre o quarto proibido e, certo dia, entrou nesse quarto e descobriu o segredo do marido. O quarto proibido era, na realidade, o quarto onde Barba Azul tinha morto as ex-esposas e onde as tinha guardado. Apavorada, ela trancou o quarto, mas não viu que o sangue havia sujado a chave.

Mal Barba Azul retornou da sua viagem, percebeu imediatamente o que sua esposa tinha feito. Cego de raiva, ameaçou-a, mas ela conseguiu escapar e trancar-se junto da irmã, na torre mais alta da casa. Quando o marido, armado com uma espada, tentava derrubar a porta, chegaram os dois irmãos das mulheres. Os irmãos mataram o nobre enlouquecido e salvaram as suas parentes.

A mulher do Barba Azul ficou com a fortuna do

marido morto: com parte do dinheiro, ajudou sua irmã a casar com seu amado e a outra parte deu aos seus irmãos. Ela guardou o dinheiro restante, até se casar com um cavaleiro que lhe fez esquecer do suplício que passara.

Muitas pessoas pensam que, apesar de ser classificada como um conto de fadas, esta história seja baseada num nobre bretão do século XV e notório assassino, Gilles de Rais. Outros apontam a sua origem para a obra de São Gildas, que viveu no séculos V-VI. Ele descreveu um nobre, "Conomor, o amaldiçoado", casado com uma mulher aristocrata, Triphine. Ela foi avisada pelos fantasmas das ex-esposas do nobre, assassinadas quando estavam grávidas. Quando também engravidou, foi morta pelo marido, mas



São Gildas milagrosamente ressuscitou-a. Quando ela regressou junto de Conomor, as paredes do castelo ruiam. Conomor é uma figura histórica, que os camponeses locais achavam que era um lobisomem.

De qualquer modo, é consensual que se trata de

uma história demasiado cruel para entreter crianças, embora tenha alguns ingredientes próprios destas histórias: um final feliz, o vilão que é castigado no final, os obstáculos que a mulher venceu para conseguir a felicidade, a torre onde ela se refugiou, o quarto com segredos

que só o dono da casa pode conhecer, a chave que abre a porta e desvenda os segredos se não se conseguir dominar a curiosidade.

A cor da água

Duarte Augusto, 9ªA

Já alguma vez se questionaram por que razão a água nas garrafas é transparente, mas no oceano azul?

A resposta pede ajuda à Física e relaciona-se com a luz e o modo como esta se comporta com o oceano.

Assim, a água, na realidade, pode apresentar vários tons, que dependem das partículas que estão suspensas, da quantidade de luz que incide nesta e da sua profundidade. Além disto, a cor que vemos depende dos comprimentos de onda de luz que são refletidos na água e que são visíveis aos nossos olhos. É aqui que a Física entra.

A cor depende também da composição do material que se encontra na água e assim diversos comprimentos de onda, no caso do mar, próximo ao espectro azul, viajam até ao fundo do mar, enquanto outros comprimentos de onda são absorvidos, inicialmente, e também porque as moléculas da água ajudam a propagar o azul e refletem-nos em diversas direções.

É por estas variadas razões que podemos ver a água dos oceanos azul.

No Castelo do Barba Azul
George Steiner
Relógio d'Água

“Para caracterizar a cultura contemporânea, Steiner escreveu em 1971 um ensaio, que intitulou No Castelo do Barba Azul. Este título tem tanto de sugestivo como de inquietante. Todos nos lembramos do conto tradicional em que um tenebroso senhor, de barba azul, guardava um terrível segredo bem aferroado no quarto do seu castelo. Era nesse verdadeiro quarto dos horrores que escondia os cadáveres esquarterados das sucessivas mulheres com quem se casara, mas que invariavelmente assassinara.

O compositor húngaro Bela Bartok fez deste conto tradicional o libreto de uma das suas óperas. E George Steiner, logo na abertura do seu ensaio sobre a cultura contemporânea, convo-

ca uma personagem de Bartok, querendo com ela precisar todo o sentido da viagem que quer empreender conosco. Escreve então: “Dir-se-ia que estamos, no que se refere a uma teoria da cultura, no mesmo ponto em que a Judite de Bartok quando pede para abrir a última porta para a noite” (Steiner, 1992: 5).

Abrir a última porta para a noite! É isso o que faz Steiner neste seu ensaio, que é uma porta aberta sobre “O grande tédio” (título do primeiro capítulo); sobre “Uma temporada no Inferno” (título do segundo capítulo), sobre a “Pós-cultura” (título do terceiro capítulo). Mas estas “notas para uma redefinição da cultura”, qual última porta aberta para a noite do seu castelo,

não significam qualquer conformismo ou submissão à noite por onde entra. Referindo-se ao “Amanhã”, título do quarto e último capítulo do seu ensaio, George Steiner tem esta palavra de lucidez, ao mesmo tempo trágica e heróica: “Não podemos optar pelos sonhos da ignorância. Abriremos, penso eu, a última porta do castelo embora ela possa levar, ou talvez porque ela pode levar, a realidades que estão para além da capacidade do entendimento e controlo humanos. Fálmo-emos com a lucidez desolada, que a música de Bartok prodigiosamente nos comunica, porque abrir portas é o trágico preço da nossa identidade” (Steiner, 1992: 141).”

Tecnologia e Sonho da Humanidade, interven-



ção de Moisés de Lemos na primeira sessão plenária do VI Encontro da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (LUSOCOM), acolhido pelo III.º Congresso Português da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação

Picasso - fase azul

Joana Alves e Maria Manuel, 9ºB

Estamos rodeados por uma imensidade de cores. Existem as frias, as quentes, as primárias, secundárias e terciárias. Entre as frias encontra-se o azul.

Se há uma arte em que o azul é bastante utilizado é a pintura. Em alguns pintores, o azul parece ocupar um espaço preponderante, como é o caso de Pablo Picasso, tendo uma fase designada de "Fase Azul" (1901-1906).

A Fevereiro de 1901, o seu amigo pintor Carlos Casagemas suicidou-se num café parisiense, por

um amor não correspondido a uma modelo, Germaine. Apenas no verão desse mesmo ano, Picasso começou, através da pintura, a reconciliar-se com a morte do seu amigo desencadeando-se, assim, a "Fase Azul" e criando a sua primeira obra desta época "A Evocação - O Funeral de Casagemas 1901". Para ele, a pintura não era apenas a linguagem em que se exprimia; através dela, ele apreendia, também, o mundo e tentava compreendê-lo: "Comecei a pintar azul quando me apercebi de

que Casagemas tinha morrido." Utilizou esta cor durante quatro anos, tornando-se os quadros de ano para ano mais monótonos.

Só poucos conheciam o espanhol que tinha acabado de completar vinte anos. Ainda vivia, de uma maneira pobre no atelier de mansarda que o seu galerista Mañach lhe tinha arranjado. Fora, anteriormente, o local de trabalho de Casagemas e foi também aqui que foi pintada a tela do seu enterro. Poucas telas resultaram dessa época e Picasso

foi de novo acometido pela sua irrequietude. Essa inquietação levá-lo-ia, mais tarde, a mudar frequentemente de sítio. Finalmente, fixou a sua moradia em Barcelona por um ano, começando o seu trabalho com um novo entusiasmo.

A fase azul começou com o tema morte e terminou com os temas solidão e falta de amor com os quadros



Costa azul

Marta Genésio, 9ºA

A Costa Azul é um destino de sonho onde as belas paisagens, o clima mediterrânico, o cosmopolitismo e o glamour se encontram. As cidades da costa azul são "passerelles" onde desfilam a moda, o cinema, a arte, a cultura.

Debruçada sobre o Mediterrâneo, a Costa Azul oferece praias paradisíacas onde tudo acontece. É também chamada de Riviera Francesa e é considerada uma das áreas mais luxuosas, caras e sofisticadas do mundo.

Tornou-se uma zona da moda entre o fim do século XIX e o começo do XX, particularmente entre as classes altas britânicas. Inicialmente, era uma estância turística de inverno, dado o clima temperado ser comparado

ao do norte e centro da Europa. Todavia, não é, de forma alguma, quente durante este período do ano. Só mais tarde é que se tornou um destino popular também no verão. Algumas das cidades mais importantes da

Costa Azul são Antibes, Brignoles, Saorge Toulon e Villefranche-sur-Mer. A costa azul é considerada uma paisagem paradisíaca e as suas praias são conhecidas pela sua vida noturna e pelas festas. Cada cidade da Costa

Azul apresenta atrações turísticas diferentes, umas distinguem-se pela gastronomia, outras pelos museus que apresentam e outras pelas praias paradisíacas.

Azul animado/ azul da nossa animação

Associamos a cor azul a diversas coisas: o céu, o mar, os olhos e, também, às famosas personagens animadas da nossa televisão como o Pocoyo, os Smurfs, Sulley e o Monstro das Bolachas.

Maria Manuel Gorgueira - 9ºB

Pocoyo é a personagem principal da série de animação homónima anglo-espanhola, criada por David Cantolla, Guillermo Garcia e Luís Gallego, em 3D. O programa gira à volta das aventuras de Pocoyo, um menino de apenas três anos sempre vestido de azul. Ao contrário do que se pensa, o nome "Pocoyo" não é derivado do espanhol "poco yo" (pouco eu). A verdadeira história por trás do nome é contada por um dos seus criadores, David

Cantolla: Quando eu comecei a série minha filha Vega tinha 2 anos. Todas as noites antes de dormir ela rezava uma oração em que dizia "Menino Jesus da minha vida, é uma criança como eu" (em espanhol: "Jesusito de mi vida, tú eres niño como yo"). Como ela ainda não



sabia falar corretamente, em vez de dizer "como yo" no final da oração, ela dizia "poco yo! Os Smurfs ou Os Estrumpfes são personagens

criadas pelo ilustrador belga Peyo. São pequenos seres azuis, que vivem em casinhas em forma de cogumelo, numa aldeia de cogumelos escondida no meio de uma vasta floresta. São governados pelo sábio Grande Smurf. Usa um barrete vermelho, ao contrário do usual barrete



branco dos outros smurfs. Nos arredores da aldeia, vive um feiticeiro e alquimista, Gargamel e seu gato Cruel. Este persegue os smurfs, inicialmente

para os comer, mas, mais tarde, descobriu uma fórmula para obter ouro que tinha como principal ingrediente seis criaturas azuis, mas depois de repetidas falhas, a simples possibilidade de vingança é motivação suficiente. James P. Sullivan, apelidado "Sulley", é o prota-



gonista do filme "Monstros e Companhia". Sulley é um monstro azul alto e peludo com dentes afiados e dois chifres. No filme original é o mais

assustador e popular da Monstros S. A., sendo admirado pelo seu chefe, Waternoose. Apesar de ser um pouco arrogante e desinteressado no que toca aos estudos, consegue ser bondoso, carinhoso e brincalhão. O seu objetivo é seguir as pisadas do seu pai, Bill Sullivan,



e tornar-se um lendário monstro assustador. O Monstro das Bolachas é uma das personagens principais da tão conhecida série Rua de Sésamo. É

uma criatura azul, muito peluda, gentil e amigável. Anda sempre à procura de alguma coisa para comer, mas o seu alimento de eleição são as suas amadas bolachas de chocolate com pepitas também de chocolate. Além disto também costuma comer letras em forma de brinquedo, com o objectivo de ensinar às crianças, de uma forma divertida, o alfabetário.

Assim, ainda que não reparamos, o azul entra nas nossas vidas frequentemente, algumas das vezes na forma de divertidos bonecos animados.

Azibo praia com Bandeira Azul

A Bandeira Azul é um símbolo de qualidade ambiental atribuído anualmente a praias, portos de recreio e marinas que se candidatam e que cumprem um conjunto de critérios: Informação e educação ambiental; qualidade da água; gestão ambiental e equipamentos e segurança e serviços.

Nasceu em 1987, no Ano Europeu do Ambiente com o apoio da União Europeia. Desde então, o número de praias galardoadas tem aumentado de ano para ano, deixando de ser apenas de âmbito europeu e passando a ser global,

contando com países como África do Sul, Canadá e Nova Zelândia.

Exemplo disso é a barragem do Azibo, um dos locais turísticos mais procurados no Nordeste Transmontano. Conta com duas praias com bandeira azul, uma delas premiada consecutivamente desde 2003, é a que mais bandeiras azuis arrecadou em Portugal e na Europa.

Construída em Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança, a barragem foi pensada para acabar com as carências de água do conselho macedense e para servir a agricultura, através da

rega por gravidade.

Quando as obras ficaram concluídas, em 1982, previa-se que demorasse cerca de um ano a encher por completo, mas as chuvas fortes que assombraram a região, fizeram com que em menos de três meses a barragem ficasse rapidamente inundada. Rapidamente as populações locais começaram a acorrer ao local, atraídas pelo enorme espelho de água.

Mais tarde, com a criação das praias fluviais, a construção dos acessos, de um cais de embarcação e de um parque de merendas, a Albufeira tornou-se um sítio verda-

Maria Manuel Gorgueira 9ºB

deiramente atrativo e que convida ao descanso.

No coração de Trás-os-Montes encontra-se o paraíso, um mar interior, um manto de águas cristalinas, uma praia fluvial com bandeira azul. Lazer, sossego e paz. Um sítio ideal para relaxar e desfrutar de um belo momento em família.

Amor azul

O filme “Lagoa Azul” de Richard Kleiser, fala de duas crianças, Emmeline e Richar, e de Paddy, um velho marinheiro, que sobrevivem a um naufrágio, indo parar a uma ilha paradisíaca no sul do Pacífico.

Após algum tempo Paddy morre ficando as duas crianças sozinhas e desprotegidas na ilha. E a partir daí este filme apresenta-nos o percurso das duas crianças, que lutam pela sua sobrevivência, sem orientação

de adultos, bem como o seu desenvolvimento, o período das descobertas.

Ambos aprendem a viver sozinhos e a lidar com as mudanças físicas que surgem com a adolescência. À medida que se tornam mais velhos as afeições que tinham estabelecido em crianças transformam-se num amor sensível e profundo.

Os dias na ilha tornam-se anos e Emmeline e Richard transformam a ilha na sua casa, rodeados

por criaturas exóticas e beleza natural. Emmeline fica grávida e ela e Richard iniciam um novo período de descoberta: aos poucos a barriga a crescer, o nascimento da criança, a amamentação, tudo é uma descoberta!

Ao longo do filme, surgem-nos muitas questões: “Como é que duas crianças vão sobreviver ao vazio do Pacífico?” e “Mas eles vão voltar a ver a civilização de novo?”. “Lagoa Azul” faz-nos refletir sobre assuntos da

nossa vida e, ao mesmo tempo, diverte-nos com as peripécias por que os dois jovens têm que passar. Um filme que mostra de uma maneira bonita e simples o que o período da adolescência traz, as mudanças que faz, o quão importante é a comunidade e a falta que a vida social faz.

Lápis Lazúli

A valiosa Lápis lazúli é uma rocha metamórfica de cor azul, muito utilizada para jóias, caixas, mosaicos, ornamentos, canetas e vasos, que devido às suas cores foi bastante apreciada pelos faraós egípcios para amuletos e ornamentos e ainda hoje é bastante popular.

Na arquitectura, pode-se encontrar nas paredes de igrejas e palácios. Ela pode ser encontrada no Paquistão, mas onde existe com maior valor é no

Afganistão.

Esta pedra é de cor azul mesclado com branco da calcita e grãos dourados da pirita, compacto e maciço de transparência opaca, tem de densidade de 2.7 a 3.0 gramas por centímetro cúbico.

Esta rocha é considerada a pedra oficial do Chile, e para além de ser utilizada pela personagem Dra. Elizabeth Sinskey no livro “O Inferno” de Dan Brown, é também usado como o anel que protege

Damon e Stefan Salvatore da série vampiresca de

terror e romance de The Vampire Diaries.



Margarida Praça, 9ºA

Tubarão azul

O Prionace glauca, mais conhecido por tubarão-azul é da família Carcharhinidae e pode ser encontrado em águas profundas, a 150 metros de profundidade, em águas temperadas e tropicais.

É conhecido pela sua capacidade migratória e, sendo um tubarão oceânico, é oportunista, aproveitando-se por vezes de detritos que são deixados pelos pescadores dos navios.

Tem o hábito de se juntar e as presas são lulas, caranguejos, peixes e aves marinhas.

Podem chegar a 4 metros e 240 quilogramas, mas normalmente não passam dos 2,5 e dos 70, respetivamente.

São caracterizados pelo seu corpo esguio e focinho longo e pontudo. Os dentes, usualmente, são triangulares, pontudos e serrilhados e curvados na mandíbula superior.

São azuis-escuros no dorso e azul mais claro nos flancos e totalmente brancos nos ventres. As barbatanas são mais escuras.

É ouro sobre azul

Maria Manuel Gorgueira 9ºB

Muitas vezes usamos certas expressões, mas não temos ideia do que elas significam.

São ditados ou termos populares que através dos anos permaneceram sempre iguais, significando exemplos morais, filosóficos e religiosos.

Historiadores e escritores sempre tentaram descobrir a origem dessa riqueza cultural, que constituem uma parte importante da nossa sociedade. Mas essa tarefa nunca foi nada fácil.

Em Portugal existe uma infinidade de provérbios

populares que são utilizados no dia a dia, e É Ouro sobre azul é um dos mais conhecidos e utilizados. É uma expressão antiga que começou por ser utilizada nas espingardarias.

Deve-se ao facto das armas apresentarem uma tonalidade azul resultante do aço temperado e das inscrições a ouro colocadas sobre as mesmas.

Hoje em dia é uma expressão que é utilizada para nos referirmos a algo que corre bem, seja no trabalho ou na vida pessoal.

Danúbio azul

Margarida Praça, 9ºA

Danúbio azul é o nome dado para designar uma valsa composta por Johann Strauss II que estreou no Wiener Männergesangsverein a 13 de fevereiro de 1867, e que teve como inspiração o famoso rio Danúbio, o segundo maior rio da Europa, que mede entre

2 845 e 2 888 quilómetros e possui a sua nascente na Floresta Negra, em Alemanha, e foz no Mar Negro, na Roménia.

Muitos consideram a famosa valsa, que tem como objectivo exaltar o tão famoso rio Danúbio, como o hino da Áustria.

Arara azul

A arara azul é da família Psittacidae que pode ser encontrada na Floresta Amazónica e que se encontra-se agora em vias de extinção.

Possui uma plumagem azul, um bico grande, preto e com uma linha amarela e a sua alimentação consiste em sementes de palmeiras de cocos.

A Arara azul vive sobretudo

em áreas fracamente arborizadas, em pares ou bandos. O seu comprimento pode ir até 100 centímetros.

Lápis azul o risco da ditadura

O lápis azul é um símbolo e, ao mesmo tempo, um instrumento de censura da época da ditadura portuguesa do século XX.

Guilherme Moreira, 9ªA

Os censores do Estado Novo usavam um lápis de cor azul para eliminar textos ou imagens de obras ou meios de comunicação escrita. Estes eram submetidos a uma revisão pelos censores antes de serem publicados com a finalidade de evitar a divulgação de mensagens que prejudicassem a ideologia que o poder defendia e, desse modo, proteger a ditadura. Ao mesmo tempo, no caso dos jornais, os cortes das notícias censuradas não podiam ficar em branco e eram substituídos por outro material, frequentemente em cima do limite para a impressão.

Entre o Golpe Militar de 28 de maio de 1926 e durante aos regimes de Oliveira de Salazar e Marcello Caetano, o lápis azul serviu para os censores decidirem o que devia ser publicado ou noticiado. A 22 de junho de 1926 foi criada a Comissão da Censura, sendo que a partir dessa data, os jornais eram obrigados a enviar quatro provas de página e a não deixarem em branco os espaços censurados. Em 1933, a Constituição Portuguesa instituiu legalmente a Censura, que permanece até à Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974.

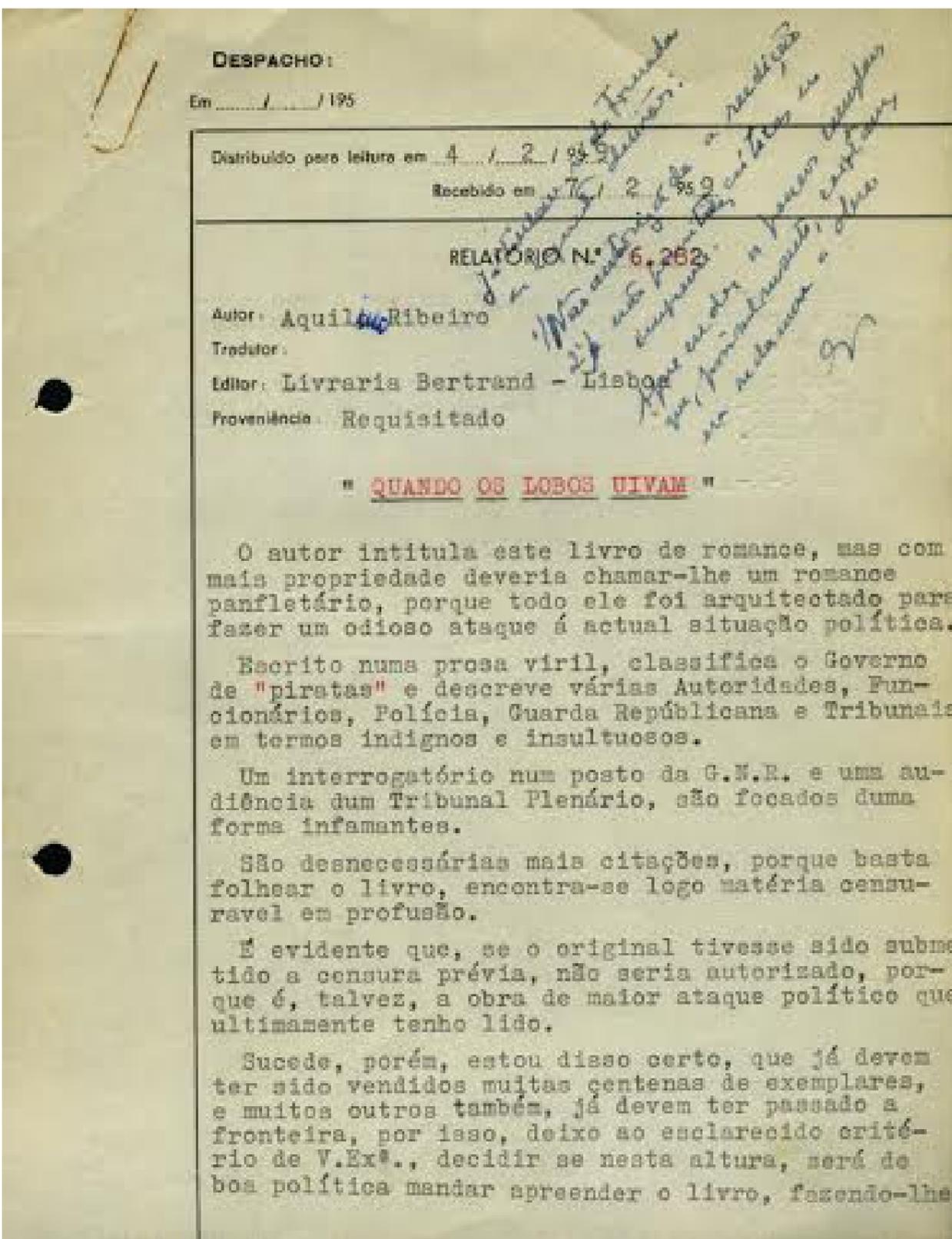
Até setembro de 1968, no governo de Salazar, a comissão responsável pela censura é designada por "Comissão da Censura". Só durante o governo de Marcello Caetano é que esta passa a chamar-se "Comissão do Exame Prévio" mudando apenas o nome, já que os princípios e objetivos se mantêm.

Durante esta época os mais afetados eram os jornalistas, pois tinham

medo de abordar certos temas ou completar determinadas ideias daí haver uma incerteza e pressão, pois estes não queriam ver as suas obras apreendidas e muito menos atrasar a publicação do jornal. O maior problema da censura era quando os cortes incidiam sobre a primeira página, deixar espaços em branco não era uma opção pois a lei proibía o mesmo, sendo que os editores eram obrigados a preenchê-los. Por vezes faziam-no com textos já publicados, outras com anúncios que indicavam os cortes de forma indirecta. Os jornalistas tinham, então, um duplo trabalho, procurar esclarecer os leitores com o maior rigor possível sem ferir os princípios ditatoriais. As próprias vinhetas com cartoons, com grande potencialidade expressiva, eram alvo de censura, conseguindo os censores descortinar mensagens subversivas nas mais inocentes imagens e frases

Os escritores também estavam sujeitos a esta revisão. Ferreira de Castro escreveu, em 1945 que "Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sobre a mesa de trabalho". Por isso, muitas vezes recorriam a termos metafóricos. Por exemplo, em vez de escreverem Revolução escreviam Primavera, em vez de Polícia escreviam Vampiro, tudo isto tornava textos de prosa em obras que recordavam algumas obras poéticas.

Um poema de David Mourão Ferreira, celebrado por Amália Rodrigues como "Fado de Peniche" termina com "Ao menos ouves o vento! / Ao menos ouves o mar", sendo todo o poema uma referência ao sofrimento dos presos políticos no forte de Peniche à beira-mar. Por outro lado, isto tudo causava uma certa obsessão em tentar compreender todos os signifi-



ficados de uma obra, por vezes atribuindo significados que não existiam.

Autores como Soeiro Pereira Gomes, Aquilino Ribeiro, José Régio entre muitos outros, viram as suas obras censuradas. No caso de Aquilino Ribeiro viriu apreendido o seu livro "Quando os lobos uivam" em 1958. O regime considerava o livro injurioso para o Estado português.

Por fim, a censura não se applicava apenas a jornais e livros, sendo que filmes e peças de teatro eram também censuradas, primeiro com um lápis

azul já que os textos eram submetidos a essa comissão, e depois durante os ensaios, pois era frequente a presença de censores para regular o cenário, o guarda roupa, a música, a mensagem. Tentavam, assim, dificultar a transmissão de determinadas ideias. A Lei 2027 de 1948, quando António Ferro dirigia o Secretario Nacional, proibía a dobragem de filmes estrangeiros "não é permitida a exibição de filmes de fundo estrangeiros dobrados em língua portuguesa nem a importação de fil-

mes de fundo estrangeiros falados em língua portuguesa, excepto os realizados no Brasil", porque as legendas eram facilmente adulteradas, ficando certas partes de filmes sem tradução ou propositadamente mal traduzidas para não apresentar determinados assuntos. No entanto, não foi tão grave como em Espanha, onde dobravam os filmes e colocavam na boca dos atores as palavras que os censores entendiam.

Teatro Municipal de Bragança

Os fantasmas de Macbeth

Marta Genésio- 9ªA

A Companhia do Chapitô apresentou, no dia 2 de Novembro, a tragédia Macbeth de Shakespeare no teatro municipal de Bragança.

Com apenas três actores, os figurinos reduzidos a três *kilts* e três microfones a cumprir também o papel de adereço, a tragédia é transformada em comédia.

A companhia do Chapitô tornou, assim, uma peça de teatro que ao princípio parece ser difícil e forte numa peça cômica, fácil e do agrado de muitos espectadores.

Ao longo de cerca de duas horas, assistimos à vida de Macbeth, um dos generais do exército da Escócia, que, ao regressar de uma batalha, ouviu três bruxas dizendo que este seria General de Cowdor e, que seria, posteriormente, coroado Rei da Escócia. Para esta profecia se tornar realidade, Macbeth, com a ajuda da sua mulher, Lady Macbeth, matou o rei da Escócia, Banquo, o outro general do exército, e a família de Macduff, o filho do rei.

Depois de várias aventuras, muitas delas de carácter cômico, as bruxas voltaram a aparecer a Macbeth e disseram-lhe que nenhum homem nascido de uma mulher o conseguiria derrotar.

Macbeth, com remorsos do que havia feito, começa a ter visões dos fantasmas das pessoas que matou.

Macduff, ao descobrir o crime de Macbeth, alia-se a um exército inglês e ataca o castelo. Durante a luta, Macbeth disse ao oponente que estava seguro, porque nenhum homem nascido de mulher poderia matá-lo, mas Macduff revela-lhe que fora tirado prematuramente do ventre da mãe por cesariana. Assim, Macbeth é morto e Macduff coroado rei da Escócia.

Ao longo do espectáculo, os actores fazem comentários cômicos à obra de Shakespeare questionando-se e levando o público a questionar-se sobre a forma como este o escreveu e como ocultou certos pormenores como a ausência de referências à mulher de



A companhia do Chapitô reconstrói mais um clássico da literatura e encanta os espectadores com a originalidade dos seus cenários, adereços e textos. Macbeth é um pretexto para comentar as opções seguidas pelo autor na construção da peça e simultaneamente obriga a pensar sobre a miserável condição humana.

Banquo.

Macbeth retrata características humanas como a ambição e o poder. De-

monstra o quão vulnerável o ser humano pode ficar perante estes sentimentos e as atitudes injustificáveis que este pode tomar.

Retrata, também, as fraquezas humanas que assolam a sociedade, tornando-se possível identificar no protagonista, pessoas que

desejam o poder a qualquer custo.

Quando o medo da doença nos domina



“O Doente Imaginário” coloca em palco as modas e manias de Argan, um hipocondríaco incurável.

O auditório do teatro de Bragança encheu para receber Argan, o protagonista da peça “O doente imaginário”(Le Malade imaginaire), de Molière, numa adaptação da companhia “Teatro de São João”.

Guilherme Moreira - 9ªA

A peça retrata a vida de um hipocondríaco incurável, da sua família, da cumplicidade dos criados, ridicularizando-os de forma muito humorística. O cinismo e oportunismo da sociedade médica também não fogem a este olhar crítico.

O espectáculo iniciou-se com um pequeno monólogo de Argan, em que este organizava os pagamentos relativamente aos ‘alegados’ tratamentos. Após este episódio, Toinette (a criada cômica da família

de Argan) entrou em cena julgando os comportamentos deste relativamente às doenças e alegando que este desperdiçava demasiado dinheiro em tratamentos irreais e acrescentando, ainda, que os médicos queriam enriquecer à sua custa.

Romances, equívocos, aventuras e muitas desventuras não faltaram neste espectáculo, na qual se destacou uma crítica ao comportamento oportunista e pouco profissional dos médicos no século XVIII.

Argan é obsessivo, patético, que não tem sentimentos por ninguém, egocêntrico, que exige a atenção de todos sem nada dar em troca e vive obcecado pela ideia da morte, que tanto receia.

Curiosamente, Molière, enquanto representava esta peça, sofreu um repentino colapso acabando por morrer poucas horas depois, na sua casa em Paris.

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal apresentou

Diários de Adolescentes

Uma tragicomédia na qual se percebe que os adolescentes querem ser todos iguais, para poderem tornar-se diferentes.

Porque cada um deles é único e irrepetível... exceto nos disparates.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ABADE DE BAÇAL
Apresenta
DIÁRIOS DE ADOLESCENTES

Personagens	Intérpretes
Sofia	Inês Luísa Morais
Cristina	Margarida Fernandes
Fabiola	Joana Silva
Francisco.....	Luís Rafael Afonso
Marta.....	Maria de Barros
Violeta.....	Inês Contins
Maria	Mariana Pereira
Tiago	Carlos Gonzalez
Mafalda.....	Mariana Lopes
Jorge, o pai	César Malainho
Beatriz	Joana Gonçalves
Celeste.....	Aléxia Fernandes
Júlia.....	Ana Rita Abreu
Hermengarda	Maria Silvério
Miguel.....	António Moura Gomes
Paulinho.....	João Sernadela
Ana Rosa.....	Ana Rita Santos
Teresa	Maria Luís Pereira
Joaquim.....	Paulo Carvalhais
Berta	Diana Borges

Texto: Paula Romão
Cenografia: João Ortega, António Sá, Mário Ortega
Fotografia e grafismo: Elza Simão e alunos do 12º ano do Curso de Multimédia do Agrupamento Abade de Baçal
Operação de Som: João Machado, Mário Geraldo
Coreografia: César Malainho
Encenação: Paula Romão





“A personagem que representei, o Paulinho, era um rapaz muito tímido e bastante reservado, tendo até medo das raparigas. Receio bem que elas o julgassem pela sua maneira de ser...”

(João Sernadela, 12º A)

”

“Celeste - “Sinto-me alegre e forte, sou menina” - Florbela Espanca.
(Aléxia Fernandes, 12º A)

Hermengarda - Aconselham a pensar duas vezes antes de agir, mas a Hermengarda age duas vezes antes de pensar.

(Maria Silvério, 12º C)



“Mafalda - Incapaz de olhar para si mesma e refletir sobre as suas atitudes, preocupa-se demasiado com as vidas dos que a rodeiam. Porém, esta preocupação é meramente mesquinha. Não seria de esperar outra coisa de alguém que se “sente melhor por se vingar”.

(Mariana Lopes, 12º A)

”

“Cristina é uma rapariga muito revoltada com a atitude dos rapazes! É confiante e orgulhosa de si mesma, mas por vezes torna-se uma pessoa viperina...”

(Margarida Fernandes, 12º A)

”



“Marta - Interpretar a personagem Oásis (Marta) proporcionou-me um prazer imenso, uma vez que esta tinha uma personalidade influenciada pelos elementos “Nova Era”, sendo bastante tranquila. A personagem refletia, de facto, um pouco de mim. (Maria Francisca Ferreira, 10º B)

”

“Berta - A Berta é apenas uma adolescente com a consciência das vantagens e das consequências que ser mulher implica.

(Diana Borges, 12º A)

”



“

Foi a minha primeira experiência como pai e, mesmo que tena sido apenas uma relação teatral, criei uma relação muito especial com os meus “filhos”

(César Malainho)

”

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Diários de Adolescentes

★ no Teatro Municipal

★ Estreia: 9 de maio
Reposição: 10 de maio

Diariamente

Nos passados dias 9 e 10 de maio, o Grupo de Teatro da nossa Escola apresentou a peça “Diários de Adolescentes”, na qual era retratado um pouco da vida dos jovens no quotidiano. Tratou-se de uma

peça repleta de ensinamentos e simbolismos, que a tornaram extraordinária.

A reação do público foi singular! Todos captaram a ideia: o segredo de uma pessoa não é mais importante que o

segredo que outra pessoa tem. Apesar das dificuldades, todos foram iguais e de respeito para com quem quer que possa estar em harmonia. Para além disso, muito grat



Cartaz elaborado pelo aluno Fernando Nascimento, do 12ºACP

Adolescentes

Alexia Fernandes e Margarida, Fernandes 12ºA

de qualquer
ou possa
das diver-
mos todos
vemos
nos para
nos viver
nia.
de ter sido
ificante

fazer parte do elenco
deste espetáculo,
também serviu para
que nós, estudantes,
refletíssemos sobre
certas atitudes que
temos no dia-a-dia
e aumentássemos o
nosso leque de ami-
zades.

Como finalistas,
sentimo-nos tristes e
nostálgicos por esta
etapa ter terminado.
Pode não ser o nosso
último ano no grupo
de teatro, mas será o
último como estu-
dantes da Escola.

“ Ana Rosa - “Estou farta,
quero mudar de nome, quero
chamar-me Hermengarda!” foi
a minha frase.
(Ana Rita Santos, 10º B)



“ O Francisco, sendo um mora-
lista, constitui-se como um
mediador de toda a ação da peça,
contribuindo, essencialmente,
para amenizar, tanto a persona-
lidade grosseira do Miguel, como
os conflitos entre os rapazes e
as raparigas.”
(Luís Rafael Afonso, 12º A)

“ Joaquim - Como o típico
artista, Joaquim é uma pessoa
torturada (quer pela perda
da sua mãe, quer pelos seus
problemas de visão e de autoes-
tima), que encontra na arte um
escape para a sua timidez, con-
seguindo, através dela libertar
todas as suas ideias e os seus
pensamentos.
(Paulo Carvalhais, 12º A)



“ Tiago é um jovem light”.
“light” porque é uma per-
sonagem que revela uma
certa indiferença perante os
acontecimentos, ao contrário
das outras personagens, que
parecem ser mais profundas
(Carlos Gonzalez, 12º C1)

“ A personagem que encarnei foi
Miguel, um jovem convencido,
orgulhoso, que trata as raparigas
de forma grosseira. Para ele,
todas elas são uma espécie de
objetos descartáveis, vistas
como as “gajas”, vocábulo mais
pronunciado por este jovem.
(António Gomes, 12º A)



“ Gostei muito de ter tido
a oportunidade de atuar
como Teresa, pois é uma
personagem totalmente
diferente daquelas que eu já
tinha protagonizado. A Teresa
permitiu-me sentir certas
emoções que para mim eram
desconhecidas. E, como tal,
foi um grande privilégio dar
voz a uma personagem que é
tão diferente de mim e tão
parecida comigo.
(Maria Luís Pereira, 10ºB)

“ A Fabiola é uma persona-
gem que transparece facil-
mente os seus sentimentos
e faz qualquer coisa pelas
pessoas de quem gosta.
(Joana Silva, 11ºB)

Atores de “Grande estreia” à conversa co

Porquê o nome Ana Bola?

Ana Bola - Porque eu era muito redonda, ainda sou, mas, quando era pequenina, notava-se mais. Então puseram-me essa alcunha na escola (risos).

Nesta peça existe uma “Peça dentro da Peça”. Que situações retrata e espelham a realidade do teatro?

Ana Bola - Isto é uma caricatura daquilo que se passa nos ensaios das peças de teatro, mas não é uma caricatura assim tão longe da realidade, porque de facto há actores que se detestam e insultam. Há também actores que vão para os teatros ou televisão porque são filhos do produtor ou sobrinhos do administrador. Portanto, isto parece mais ficção

do que aquilo que é, pois às vezes as coisas não são assim tão diferentes.

Vítor de Sousa - é muito difícil encontrar uma companhia com tão maus actores (risos).

Ana Bola - Mas há cada companhia de “canastros”.

E como é que se lidam com essa situação?

Ana Bola - Normalmente, quem precisa muito de trabalhar, e hoje em dia isso acontece muito, lida com essa situação como se ela não existisse. Apesar de não acontecer com muita frequência, há pessoas que pura e simplesmente não a toleram e então não contracenam com actores que não são actores, como não vão

a médicos que são falsos médicos.

Sempre quiseram ser actores?

Vítor de Sousa - Sim, desde pequenino comecei a apaixonar-me pelo teatro através da telefonia. Eu vivi mais com a minha mãe do que com o meu pai porque o meu pai foi para África. A minha mãe, quando eu disse que queria ser actor, não gostou muito, achou que era um disparate, que me ia meter numa vida um bocado complicada e difícil, e era verdade. Contudo, eu lutei muito por isso, arranjei um emprego para ganhar dinheiro para o conservatório e tive a sorte de me estrear numa companhia em 1965 pelas mãos do Senhor Ribeirinho.

Quem é o senhor Ribeirinho? Que companhia? Que peça? (...)

Sempre quis ser actor de comédia?

Vítor de Sousa: A minha primeira carteira profissional dizia “Artista Dramático”, era logo para ficar tudo muito sério e a chorar. Alterou-se para “Actor” e acho que o que é importante num actor é fazer drama, comédia, farsa porque enriquecemos, não financeiramente, mas por estarmos aptos para ter diferentes formas de estar.

Aparentemente o humor desta peça é inofensivo, preferem esse tipo de humor?

Ana Bola - Eu, para ser sincera, acho esta peça muito divertida justamente porque ela não tem nenhum tipo de mensagem, é apenas para divertimento, mas prefiro outro tipo de humor, um humor que esteja mais relacionado com a actualidade. Este tipo de teatro é mais comercial, uma palavra que indica que estamos a trabalhar para uma produtora que faz teatro comercial logo tem que ganhar dinheiro com esse teatro, portanto uma coisa mais sofisticada não garante isso.

Vítor de Sousa: Uma produtora não se preocupa com as peças que produz e que distribui aos actores. Não lhe importa que sejam peças de qualidade ou daquele humor

que stupidifica.

Ana Bola - Esta peça está em cena há três anos em Paris e está esgotada todos os dias.

Há barreiras para o humor?

Ana Bola - Para mim, não há barreiras.

Vítor de Sousa - Não, mas, para mim, há assuntos que, pessoalmente sou capaz de ultrapassar, mas para os quais sou muito pouco recetivo, que é brincar com doenças ou religião.

Como alunos do 9ª ano estamos a estudar Gil Vicente e aprendemos que com o humor ele pretende corrigir a sociedade. Esta peça também se destina a corrigir a sociedade?

O teatro devia começar a fazer parte do plano curricular nas escolas desde muito cedo porque tem uma dimensão lúdica. Além de se fazer um espectáculo, também se brinca, também se faz exercício, disciplina, aprendemos a estar muito mais à vontade com os outros, portanto eu acho que devia estar presente na nossa vida desde muito pequeninos.



Com Outra Presença

Maria Henrique - Não diria bem corrigir a sociedade, mas talvez alertar para os problemas da sociedade para que as pessoas possam resolvê-los. Gil Vicente faz isso através da farsa e nós, neste tipo de comédias, alertamos para outras coisas, não para assuntos tão sérios.

O que é que corrigiam na sociedade?
Ana Bola - Eu? Deus me livre, corrigia tudo e não corrigia nada! Tu queres que te dê uma lista do que corrigia na sociedade? Nunca mais saíamos daqui (risos).

Fala-se muito da magia do palco, a televisão também tem essa magia?
Todos - Não.

O que é a magia do palco?
Ana Bola - Foi o que acabamos de fazer aqui hoje.

Vítor de Sousa - A magia é a comunicabilidade entre quem está em palco com os espectadores, é esse “respirar ao mesmo tempo”. O teatro e a televisão são diferentes, a “estaleca” é outra, os nervos são outros, até a forma de representar é outra.

Ana Bola - Concordo. Para uma peça de teatro ensaiamos durante meses enquanto que para a televisão dão-nos os textos na véspera ou até mesmo no próprio dia e depois ou “tens unhas e tocas guitarra ou fazes-te à vida”, ou ficas porque és o sobrinho do produtor. (risos)

O país merece os actores que tem?
Maria Henrique - Portugal tem actores fabulosos e às vezes existe uma noção das outras pessoas de que o que é estrangeiro é melhor, não estou a dizer que não é, mas que há actores com a mesma categoria em Portugal há.

Existe alguma personagem que se arrependem de ter representado?

Vítor de Sousa - Eu não.

Qual foi a vossa melhor experiência em palco?
Todos: Foi hoje.

Vítor de Sousa: Eu lembro-me do 25 de Abril em que fizemos uma peça de Bernardo Santareno. Aquele período foi um revolucionário e nós fizemos uma peça chamada “Português, escritor, 45 anos de idade”. Nesse período, a peça era muito apelativa, as pessoas da plateia falavam connosco e diziam coisas sobre as prisões, as torturas, etc... e marcou-me porque foi realmente um momento de viragem em que eu todos os dias levava martelos e foices para casa.

Costuma encarar a vida com humor?

Ana Bola: Eu? Sim sempre, mas isso não quer dizer que eu seja uma atrasada mental ou uma pateta, só acho que a maior capacidade do ser humano é rir-se de si próprio e só aí é que estará à vontade para rir do resto e depois as coisas são tão dramáticas que, de uma maneira geral, é melhor encará-las com humor para não nos suicidamos.

O que é que os faz rir?
Ana Bola: A mim, praticamente tudo.

Vítor de Sousa - Eu gosto muito do humor britânico, muito refinado, muito requintado, gosto muito.

Miguel Damiano: Eu rio-me com os amigos.

Ana Bola: E com a Fanny! (risos)

Alexandra Rosa - Eu rio-me quando vejo pessoas a cair.

Ana Bola - E quando mais importante for a pessoa, melhor! Imaginem o Cavaco a cair! (risos)

De que modo é que é

que o Teatro pode contribuir para a educação do país?

Maria Henrique - O teatro devia começar a fazer parte do plano curricular nas escolas desde muito cedo porque tem uma dimensão lúdica. Além de se fazer um espectáculo, também se brinca, também se faz exercício, disciplina, aprendemos a estar muito mais à vontade com os outros, portanto eu acho que devia estar presente na nossa vida desde muito pequeninos.

Ana Bola - Até pode substituir um bocadinho o psicólogo.

Maria Henrique - Exactamente, através da brincadeira. Todos nós devíamos ter direito a isso.

João Maria Pinto - Devos dizer que nas instituições de psiquiatria há dois passatempos, um é teatro e outro é pintura, o que quer dizer algo e é realmente curioso.

Ana Bola - E é por isso que nós estamos todos aqui.

João Maria Pinto - Ou seja, somos todos um grande manicómio!

Ana Bola - Por isso se diz que os actores são um pouco esquizofrénicos. Claro que a esquizofrenia é uma doença muito séria, mas no sentido mais leve da esquizofrenia somos um bocadinho! Isto é uma profissão diferente.

Acham que o país está para gargalhadas?
Vítor de Sousa - Não está!

João Maria Pinto - O país é uma gargalhada!

Ana Bola - Não, mas estes momentos servem também para rir e para esquecermos a tristeza e a revolta e nós gostamos muito quando sentimos que contribuímos para isso para que as pessoas

esqueçam o que está a acontecer, que as coisas são graves e se durante um bocadinho, umas horas, uns dias, durante a semana, pensarem que se divertiram, que se riram já não é nada mau. (risos)

Sente que a profissão de actor é mal remunerada?
Ana Bola - Exactamente. É fácil de perceber. Nós somos trabalhadores a recibos verdes não temos direitos, somos trabalhadores precários, se não temos trabalho, não ganhamos portanto, faz as contas.

Mas gosta do que faz...
Ana Bola - Claro, caso contrário não estava aqui. Mas quando eu digo isso, que trabalho por necessidade, não é “ai Jesus que vou morrer a fome”, mas porque me apetecia trabalhar muito menos. Tenho 61 anos e tenho muita coisa para fazer

Vítor de Sousa - Agora estamos em tourné e a nossa primeira paragem é aqui em Bragança. Quando acabar podemos estar cinco meses sem ter qualquer chamada.

Gostaram do público de Bragança?
Ana Bola - Foi o melhor público que tivemos até agora nesta peça

Vítor de Sousa - Não estamos a dar graxa, mas é verdade.

Maria Henrique - Transmitiram uma energia para aqui.

Como é que caracterizam essa energia de que tanto falam?
João Maria Pinto - Olha lá, tu quando falas com o teu namorado não sentes energia? (risos) e com os teus amigos mais chegados, não passa energia?

Ana Bola: Eu sei o que ele está a tentar dizer, não é no sentido isotérmico da coisa, é pior.

Maria Henrique: Vocês já estão a imaginar o que é estarmos numa conversa e darmos tudo para vocês darem uma gargalhada enorme. Conseguem imaginar o prazer que isso nos dá? Eles estão a gostar do nosso trabalho e isso é um orgulho! Queremos sempre dar mais! É essa troca de energia, vocês estarem tão atentos as pormenores, estarem a motivar-nos e ficarmos cada vez mais felizes a fazer este trabalho!

Ana Bola: Todos os dias os espectáculos são diferentes para nós, por muitos motivos, mas também pelo público. Hoje, o público foi excepcional! Já apanhámos de tudo. As matinés em que não se riem, ou se riem fora do sitio são muito complicadas. Hoje vocês riram-se exactamente nos sítios onde nós nos rimos na primeira vez em que vimos o texto!

É fácil fazer humor?
Ana Bola - É muito difícil. Se fosse fácil, toda a gente fazia! Fazer com que o público reaja ao humor é muito difícil! As pessoas são muito diferentes. Há pessoas que não se riem com uma queda, por exemplo, mas há coisas que nós sabemos que provocam sempre o riso. No entanto, fazer humor com alguma elegância e inteligência é muito difícil.

Ana Bola, qual é o seu humorista preferido?
Ana Bola: Para mim é o Herman José. Gosto também muito da inteligência do Ricardo Araújo Pereira e do Bruno Nogueira que tem um género de humor um bocadinho mais negro.

Que mudanças é que sentiu desde o início da sua carreira até aos tempos de hoje?
Ana Bola - Vou dar um exemplo: eu ganho hoje menos tempo do que o que ganhava há vinte e cinco anos. Agora temos

mais e melhores condições para trabalhar. Temos, também, mais liberdade que antes do 25 de Abril.

Vítor de Sousa - Vinha a PIDE e arrecadava-te.

Pedro Diogo, onde e como começou a sua carreira de actor?

Pedro Diogo - Comecei num teatro de dança. Estreei-me num teatro em 1997 baseado nos discursos de Martin Luther King, que, apesar de serem dos anos sessenta, actualmente fazem todo o sentido. Felizmente, tive a sorte de passar por várias disciplinas ligadas às artes, tive uma disciplina relacionada com o circo que era bastante diferente do habitual.

Ana Bola - Nunca se pára nesta profissão.

Que conselho poderiam deixar aos jovens?
Ana Bola - Estudem e vejam teatro, vocês têm uma grande sorte, pois o Teatro Municipal de Bragança tem uma grande oferta. Vão ao cinema.

As salas de cinema em Bragança fecharam...
Vítor de Sousa - Não há cinema em Bragança? Isso nem lembra ao diabo. Não haver cinema com um centro comercial é muito estranho...

Pedro Diogo - A solução passa muitas vezes pelos cidadãos. Se sentem falta de alguma coisa devem manifestar-se, procurar, fazer uma pesquisa, contactar a cinemateca... O meu conselho é que sejam cidadãos interventivos.

Helena Genésio

Dez anos a dar espectáculo

Helena Genésio, nascida em Bragança há 53 anos, foi professora no Instituto Politécnico de Bragança, onde leccionou as disciplinas de Literatura Portuguesa, Literatura para a Infância e Juventude, Literatura Dramática, Literaturas e Culturas Africanas de Expressão Portuguesa. Fundou o Teatro de Estudantes de Bragança, que apresentou os brigantinos, entre os anos de 1990 e 2008 com diversas peças entre as quais se destacam: Três farsas medievais, anónimo francês (1992); Antes de Começar, de Almada Negreiros (1995); Antes que a Noite Venha, de Eduarda Dionísio (1998); Fragmentos...Humor em Quotidiano Negro, a partir de textos de Herberto Helder (1999); Amor Portátil, a partir de textos de Pedro Paixão (2000); Além as estrelas são a nossa casa, a partir do texto homónimo de Abel Neves (2001); Inês de Castro, a partir do texto de John Clifford (2002); Mariana - A Escrita da Voz, a partir de Cartas Portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado (2003); O Armazém, texto de Vânia Cosme (2007) e Estórias Abensonhadas, a partir de textos de Mia Couto (2008). Participou, ainda, em festivais de teatro académico nacionais : 25 de Maio de 2007, IMPUT (1º festival de Teatro Universitário do Porto – Teatro Latino); 27 de Maio de 2007, FATAL (festival de teatro académico de Lisboa - Teatro da Politécnica). Em 2004 abraçou um outro projecto, o de directora do Teatro Municipal de Bragança, que veio oferecer à capital de distrito novas opções culturais.

- Recorda-se do momento em que foi impedida para o teatro? A sua perspectiva sobre ele seria diferente se não tivesse sido encenadora?

A primeira memória que tenho da minha ligação ao teatro remete-me para a primeira infância. Teria talvez 5 anos. Representava a Bela Adormecida, no Clube de Bragança. Era o pajem e dizia apenas uma frase que ainda recorde: Senhor, Senhor rei. São quatro as fadas e não três como esperáveis!

Os meus pais alimentaram desde sempre em mim e nos meus irmãos o gosto pelo teatro. Íamos ao Porto, ao Coliseu, ver espectáculos de teatro. O meu pai é um homem ligado ao Teatro. Foi ajudante de bilheteiro no extinto Cineteatro Camões, fez teatro nos seus tempos de estudante, enquanto professor dirigiu grupos de teatro escolar, é o participante mais velho do Teatro e Comunidade – projecto artístico desenvolvido anualmente pelo Teatro da Garagem no Teatro Municipal de Bragança.

Nas festas de família havia sempre muitas crianças e todas participávamos em diversas actividades teatrais: representação de pequenas histórias infantis, teatro de sombras, teatro de fantoches, declamação de poesia, histórias. Assim cresci. Entrei para o Teatro Universitário do Porto no ano em que entrei para a FLUP. Quando regresssei a Bragança para exercer a profissão de professora, fundei e dirigi o Teatro de Estudantes de Bragança, sou directora artística do Teatro Municipal de Bragança desde a sua abertura. O teatro está naturalmente em mim e eu existo nele.

- Professora, encenadora directora de um projecto de teatro. Em qual destas áreas se sente mais à vontade?

Sinto-me bem nelas todas por-

que todas elas foram vividas intensamente. Contudo o teatro é talvez a mais significativa; esteve sempre presente e é hoje o meu espaço de trabalho, “a minha casa”. Sinto-me uma privilegiada por trabalhar em algo que me apaixona, me envolve, me motiva.

- Que espectáculos considera imperdíveis, mas ainda não teve oportunidade de ver?

Todos os espectáculos que estão por criar e todos aqueles que não tenho tempo nem oportunidade de ver.

- Há limites para a representação teatral? O que é que não deve ser apresentado em palco?

Na antiga Grécia as representações teatrais faziam-se em honra dos deuses protectores da cidade e apresentavam-se em festivais. Havia dias dedicados à tragédia e dias dedicados à comédia. Estas representações assentes no conceito de verosimilhança exerciam influência sobre o espectador, envolvendo-o e implicando-o através da catarse. Esta é a essência do Teatro que 25 séculos depois se mantém. Infelizmente, nos tempos que correm, assistimos a uma massificação cultural, onde pululam propostas populistas que são meras réplicas do entretenimento televisivo. Numa sociedade cada vez mais massificada não se criou uma cultura de massas, antes um divertimento de massas. Os programadores e responsáveis por casas de cultura que existem para cumprir um serviço público de qualidade não podem nem devem pactuar com esta falsa ideia de cultura e devem ter a coragem de dizer não a este tipo de propostas.

- O teatro deve entreter ou inquietar?

Deve inquietar e sobretudo (co) mover, no sentido de nos como-

ver e de nos mover com.

- O que é que distingue uma boa peça de uma má peça de teatro?

A sua força criadora e geradora de sentidos; a sua capacidade de nos surpreender; a capacidade que os criativos têm de por em cena um espectáculo que tem o poder de nos inquietar, de nos comover enquanto objecto artístico.

- O que mais a fascina no teatro?

Esta possibilidade de me questionar, de me inquietar, de me comover.

- Para si, o que é que só o teatro pode dar?

As companhias chamam-se companhias porque companhia significa partilha do pão. Eis a essência do teatro. Ao partilharmos, deixamos de ser público para ser espectadores. Se a palavra público nos remete para o universo social, exterior ao acto artístico, a palavra espectador remete-nos para uma relação mais íntima, interna ao acto artístico. A essência do teatro é, pois, esta relação de partilha entre cena e sala, relação que resulta de uma natural disponibilidade e abertura ao outro, partilhando saberes, competências e um desejo comum: o desejo de teatro, estabelecendo-se, para isso, uma espécie de contrato entre o emissor (representação) e o receptor (observador activo).

- Qual a missão de um teatro municipal?

Um teatro municipal deve ser um espaço de encontro e de diálogo com a cidade e por isso o envolvimento da comunidade deve ser uma prioridade da direcção artística. Entendemos a importância de apreender a força local numa sociedade cada vez mais global. É importante perceber

numa sociedade global que os locais de onde partimos são tão importantes como os globais onde chegamos; o redescobrir as raízes e os pontos de partida levam-nos a descobrir as diversidades que depois permitem construir o global; a importância cultural de valorizar a base local da vivência das pessoas não no sentido localista de opor local a global, mas no sentido de perceber melhor o global a partir do local – cultura do glocal que significa a necessária complementaridade entre a tendência do universalismo com a tendência da especificidade. Um teatro municipal deve criar condições, definir estratégias, abrir caminhos para que a energia circule, transformando, assim, cada cidade num espaço aberto, activo, dinâmico, criativo, ligado ao mundo em mudança. Um teatro, mesmo municipal é do mundo. Projecto em construção deverá ser ao mesmo tempo local e global, cosmopolita e contemporâneo. Só estas características despoletam em nós um espírito crítico que nos inquieta, interroga, envolve e comove.

Cada teatro municipal deverá construir a sua identidade tendo em conta a realidade cultural em que se insere. Ter-se em conta esta realidade não significa tomá-la como um dado imutável, mas como hipótese de transformação. A missão de um equipamento cultural como o teatro municipal parte da realidade para a tentar transformar, não para a perpetuar. Só assim estes espaços e as cidades que os sustentam se tornarão espaços abertos, dinâmicos, activos, participativos e em diálogo constante com o mundo em mudança.

- Como programar um teatro municipal?

Programar é escolher um conjunto de propostas artísticas que são oferecidas ao público.

A escolha pressupõe critérios e convicções: o programador deverá assumir a programação que faz, responsabilizando-se e acreditando na sua escolha que depende da sua concepção do mundo, dos afectos, da sua visão das coisas. Por isso, as escolhas deverão ser feitas com convicção – acreditar no que se escolhe e porque se escolhe, tentando sempre um equilíbrio entre as propostas apresentadas. Só assim poderemos formar públicos. Formar públicos é “fomentar nas pessoas contactos precoces, duradouros e cumulativos com os diversos campos e formas de cultura, favorecendo-lhes processos de familiarização e aquisição de competências indispensáveis ao entendimento e assimilação das linguagens e das obras de cultura”. Há um saber necessário inerente ao programador mas há também inúmeros factores que intervêm na sua escolha que resulta de “um percurso em busca do saber que não é necessariamente preciso nem objectivo”. Cada programador responderá pelos factores que intervieram na sua formação e que o levam a determinadas opções. Contudo o programador não pode alhear-se da cidade onde vive nem do espaço que programa.

Programar é provocar o encontro entre pessoas, e o programador é, neste sentido, um mediador entre os que criam, as suas criações e aqueles que esperam encontrar os criadores e as suas criações. Programar exige uma atitude de mediação e de negociação entre o desejo do programador, a realidade artística e a expectativa do público. Programar é, também e por isso mesmo, criar condições para que o público se constitua numa comunidade de espera. O programador é um construtor de horizontes de expectativa de um público que se vai formando para se constituir em comunidade



reunida em volta de um desejo comum: o desejo de teatro.

- Qual o seu balanço destes dez anos de teatro em Bragança?

Valeu a pena!

- O que mudou com a existência do teatro em Bragança?

Acredito que mudou a atitude, a mentalidade, a exigência, a participação, o olhar sobre as coisas, a percepção da arte, a forma de estar, pelo menos dos que vêm ao teatro. E acredito que estes, por terem mudado, mesmo que o não saibam ou sintam, ajudam a mudar os outros que não vêm, mas que estão ao lado dos que vêm.

- Que espectáculos pode destacar nestes dez anos?

Todos os que deixaram no público um brilho nos olhos e um sorriso nos lábios.

- Como caracteriza o público de Bragança? Como tem evoluído o público? Temos notado uma maior afluência de jovens ao teatro. Esta percepção corresponde à realidade? A que se deve este crescimento?

O público português em geral tem um gosto demasiado conservador e, não raras vezes, apenas responde como consumidor passivo à oferta. O grande desafio é propor uma programação que permita e crie no público apetência e competência para ser não apenas consumidor, mas também, e sobretudo, espectador activo ou receptor crítico das propostas apresentadas, sem ceder a populismos. É importante a criação de uma estratégia de equilíbrio entre propostas artísticas de risco e propostas artísticas para grande público.

Enquanto serviço público que somos, temos o dever de inves-

tir desde o início na educação e formação de públicos sempre em diálogo aberto e constante com as escolas, com a sociedade civil, com as instituições, com os agentes culturais, com os criadores, com a comunidade em geral. Por tudo isto desenvolvemos, ao longo destes 10 anos, políticas culturais que estão agora a dar os seus frutos. Valorizamos a existência de um serviço educativo que nos permitiu e permite educar, formar e fidelizar públicos. Trabalhamos com as escolas e a vários níveis programando para públicos-alvo: todas as crianças do pré-escolar do 1º e do 2º ciclo do concelho de Bragança vêm ao teatro 3 vezes por ano (uma vez por período escolar); todos os alunos que frequentem classes ou escolas de ensino artístico têm entrada livre nos espectáculos da área; os alunos das escolas de música entram livremente nos espectáculos de música; os alunos dos grupos de teatro escolar entram livremente nos espectáculos de teatro; os alunos das escolas de dança entram livremente nos espectáculos de dança; os clubes de imprensa das escolas têm normalmente 4 a 6 lugares livres em todos os espectáculos. Numa parceria com o GIAPE (gabinete de imagem e apoio ao estudante do IPB), criámos incentivos para conquistar os alunos do Instituto Politécnico e temos conseguido trazê-los. Oferecemos a entrada aos alunos Erasmus do IPB. Implementamos campanhas de descontos sendo a mais visível – Combata a crise. Vá ao teatro!. Envolvevamos a comunidade (dos 8 aos 80) em projectos artísticos que resultam de residências artísticas de companhias com particular destaque para o projecto teatro e comunidade que temos de-

envolvido anualmente com o Teatro da Garagem.

- O que é que ainda lhe falta trazer a este teatro?

(...)

- Refere-se, por vezes, que o sucesso e longevidade de uma sala de teatro é a existência de uma companhia residente. O que pensa sobre isso?

Não partilho de todo esta ideia. Creio mesmo que a existência de uma companhia residente prejudica o ritmo da programação de um teatro, limita a utilização de espaços, contribui para uma certa acomodação das equipas técnicas e artísticas, pode ser um potencial foco gerador de conflitos não só internos como também externos, o projecto artístico subjacente deixa de ser do teatro enquanto espaço de acolhimento de todas as artes de palco com identidade própria para passar a ser o espaço de ensaios e espectáculos da companhia. A programação de teatros com companhia residente ficaria assim subordinada aos tempos e ritmos da companhia e não o contrário, que é muito mais abrangente e que se adequa aos ritmos e tempos das propostas de criação que vão surgindo. Em vez de alargamento dos horizontes de expectativa ao público, contribuiríamos para o seu fechamento. Pensemos nos poucos (pouquíssimos!) teatros que têm companhias residentes... comparemos e tiremos as nossas conclusões.

- Qual foi até agora o seu melhor momento enquanto directora deste teatro?

31 de Janeiro de 2004. O Teatro Municipal de Bragança abria oficialmente as suas portas para começar o futuro. Desenhámos um programa que queríamos perfeito, simbólico

também. Convidámos a Filarmonia das Beiras, dirigida pelo Maestro António Vassalo Lourenço, um transmontano. Escolhemos os compositores: jovens compositores transmontanos, como Eurico Carrapatoso (1962) e Hugo Correia (1977). De Eurico Carrapatoso ouvimos 10 Vocalizos para Leonor e Arcos; de Hugo Correia Contos Sinfónicos a Trás-os-Montes «Mirinha e o avô pastor». Soaram os primeiros acordes da orquestra. Sentimos uma grande emoção e uma enorme alegria por termos conseguido. Assim começou o futuro sob a égide do glocal - conceito que desenvolvi no início da entrevista.

- No âmbito das suas atuais funções, que três desejos formularia se lhe fosse entregue a lâmpada de Aladino?

- A existência de políticas culturais consequentes e continuadas por parte do poder político
- O olhar a Cultura como um investimento e não como uma despesa por parte do poder político
- O investimento na educação estética e artística no sistema de ensino português

- Para terminar, um pedido, pouco inovador, mas que achamos importante: uma mensagem para os jovens de Bragança.

Sejam jovens interventivos, críticos e criativos; desenvolvam um espírito humanista. Leiam bons livros; vejam bons filmes; assistam a bons espectáculos.

PEQUENO APONTAMENTO CURRICULAR

Formação Académica: Pós-graduação em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2011). Curso de Cultura Teatral – A Paixão do Teatro, no Teatro Nacional D. Maria II; Lisboa. (2010). Curso de Especialização em Literaturas Românicas do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Literaturas Românicas – Literatura Portuguesa e Francesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (2003). Mestre em Estudos Portugueses – Literatura Portuguesa Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a apresentação da tese: Labirintos da Escrita / Labirintos da Natureza em As Terras do Risco de Agustina Bessa-Luís, sob orientação da Professora Doutora Silvina Rodrigues Lopes. (1998). Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Franceses, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (1983).

Formação Artística: Faz a sua iniciação teatral no Teatro Universitário do Porto pela mão de Isabel Alves Costa e Deniz Jacinto. (Porto – 1980/ 1982). No Teatro Universitário do Porto participa como actriz em vários espectáculos entre 1982 e 1988 onde foi dirigida por Castro Guedes; Mário Feliciano; António Capelo (...). Em 1990 funda o Teatro de Estudantes em Bragança – TEB – onde assume a direcção artística e a formação teatral dos elementos do grupo. Assina a encenação de 30 espectáculos ao longo de duas décadas.

Publicações: Que devem saber de economia os diretores de teatros? In: Teatro e Economia – Desafios em tempos de crise; coordenação de Francesca Rayner, Maria João Brilhante, Mónica Almeida; TNDMII e Bichodomato Edições; 2011. Teatro Municipal de Bragança: o palco das artes e a nova forma de estar de um público emergente. in: Gestão Cultural do Território; Setépés; Coleção Públicos, nº 4; 1ª edição; Porto; 2007. Do Simbolismo ao Modernismo – O percurso Poético de Mário de Sá Carneiro; In: Ciclo de Conferências 2003; Série Estudos – Edição do Instituto Politécnico de Bragança; nº 82; 2006. A Mulher e o Lugar – Apontamento sobre Vale Abraão de Agustina Bessa-Luís; in: EDUCER; Revista da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança; nº 1; Maio. 2003. Inês de Castro: A Voz e a Voz; In: TEB – 10 anos; Conferências sobre Teatro Conferências Comemorativas do 10º aniversário do Teatro de Estudantes de Bragança; Edição de autor; Teatro de Estudantes de Bragança; Bragança; 2002. Labirintos da Escrita, Labirintos da Natureza em As Terras do Risco de Agustina Bessa-Luís, (tese de mestrado) Série Estudos, Instituto Politécnico de Bragança, Maio 2002. A Mãe de um Rio de Agustina Bessa-Luís – no limite do conto de fadas; in: Pedagogias do Imaginário, Olhares sobre a Literatura Infantil, Edições Asa, Porto, Março; 2002. Ficção para a infância: Folia no Céu, edição de autor, Bragança. Dezembro 2000. Um Espaço para o Livro; Fundação Os Nossos Livros, Bragança, 28 de Maio de 1999. In: Brigantia, Revista de Cultura, Bragança, vol. XIX, nº3/4 Junho / Dezembro; 1999. Le Temps des Femmes dans la fiction écrite; In: Actes du Colloque International: Histoires de Vie et Dynamiques Langagières; Cahiers de Sócio-Linguistique, nº5, Presses Universitaires de Rennes, 1er semestre, 2000, France.

Em Fevereiro de 2012 é agraciada com o “Prémio Município de Bragança” e diploma na categoria “Cultura, Arte e Património”. (Dia da Cidade - 20 de Fevereiro).

Teatro Municipal de Bragança homenageia Teatro de Garagem

No ano em que a companhia Teatro de Garagem, de Lisboa, sob direção de Carlos Pessoa e Maria João Vicente, faz 25 anos o teatro municipal homenageou-o pela sua cooperação quer com o teatro quer com a comunidade de Bragança no dia 3 de Abril de 2014.

Marta Genésio, 9ªA

A companhia de Garagem trabalha com vários actores, um dramaturgo, um desenhador de luz, um cenógrafo, um figurinista e um músico.

Nestes últimos anos o Teatro Municipal de Bragança tem homenageado diversos actores, como Eunice Muñoz, Maria Do Céu Guerra,

António Feio, José Pedro Gomes e Olga Roriz, sendo o Teatro de Garagem a primeira companhia a ser homenageada.

Ao longo destes quatro anos de actividade no Teatro Municipal de Bragança, a companhia tem concretizado projectos envolvendo a comunidade e conseguindo num espaço de um mês produzir uma peça. Esta experiência tem agradado muito sobretudo aos jovens, que têm a oportunidade de experimentar o palco na companhia de actores profissionais.

Presentes nesta homenagem estiveram os participantes desses projectos tendo, assim, a cerimónia uma dimensão mais especial por reunir aqueles que têm contribuído para



Sensibilizar o público brigantino para a importância do teatro.

Com esta homenagem o Teatro de Garagem junta-se aos também homena-

geados Eunice Muñoz, Maria Do Céu Guerra, António Feio, José Pedro

Gomes e Olga Roriz.

Viver a poesia

As Escolas dos diferentes agrupamentos da cidade de Bragança acederam ao convite da Casa do Professor e foram viver a poesia durante a noite do dia 28 de Maio.

Antes da poesia ocupar o palco, Jorge Guerra, presidente da direção da Casa do Professor, homenageou os diretores dos agrupamentos presentes, que foram chamados ao palco.

Foram portugueses os poetas ditos pelos alunos desde opções

mais clássicas, como Luís de Camões, aos mais recentes, entre os quais, herberto Helder, Eugénio de Andrade, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares. Alguns coreografados e musicados, outros foram

apenas a voz e o sentimento de quem os lia. E houve sussurros, vozes calmas, gritos de desespero e revolta, beijos e segredos. Tanto como movimentos acordes e cores.

A poesia foi rainha em mais uma iniciativa que juntou

numa mesma sala tantos alunos do pré-escolar ao ensino secundário.



Malala Yousafzai a voz que a intolerância não calou

O sonho, a vontade e a determinação de Malala eram maiores que ela e por isso a jovem que nasceu no conservador Paquistão cedo percebeu que precisava de um espaço maior para se realizar, um espaço onde pudesse fazer aquilo que as jovens de muitos outros estados consideram banal e garantido para todos: estudar.

Maria Manuel Gorgueira - 9ºB

O dia 12 de Julho de 1997, que devia ter sido de alegria para os pais de Malala Yousafzai, a menina que acabara de nascer no Vale do Swet, acabou por ser, de certa forma, de desilusão, pois nesta região do Paquistão, o nascimento de uma rapariga não era razão para festejar, não só por estas serem remetidas a uma vida de passividade e espera, mas porque também lhes estavam vedadas as portas da educação e do conhecimento. No entanto,

esta jovem decidiu construir o seu próprio caminho, que era bem diferente do das outras jovens paquistanesas. E fez história.

Desde muito cedo, o seu inconformismo se tornou incómodo: lutou pelo direito à educação e recusou permanecer em silêncio e, aos onze anos, já dava entrevistas à televisão paquistanesa relacionadas com este tema. Em 2009, já com doze anos, começou a escrever um blogue na BBC, sob anonimato, onde expunha o seu ponto de vista sobre a promoção de educação para mulheres e contava o que estava a acontecer no Paquistão sob o domínio talibá. Rapidamente foi descoberta e, numa tentativa de a silenciarem, os talibás atingem-na com uma bala no pescoço e na cabeça. Estávamos a 9 de Outubro de 2012. Ao contrário do que se esperava, esta tentativa de assassinato não a silenciou. A sua voz soou, pelo contrário, mais forte: "Eles pensavam que as balas nos iam silenciar, mas

enganaram-se. E desse silêncio nasceram milhares de vozes", disse numa entrevista à BBC.

Líderes mundiais têm elogiado a bravura de uma menina que fez frente aos terroristas e que revela uma maturidade e coragem invulgares. Os médicos que lhe traçaram um prognóstico muito reservado reconheceram a sua determinação que a salvou.

E a sua acção não terminou. Aos dezasseis anos, deu um salto gigante bem merecido: é ouvida na Organização das Nações Unidas onde lança um apelo que correu mundo nas capas de muitos jornais e páginas de internet: Vamos pegar nos nossos livros e canetas. Elas são as armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo. A educação é a única solução.

Em parceria com a jornalista Christina Lamb escreveu um livro que conta a história de uma família exilada pelo terrorismo e a luta pelo di-

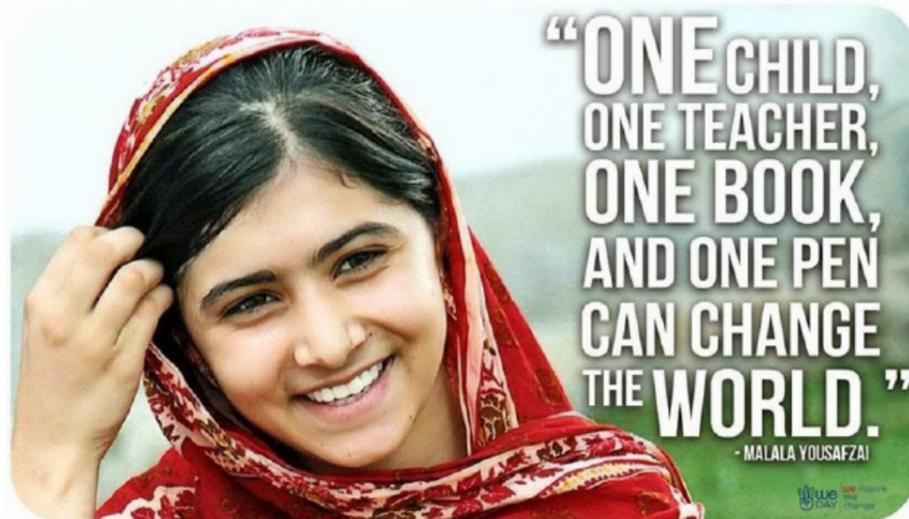
reito à educação feminina. Sentar numa cadeira, ler os meus livros rodeada pelos meus amigos é um direito meu.

A jovem paquistanesa foi distinguida com vários prémios internacionais, como o Prémio das mulheres do ano

em todo o mundo que não frequentam a escola devido a várias situações. Há meninas que não têm acesso ao ensino superior devido a casamentos precoces, há meninas que são ameaçadas, existem meninas que são torturadas- denunciou

ainda criado o Fundo Malala com o objetivo de angariar fundos para ajudar na educação de meninas em todo o Mundo.

Eu não me importo de ter que me sentar no chão na Escola. Tudo o que eu quero é a educação e não tenho



de 2013 pela revista Glamour, o prémio dos direitos das mulheres Raw & War. Entre estes e tantos outros, o que mais se destacou foi o Prémio Nobel da Paz, a 10 de Outubro de 2013. Há milhões de meninas

Malala.

A coragem de Malala levou a ONU a criar um programa global de educação para meninas chamado I am Malala (Eu sou Malala), o nome que a jovem também elegeu para a sua autobiografia. Foi

medo de ninguém. Eu quero ver o povo do Paquistão educado, empregado e dado aos seus direitos. É um desejo legítimo e à medida da grandeza de Malala. Que seja feita a sua vontade.

Madiba uma grande Vida, um grande Homem

O mundo perdeu um dos seus melhores homens. A paz que desejou para todos esteve sempre espelhada no seu rosto e as mãos ajudaram a construí-la.

Joana Alves- 9ºB

Nelson Mandela é uma das personagens mais emblemáticas do nosso mundo. Nasceu em Mvezo a 18 de Julho de 1918 e morreu a 5 de Dezembro de 2013, em Joanesburgo.

Formou-se em Direito e tornou-se advogado. Mais tarde, trocou a sua carreira jurídica por um lugar como líder rebelde para depois se tornar presidente da África do Sul.

Nasceu numa família de nobreza tribal, numa pequena aldeia do interior onde

possivelmente viria a ocupar o cargo de chefia, o que levou a pensar que "todos os heróis e heroínas neste país e no resto do mundo que sacrificaram e entregaram as suas vidas para que pudéssemos ser livres.". Abandonou o seu destino aos 23 anos ao seguir para a capital do país, Joanesburgo, onde iniciou verdadeiramente a sua carreira política. Trocou a vida pacífica na sua terra natal para a rebeldia da faculdade onde se revelou um jovem advogado e líder de uma resistência pacifista. Este cargo levou-o ao lugar de arguido num julgamento por traição à nação e fuga à polícia, tornando-se, assim, o prisioneiro mais famoso e aclamado do mundo.

Dentro da prisão criou várias ideias. Apercebeu-se de que ninguém sabe verdadei-

ramente o que é uma nação, até que tenha estado preso e que ser livre não é apenas partir uma das correntes, mas viver de uma forma que respeite e aumente a liberdade dos outros. Acreditava que uma nação não devia ser julgada pela forma como tratava os seus cidadãos mais elevados, mas sim como trata a sua população mais desfavorecida e, mais importante, que não há nada como voltar para um lugar que permanece inalterado para encontrar maneiras em que a pessoa se vê modificada.

Após ser libertado, aquele que foi o político mais galardoado em vida foi responsável pela nova subida dos fundos dos seus país, ganhando o Prémio Nobel da Paz em 1993. Mandela foi o maior símbolo da luta contra o racismo, contra



o Apartheid, regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

Aos 95 anos de idade, após vários contratemplos na sua

saúde, devido a uma infeção pulmonar, já antes detetada, Mandela morreu na madrugada do dia 5 de Dezembro, deixando um rasto de devotação nos corações de pessoas em todo o mundo.

Tal como Ali Treki, Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas disse, Nelson Mandela é "Um dos maiores líderes morais e po-

líticos dos nossos tempos."

"O homem corajoso não é quem não sente medo, mas quem vence esse medo." é um dos lemas de Nelson Mandela que penso ser um dos mais profundos e sentimentais.

Semana da leitura

Celebrar a língua portuguesa



Os dias que mediarão a semana de 17 a 21 de março foram curtos para tantas vivências leitoras.

A leitura foi a voz mais alta das atividades desenvolvidas, sob formas diversas.

Elisa Ramos

As leituras compreenderam vários ambientes, ciclos e anos de escolaridade, em várias Escolas em encontros diversos: com a Escritora Sílvia Alves que nos deixou com sabores de Coisas de Mãe, da Fábrica do Tempo, E tu Gostas de Histórias?

as Escritoras e Ilustradoras Ana Pereira e Elza Mesquita presentearam o seu público favorito, alunos do 1ºCiclo, com A História da Baleia e H2O.

O Escritor António Tiza, em momentos surpreendentes, presenteou-nos com o seu mais recente livro, O Diabo e as Cinzas. As leituras inter-turmas e com Instituições parceiras aconteceram sob o lema da partilha. O Projeto Cirandando na Leitura e o Projeto SOBE ganharam vida nas bibliotecas do 1ºCiclo, na festa da leitura.

A semana encerrou com Poesia na Praça da Sé, numa iniciativa da Rede de Bibliotecas de Bragança, proporcionando à Comunidade um espetáculo de arte, cor e muita poesia.

Intramuros, e na companhia dos formandos do EPB, também se saboreou a Poesia.

A Língua Portuguesa foi celebrada e cantada nas Escolas Abade de Baçal!



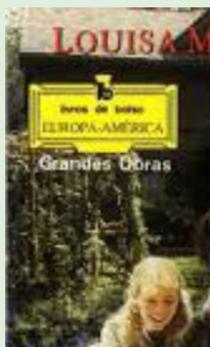
Escola do Tournal

Na Semana da Leitura, que decorreu de 17 a 21 de março de 2014 e no âmbito do Projeto “O Livro em Mãos Pequenas – um Tesouro Partilhado com a Família” foram desenvolvidas diversas atividades como: leitura

de contos e poemas pelos docentes, alunos, encarregados de educação e convidados. Para assinalar o dia da poesia elaboraram-se alguns envelopes onde foram inseridos diversos poemas.



Para mim, o livro Mulherzinhas, de Louisa May Alcott, é muito especial, porque me fez crescer muito. É muito interessante e emocionante. Fala da história de uma família de quatro irmãs e seus pais. O pai teve de partir para a guerra, mas, acima de tudo, o amor e a amizade falam mais alto. Assim sendo, recomendo esta obra a toda a gente, crianças e adultos, visto que nos ensina o verdadeiro valor das coisas



Imagens que marcam

A tradicional mostra de teatro escolar expandiu-se e ganhou este ano novos contornos. Contribuindo para a abertura à comuni-

dade, o Teatro Municipal de Bragança acolheu ao longo de quatro semanas as escolas da cidade, que animaram aquele espaço

com múltiplas atividades. O logótipo desta iniciativa, aqui reproduzido é da autoria de João Abel Barreira, do 12º ACP.



A biblioteca escolar no projeto educativo

A Biblioteca Escolar constitui um espaço importante na aprendizagem e na formação integral dos alunos. Está ao serviço do Agrupamento e rege-se por um regulamento próprio, elaborado tendo em conta os normativos da RBE.

Elisa Ramos

A equipa das Bibliotecas é formada por docentes, incluindo os Coordenadores, Técnicas Superiores e Assistentes Técnicas.

A Biblioteca Escolar funciona em espaço específico, organizado em áreas funcionais adequadas às funções e objetivos decorrentes da sua integração na RBE, tendo em conta o papel e missão das bibliotecas escolares.

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal tem cinco Bibliotecas, cujas normas específicas de utilização são definidas no Regulamento Interno.

As Bibliotecas Escolares/Centros de Recursos Educativos do Agrupamento são espaços abertos, vocacionados para a leitura e pesquisa, para a defesa e promoção da cultura e das novas tecnologias. São constituídos por um conjunto de recursos materiais (instalações e equipamentos) e por suportes de informação (escritos, audiovisuais e informáticos), organizados, segundo as regras da

CDU, de modo a facilitar a sua utilização pela comunidade escolar. Grande parte do seu espólio encontra-se já disponível em Catálogo Informático, on-line, divulgado na Página WEB da BE - <http://sites.google.com/site/creamoreno/>, <http://palavraselivros.blogspot.pt/> e www.cm-braganca.pt/rbb/

Principais metas e finalidades

A Biblioteca Escolar tem como metas:

- Apoiar a concretização do PE, participando de forma ativa e dinâmica junto dos vários intervenientes da comunidade escolar – alunos, professores, educadores e funcionários.

- Cooperar com os professores na planificação e diversificação das suas atividades de ensino/aprendizagem.

- Desenvolver nos utentes competências e hábitos de trabalho na consulta, no tratamento, na produção e na difusão de informação, tais como: selecionar, analisar, criticar, produzir e comunicar a informação em diferentes suportes.

- Promover a leitura, apoiando o PNL.

- Associar a leitura, em suportes diversificados, à ocupação lúdica dos tempos livres.

- Oferecer atividades de complemento curricular e de animação pedagógica

associadas à educação para a cidadania, para os valores, para a saúde e para o ambiente.

- Contribuir para a formação integral dos alunos, fomentando o respeito pelos princípios cívicos da tolerância, amizade, justiça, solidariedade e pela identidade de cada um.

- Potenciar a utilização do fundo documental existente na biblioteca para as diferentes disciplinas, áreas não disciplinares e projetos.

- Contribuir para uma maior interação Agrupamento/Comunidade/Famílias.

- Promover a avaliação, em cada um dos Domínios escolhido, em cada ano letivo, conforme o MABE (Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar), documento orientador da RBE.

A Biblioteca Escolar é a extensão curricular das literacias da leitura, da informação e dos média, na valorização individual, social e cultural.



Tratando-se de um recurso que se revela fundamental face aos desafios da sociedade atual, pelas condições de espaço e acolhimento, equidade no acesso à informação e possibilidades de aprendizagem que potencia, é hoje impensável idealizar a escola sem biblioteca escolar.

In: Aprender com a biblioteca escolar-RBE, 2012

Imagens das bibliotecas do agrupamento. Iniciaando no topo e por ordem: BEs das Escolas Abade de Baçal, Izeda, Mãe de Água, Tournal e Augusto Moreno

Alexandre Rodrigues assinala comemoração da Revolução do 25 de Abril de 1974, na Escola Augusto Moreno

No dia 24 de abril, os alunos da Escola Augusto Moreno participaram numa sessão formativa sobre a revolução do 25 de abril de 1974, no auditório Vilarinho Raposo.

Sofia Pacheco- 6ºD

Em primeiro lugar, alguns alunos da turma do 6º D declamaram poemas alusivos ao 25

de abril, e, juntamente com as turmas presentes, cantaram canções que assinalaram aquela esperada Revolução do 25 de abril de 1974.

Em seguida, o professor do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, Dr. Alexandre Rodrigues, a convite da Biblioteca e das nossas Professoras de História, veio falar-nos sobre este dia e os motivos próximos e remotos

que levaram à tão esperada Revolução, que acabaria com uma ditadura de meio século, em Portugal. No final, os presentes expressaram ter gostado da sessão, pois foi muito interessante e produtiva, completando os nossos conhecimentos do programa de História.



Projeto Dormir + Para Ler Melhor

O Agrupamento Abade de Baçal apresentou uma candidatura ao PNL, no âmbito do Projeto Dormir+ Para Ler Melhor, que foi aceite.

A Equipa do projeto

O Projeto pretende sensibilizar as famílias e as crianças do pré-escolar e do 1º ciclo, para a impor-

tância do sono e os seus reflexos na melhoria das competências leitoras e de aprendizagem, com vista ao sucesso escolar.

As práticas a desenvolver, na escola e na família, têm ajudado os alunos a desenvolver as suas capacidades e gosto pela leitura e escrita e implementado o desenvolvimento da sua personalidade, com

vista a uma boa integração na sociedade.

Estamos certos de que tem sido uma mais-valia para o Agrupamento!

Deixamos alguns momentos das actividades com os alunos das turmas MO3 do 1º ciclo e do Jardim de Infância da Estação.



Para mim, *Voa Comigo* de Maria Teresa Maia Gonzalez é muito especial e divertido ao mesmo tempo. Porque adoro histórias com personagens imaginárias e com um final feliz.

Como tal recomendo este livro a pessoas que gostam de histórias divertidas e com imaginação.

Adriana (6ºD)



SÃO MARTINHO

Neste dia, com tradição,
É altura de provar o vinho!
Mas se houver broa e salpicão
Já se bebe mais um copinho.

As castanhas assadas, na mesa,
Não podem faltar nesse dia.
Mas de uma coisa podeis ter a certeza,
Que o vinho traz mais alegria.

Se os castanheiros nos dão castanhas,
As uvas dão-nos o vinho,
Tudo isso não podia faltar
Neste dia de São Martinho.

Nós que estamos privados de liberdade,
As castanhas vamos provar!
O que nos provoca mais saudade
É não estarmos lá fora a festejar.

Se nós estivéssemos lá fora
Sabíamos como celebrar
Mas como não nos deixam ir embora,
Vamos ter que aguentar.

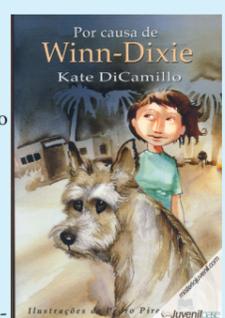
Ó meu rico São Martinho,
Que nos chegas neste dia!
Provar as castanhas e o vinho
Que fazem parte da iguaria.

Flávio Borges
Formando do Curso EFA – B3 (EPB)

Para mim, *Por causa de Winn-Dixie*, de Kate DiCamillo, é muito emocionante. Conta a história de uma menina, que encontra um cão, que vai mudar completamente a sua vida, levando-a a conhecer novos amigos e a perguntar ao pai pela sua mãe, que a deixou quando era bebé.

Deste modo, aconselho este livro aos leitores que gostam de histórias comoventes, onde a amizade predomina.

Sofia (6ºD)



Educação pré-escolar

As cem linguagens da Criança

A Lei 5/97 de 10 de fevereiro, consagra o ordenamento jurídico para a Educação Pré-escolar, estabelecendo como princípio geral que “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da

criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. As Metas de Aprendizagem vieram reforçar este princípio facultando um referencial comum de intervenção e estratégias para que, ao entrarem para o 1.º ciclo, todas as crianças possam ter realizado as aprendizagens, que são fundamentais para a continuidade do seu percurso educativo.

As aprendizagens são definidas por áreas de conteúdo, privilegiando o desenvolvimento da criança e a construção articulada do saber, numa abordagem integrada e globalizante das diferentes áreas.

A Circular nº. 4 / DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril de 2011, veio dar força à construção individualizada do currículo em educação de infância, referindo que

este é concebido e desenvolvido pelo educador, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas. A organização do ambiente educativo, como suporte do trabalho curricular e da sua intencionalidade, compreende a organização do grupo, do espaço e do tempo, a rela-

ção com os pais e outros parceiros educativos.

É com base nestes suportes legais, que os jardins de infância do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal: Estação, Izeda, Parada, Rossas e Salsas, desenvolvem as suas práticas pedagógicas. Proporcionam às crianças experiências de aprendizagem diversificadas sob a forma de diferentes linguagens: linguagem oral e abordagem à escrita,

matemática, expressão plástica, expressão dramática, expressão motora e musical, tecnologias de informação e comunicação; conhecimento do mundo, formação pessoal e social, revendo-se no texto de Loris Malaguzzi “As Cem Linguagens da Criança”.



“A criança é feita de cem.
A criança tem cem mãos, cem pensamentos
Cem modos de pensar, de jogar, de falar.
Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.
Cem alegrias para cantar e compreender.
Cem mundos para descobrir.
Cem mundos para inventar.
Cem mundos para sonhar.
A criança tem cem linguagens (e depois cem cem)
Mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
De pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça
De escutar e de não falar, de compreender sem alegrias
De amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
De descobrir o mundo que já existe
E de cem
Roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
Que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia
A ciência e a imaginação, o céu e a terra
A razão e o sonho
São coisas que não estão juntas.
Dizem-lhe:
Que as cem não existem
A criança diz:
Ao contrário, as cem existem.”

LORIS MALAGUZZI



Formação dos agentes das bibliotecas

Sendo a formação uma questão fundamental em qualquer instituição que deseje a eficácia dos seus recursos humanos e que pretenda elevar a qualidade dos serviços que presta, compete às mesmas instituições facultar a referida formação.

Neste contexto, as Bi-

bliotecas do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal promoveram, isoladamente ou em parceria, formação para os seus elementos, bem como para os utilizadores das bibliotecas. No dia vinte e nove de janeiro de dois mil e catorze, teve lugar a formação Pordata – Base

de Dados Portugal Contemporâneo. Esta sessão de trabalho foi extensível a todos os docentes e alunos interessados e organizada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. A dezanove de março de dois mil e catorze, a Coordenadora Interconcelhia RBE,

Rosário Caldeira, tendo como público-alvo os alunos do sétimo ano da turma B, ensinou “Como realizar uma pesquisa na Internet”. Finalmente, a trinta e um de março de dois mil e catorze, estiveram presentes, numa das salas TIC da escola Secundária Abade de Ba-

çal, elementos das diversas bibliotecas da Rede de Bibliotecas de Bragança para receberem formação do módulo CATWIN do sistema mindPrisma. Nesta última formação, estiveram envolvidos o Centro de Formação da Associação de Escolas de Bragança Norte, a Câma-

ra Municipal de Bragança e a formadora Liliana Rodrigo.

António Palma Ferreira

T ao poder

No dia 16 de Outubro realizou-se, na nossa escola, a campanha para a associação de estudantes com a vitória da Lista T, presidida por Aléxia Fernandes, que conseguiu obter uma vantagem de cerca de 49 votos em relação à lista "A" na votação que se realizou no dia 18.

Joana Alves e Maria Manuel, 9ºB

Este dia contou com diversas atividades realizadas por ambas as listas, numa tentativa de convencer os alunos irem votar e escolherem a lista promotora da atividade. Nas semanas anteriores à campanha houve torneios organizados por ambas as listas (Futsal, Basquetebol, Matrecos, "Pro Evolution Soccer (PES)", Setas, "League of legends (LOL)"...) e festas nos bares "Viaduto" e "Moda Café" e "Cyber Café" com presença de algumas figuras públicas (Canuco Zumby, Dj Teknoise e Ruben Boa Nova do "Secret Story"). As atividades desportivas encontram-se entre as preferidas dos alunos. O

estômago também vota e as listas não esquecem os brindes gastronómicos, que são, também, muito apreciados pelos alunos. Durante a campanha houve muita música, atividades ao ar livre, brindes oferecidos pelas duas listas e, à semelhança do ano anterior, a escola contou com a presença de antigos alunos e com os habituais desfiles patrocinados por algumas das lojas da nossa cidade. O momento mais marcante do último dia da campanha foi o debate com muitas promessas e vários confrontos entre membros de ambas as listas. A presidente da "T", apresentou como princi-

pais ideias para a melhoria do nosso agrupamento a criação de "ações de voluntariado", a "dinamização do agrupamento a nível das artes", um "mural para expor as opiniões e ideias dos alunos", a disponibilização de "material desportivo para os intervalos" e um "espaço de apoio ao aluno".

O presidente da lista A, Ricardo Vale apresentou também as suas propostas, entre as quais se encontram "reguladores de água quente nos

balneários", "aulas mais dinâmicas", "abertura das portas principais para os alunos e laterais para os seus veículos", "fornecimento de manuais para os cursos profissionais" e "afixação de placas de mérito" para motivar os alunos a melhorarem os seus rendimentos. Questionados alguns alunos sobre as listas, verificou-se que a experiência foi um argumento importante, já que esta característica foi referida por vários alunos. Já sobre

a campanha, consideram que "É importante para escolher os favoritos e é um momento de festa na escola". Depois de tantos momentos emocionantes, os presidentes acabaram por desejar sorte às listas adversárias convictos a vencedora iria representar bem os alunos da escola e agradeceram aos seus apoiantes.



Ela é da T, e tu?



Tomada de posse da atual direção

O final do ano letivo de 2012/2013 culminou com a tomada de posse da diretora do Agrupamento, que deu continuidade à equipa anterior e integrou elementos da Escola Augusto Moreno e do primeiro ciclo, no sentido de facilitar o relacionamento entre os diversos espaços que integram a recém-

criada estrutura. Na cerimónia estiveram presentes os membros do Conselho Geral, entre os quais o Presidente da Câmara de Bragança, e muitos professores que decidiram aliar-se à cerimónia e partilhar o momento.



Concurso Nacional de Leitura - fase distrital

Livros para que vos quero

Maria João Vaz e David Martins superaram a prova distrital do Concurso Nacional de Leitura, que se realizou em Macedo de Cavaleiros, no dia 8 de Maio, e representarão o distrito na final nacional que se realizará em Lisboa.

Guilherme Moreira, Marta Genésio - 9ºA

O Agrupamento Abade de Baçal esteve representado pelas três escolas do Agrupamento: Escola Sede, Augusto Moreno e Izeda.

Tal como em anos anteriores, os alunos tiveram de ler duas obras consoante o seu ciclo de ensino. Os do 3º ciclo leram “Os livros que devoraram o meu pai” de Afonso Cruz, e “Relato de um naufrago” de Gabriel García Marquez e os do secundário, “O Diabo Veio ao Enterro” de A. M. Pires Cabral, cujo autor fazia parte do júri, e “Mandela, uma Lição de Vida” de Jack Lang.

A prova consistiu em duas partes, a escrita onde os alunos respondiam a itens de escolha múltipla e um pequeno texto de quinze linhas; a oral para a qual eram apenas os cinco melhores alunos passavam à prova seguinte, a prova oral.

Da prova oral constavam três partes, um item de escolha múltipla, texto argumentativo e leitura expressiva. Houve também a actuação de uma banda e da Companhia de Dança Regional do Norte.

O agrupamento participou com doze alunos, nove do terceiro ciclo (Marta Maria Ferreira



Grupo de alunos e professores do Agrupamento e equipa final dos cinco concorrentes apurados, do Ensino Secundário. De pé, o aluno José Vicente, prestando a prova oral.



Gomes Lopes Genésio, Guilherme Teixeira Moraes e Guilherme António Cardoso Moreira, da Abade de Baçal, João Vítor Jesus, Rocio Ferreira e Cândido Mota, da Augusto Moreno, e Ricardo Gomes, Daniela Ruano e Jessica Gonçalves, de Izeda) e três do ensino secundário (José Manuel Damil Vicente, Miguel Rodrigues Pereira e Vitória Alves Barata), tendo o

José Vicente do ensino secundário ficado em 4º lugar.

Além das provas de leitura, todos os presentes foram brindados com momentos de humor, dança contemporânea, um lanche, da responsabilidade dos alunos do curso profissional de culinária de Macedo de Cavaleiros, e uma visita guiada ao Museu de Arte Sacra.

Cirandando na Leitura

A Equipa da Biblioteca

O Projeto CIRANDANDO NA LEITURA – 1º Ciclo tem sido desenvolvido ao longo do ano lectivo 2013/2014 pela Equipa da BE/CRE da Escola Augusto Moreno, nas várias bibliotecas do 1º ciclo.

Tem como lema Ler, escrever e brincar, aprendendo a aprender, práticas muito importantes para o desenvolvimento da criança, tornando-a num ser humano de conhecimento integral – Holístico-, assim como

eleva as habilidades cognitivas, emocionais, relacionais e sociais básicas da criança.

Algumas atividades: “Fábulas”; “desculpa, por acaso, és uma bruxa”, “Projeto SOBE”



Lírica trovadoresca e outros assuntos

Jorge Gonçalves

Hoje em dia, a ninguém passará pela cabeça negar a importância e muito menos apagar dos currícula dos ensinos básico e secundário o estudo de obras como Memorial do Convento, de José Saramago, Os Maias, de Eça de Queiroz, ou mesmo a poesia de Fernando Pessoa. Contudo, o mesmo não se passa com outras manifestações literárias da nossa língua. Manifestações literárias essas que não são melhores, nem piores, são simplesmente diferentes, seja pelo conteúdo, seja pela forma, isto é, pela língua. Falo dos alvares da nossa literatura: a poesia trovadoresca.

Jorge Gonçalves

Vários argumentos podem ser aduzidos em favor da manutenção do estudo da lírica dos trovadores em todos os percursos, pelo menos, do ensino secundário. Em primeiro lugar, há a

necessidade de preservar a memória, não nos restringindo à história factual e organizada em datas, abarcando neste esforço a nossa história cultural, aqueles aspectos que nos ajudam a compreender a nossa mentalidade colectiva. Tal como postulado pelos românticos do século XIX, a Idade Média é o período de afirmação das nacionalidades, de definição de fronteiras (as nossas têm-se mantido estáveis desde do tempo do rei D. Dinis), de afirmação enquanto estado-nação independente. Neste sentido, estudar a lírica medieval é como colocar Portugal no divã do psicanalista e abrir uma janela para a alma dos portugueses enquanto povo, é compreender um pouco melhor a nossa maneira de ser...

Em segundo lugar, uma pergunta para reflexão: qual é a diferença entre o Mosteiro da Batalha e as Crónicas de Fernão Lopes? Ou entre a Sé de Lisboa e a poesia preser-

vada no Cancioneiro da Ajuda? Naturalmente que nesta parte estarão todos esboçar um sorriso, mas se pensarmos para lá do óbvio verificamos que, afinal, não há diferença nenhuma. Recentemente, a UNESCO, com grande gaudío da lusa gente, declarou o fado como “património imaterial da humanidade”, tal como declarou a Torre de Belém como “património da humanidade”. Qual é a diferença? Nenhuma! Quer o fado, quer a Torre de Belém são “património da humanidade”, o facto de ser imaterial não lhe retira valor ou importância. Então, sendo assim, porque é que fazemos tudo por preservar o Mosteiro da Batalha e nos pareceria inconcebível que o Secretário de Estado da Cultura declarasse que doravante apenas um grupo muito restrito tinha permissão para visitar a extraordinária construção de D. João I e não fazemos nada para preservar os nossos monumentos imateriais?

A lírica trovadoresca, actualmente presente apenas nos currícula do curso de Humanidades, é um “monumento” da nossa história, da nossa cultura, pelo que o seu conhecimento não poderá ver-se restringido a um reduzido número de alunos, antes pelo contrário deverá ser divulgado a todos.

Quando as entidades competentes, por motivações de difícil entendimento, limitam o acesso dos jovens ao seu passado, estão simultaneamente a promover a perda de identidade. Num tempo em que tudo passa a uma velocidade vertiginosa, em que a comunicação é quase imediata e em que as fronteiras o são cada vez menos, assiste-se a uma tendência para promover o interculturalismo, o multiculturalismo e outros “ismos” similares. Contudo é imperativo não negligenciar a nossa cultura identitária sob pena de nos desenraizarmos e caminharmos para uma uniformização no-

civa. O interculturalismo ou o multiculturalismo não pode passar pela uniformização acéfala, antes deverá potenciar a preservação da memória de cada sociedade, ao mesmo tempo que promove a aceitação e a compreensão da diferença.

Ao mesmo tempo, não será aconselhável cair no excesso de valorizar apenas os saberes técnico-científicos, pois corremos o risco de formar autómatos formatados para desempenhar uma tarefa bem definida, mas incapazes de perceber a dimensão humana dessa mesma tarefa. Nesta senda nunca é demais recordar a frase imortal de Terêncio: homo sum: humani nil a me alienum puto, ou seja: “sou humano: nada do que é humano me é alheio”. Com efeito, não podemos nunca descurar a dimensão humana de tudo o que fazemos, mas para isso é necessário ter um conhecimento o mais abrangente possível, não limitado por umas palas castradoras.

Posto isto, e para não nos alongarmos demasiado, terminaremos com a inclusão de algumas informações, necessariamente breves e lacunares, sobre a poesia trovadoresca, bem como com a apresentação de alguns poemas, dos 1679 que sobreviveram à viagem dos séculos.

A produção lírica trovadoresca, escrita em galaico-português, balizase em cerca de 150 anos: a cantiga mais antiga que se conserva está data de 1196 e convencionou-se situar o final do período trovadoresco em 1354, ano da morte de D. Pedro, Conde de Barcelos, filho do rei D. Dinis. Os poemas, conservados em três grandes cancioneiros (Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana e Cancioneiro da Biblioteca Nacional), organizam-se, em três grandes grupos de poemas: cantigas d’amor, cantigas d’amigo e cantigas d’escarnho e maldizer.

Em termos formais, regista-se uma tendência para a utilização de um número reduzido de recursos retóricos, tipificados pelas “artes de trovar” de que se conserva um exemplo no Cancioneiro da Biblioteca Nacional. No que diz respeito ao conteúdo, encontramos dois grupos principais: as composições de temática amorosa (cantigas d’amor e cantigas d’amigo) e as composições satírico-burlescas, de invectiva mais ou menos declarada e aberta (cantigas d’escarnho e maldizer). Se nestas últimas há uma grande variedade de temas, desde questões políticas e sociais até questões literárias, naquelas regista-se uma assinalável uniformidade temática: efectivamente a quase totalidade dos poemas tem como tema central o amor, sobretudo o amor associado à paixão no seu sentido etimológico, ou seja, ao sofrimento. Distinguem-se as cantigas d’amor e as cantigas d’amigo pela voz enunciativa do texto, isto é, nas primeiras o sujeito poético é um homem, ao passo que nas segundas, é uma mulher (normalmente uma donzela). Nestes poemas recria-se todo um ambiente mais ou menos abstracto e formalizado, em que os amantes estão sujeitos a um conjunto de regras comportamentais que deverão obrigatoriamente seguir, caso contrário correm o risco de incorrer em graves faltas. Além dos ambientes e relações recriadas nos poemas ser extremamente uniforme e formalizado, também a riqueza vocabular não era muita, vendo-se os poetas contrangidos a utilizar um número finito e reduzido de termos chave nos seus poemas. Estas contingências dão ao conjunto da produção lírica, em especial às cantigas d’amor que são as mais numerosas, um relativo tom de monotonia e, ao leitor, a sensação que está sempre

TEXTO 1

Agora viv’ eu como querria
veer viver quantos me queren mal,
que non vissen prazer de si nen d’ al,
com’ eu fiz sempre des aquel dia
que eu mia senhor non pùdi veer,
Ca se nunca depois ar vi prazer,
Deus no’-me valha, que poderia!

E quen vivess’ assi, viveria,
per bõa fé, en gran coita mortal,
c’ assi viv’ eu por a dona qual
sab’ oge Deus e sancta Maria,
que a fezeron melhor parecer
de quantas donas vi e mais valer
en todo ben; e ben veeria.

Quen visse mia senhor, e diria:
“eu sei ben” por ela que é atal
como vus eu digu’; e se me non val
Deus (que mi-a mostre!), ja non guarria
eu mais no mundo, ca non ei poder
de ja mais aquesta coita soffrer
do que soffri; e desejaría

Muito mia mort’ e querria morrer
por mia senhor, a que prazeria,

E por gran coita, en que me viver
vejo por ela, que perderia.

TEXTO 2

- Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs conmigo?
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mi há jurado?
Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss’amigo
e eu bem vos digo que é san’e vivo.
Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss’amado
e eu bem vos digo que é viv’e sano.
Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é san’e vivo
e será vosco ant’ o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é viv’e sano
e será vosc[o] ant’ o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

“qual é a diferença entre o Mosteiro da Batalha e as Crónicas de Fernão Lopes? Ou entre a Sé de Lisboa e a poesia preservada no Cancioneiro da Ajuda? Naturalmente que nesta parte estarão todos esboçar um sorriso, mas se pensarmos para lá do óbvio verificamos que, afinal, não há diferença nenhuma.”

a ler o mesmo poema. Contudo, devemos ter em mente que as nossas noções de plágio e de originalidade não existiam neste período, pelo que a “originalidade” era fazer um poema novo recorrendo ao mesmo léxico, às mesmas características formais e retractando situações vivenciais similares. Uma palavra respeitante aos antecedentes desta manifestação literária. A lírica galaico-portuguesa está inserida num movimento transnacional de surgimento das literaturas romances, isto é, literatura escrita nas novas línguas que iam nascendo a partir da fragmentação do latim, de que são exemplo o occitânico, o francês antigo, o siciliano ou o galaico-português. Este movimento iniciou-se na zona meridional da França, onde foram definidas algumas das características distintivas deste género de poesia, das quais se destaca uma nova “hierarquia na relação amorosa”, novo léxico e novas metáforas amorosas e a fin’amor ou o amor cortês – considera-se este como estando na origem da concepção hodierna do amor. A partir desta zona, como uma onda, foi-se estendendo a outras regiões onde exerceu uma influência mais ou menos vincada. Como é que estes poemas escritos em occitânico no sul de França chegaram ao sudoeste peninsular? Contrariamente a uma ideia mais ou menos enraizada no senso comum, a Idade Média foi tudo menos uma época fechada e sombria. É o tempo das grandes peregrinações que impeliam à viagem, à aventura e, pelo caminho, à troca de experiências e à influência mútua. Além disso, tal como hoje as grandes bandas de música fazem digressões, também neste tempo os trovadores e jograis, assim se chamavam os autores e executantes dos poemas respectivamente, faziam

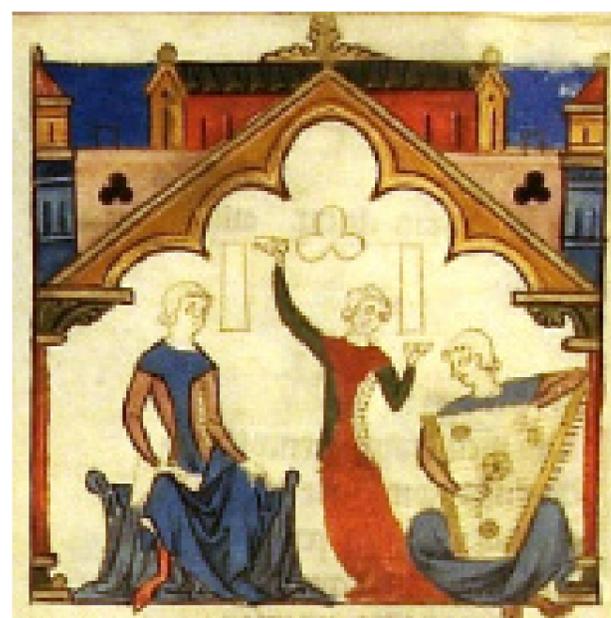
as suas “digressões” de corte em corte à procura de novos públicos e, sobretudo, de um mecenas que os abrigasse e, por um período de tempo, sustentasse. Desta forma, à medida que a matriz lírica provençal ia sendo “exportada para novos mercados” (para recorrer ao vocabulário que tão na moda está), era paulatinamente adaptada ao novo contexto, às novas exigências, gostos e tradições culturais das regiões onde exercia influência e surgiam assim as novas literaturas locais. Foram estas digressões que, em parte, trouxeram as novas tendências literárias para as cortes peninsulares, onde foram adaptadas e continuadas. Vemos, pois, como a lírica galaico-portuguesa é, com destaque para as cantigas d’amor, muito devedora da poesia provençal, quer pela panóplia metafórica verbalizada nos poemas, quer pela nova concepção de amor (paixão/sufrimento). Contudo, urge reconhecer que apesar da inegável relação de filiação, a lírica galaico-portuguesa vai adquirir características próprias que a individualizam frente às outras poesias romance, como por exemplo a obsessão pelo amor-sufrimento, o tom mais melancólico e soturno, a quase ausência de contacto físico entre os amantes ou a incorporação da mulher amada que, ao contrário da poesia occitânica ou francesa onde é de “carne e osso”, é uma projecção quase abstracta, sem qualquer traço individualizador: todas são fresas, mesuradas, de mui bon talh’ e muy bon parecer. Parta terminar, vejamos apenas três poemas exemplificadores. Começamos pela cantiga d’amor de Roi Queimado, onde o sujeito poético, devido ao sofrimento atroz provocado pela ausência da amada, afirma o seu desejo de morrer e, desta forma, por

fim a esse sofrimento. (Ver texto 1)
Em seguida vejamos uma cantiga d’amigo do Rei Trovador. Nesta composição assistimos ao diálogo em que a donzela, inquieta por ter notícias do seu amigo, interpela as flores do “verde pino”, que lhe respondem que o amigo regressará no tempo aprazado. Esta composição, ainda que comece num tom marcado pela tristeza, termina sob um signo de esperança alegre no regresso do amado. Desta composição, como de uma maioria muito significativa de cantigas d’amigo, é jussivo destacar a musicalidade das palavras, musicalidade que ajuda a explicar o elevado número de vezes que este género de poemas é musicado e gravado. (Texto 2)
Por fim, uma composição de tom muito diferente de Martim Soares, dirigida ao jogral Lopo. Nesta cantiga d’escarnho e maldizer, mais concretamente de escárnio literário, o sujeito poético, de uma forma jocosa, põe a nu os poucos dotes artísticos do jogral (recordemos que o jogral era o executante, o responsável pela performance do poema, era o que o cantava). Contrariamente ao que era prática normal, Lopo recebia dons (presentes / pagas), não por cantar, mas por ficar calado, ou seja, era preferível que os presentes pagassem ao jogral a ter que suportar o suplício de o escutar. Foi a cítola temperar Lopo, que citolasse; e mandaram-lh’ algo dar, em tal que a leixasse; e el cantou log’entom, e ar derom-lh’ outro dom, em tal que se calasse.
U a cítola temperou, logo lh’o dom foi dado, que a leixass’, e el cantou; e diss’um seu malado: [- Pera leixar de cantar,] ar dê-lh’alg’, a quem pesar: nom se cal’endoado.

E aconselhava eu bem a quem el dom pedisse, desse-lho log’e, per rem, seu cantar nom oísse, ca est’ê, ai, meu senhor, o jogral braadador que nunca bom som disse.

Terminamos com a referência a duas bases de dados, disponibilizadas em linha, uma pelo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, de Santiago de Compostela

Pai
Chega o dia 23 de janeiro de 2014, como uma espécie de balada de conforto para vivermos com os cinquenta e cinco, em propostas de paz e amor.
O meu pai tem a grandeza de quem sente a vida derrubando montanhas, com a energia e a força de todos os “renascimentos”, operando sempre o milagre da renovação com a concha pura e determinada das suas mãos.
Carrega nos seus olhos cor de índigo o brilho doirado das esperanças sempre que



(<http://www.cirp.es/pls/bdo2/?p=MEDDB2>), a outra pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>), onde se pode consultar

a totalidade dos poemas, bem como encontrar informação sobre os autores, os manuscritos, a época de elaboração dos poemas, bibliografia, entre outros recursos.

olha para o Eduardo, Carolina, Francisco e João.
Também lhe é peculiar, o gosto de vencer as intempéries amargas com persistência.
Indiscutivelmente, sabe tratar a vida com laivos de lealdade, honradez e autenticidade.
O meu pai é absolutamente admirável e com a sua postura singular ensinou-me e ao Jorge a tecer o futuro com fios de ouro pautados pela seriedade, trabalho, amizade e espírito de família.
Faz do quotidiano uma

“arte” e com o olhar aceso e sorriso confiante reparte o seu amor e dedicação pelo Beto e pela Nela.
Cabe aqui referir que o José Tiago personifica uma forma de estar na vida invulgar, através do dinamismo, inteligência, honradez, determinação e bondade.
Com laços fortes e com constelações auríferas, derruba o cinzentismo dos dias e com uma garra surpreendente sabe, de forma impar fazer jus ao seu nome e amor por inteiro todos nós...
Fernanda Tiago

Dezembro

Numa aurora infinita de madrepérolas sem tempo, nem hora marcada com alma tingida de esperança de cor e de mistério, feita prisioneira na luz incomparável das madrugadas do teu olhar.
A cidade estava uniformemente vertida de um branco glacial, como se de um manto de açucenas se tratasse e, acordava para um “concerto” incomum que se prolongava num ventre puro e vastíssimo de paz, enquanto a dimensão fantástica e o calor inebriante e estético emanava dos simbólicos coros de anjos cortando a superfície gelada desse dia grande e imutável.
Espantosamente intensa esta sensação de harmonia desprendia-se das margens férteis do teu corpo, feito Água, Fogo, Terra e Ar e, descobri-te então na doçura

dos lírios do campo destacados pelo assobio dos ventos mouros, que me mostraram a nudez das palavras tecidas em rimas de pétalas, nessa invernia profunda.
Nesse casulo inquestionável formando um todo salpicado de ametistas e de vermelhos vinhos que ardem como o fogo luminoso das lareiras, enquanto o verde dos abetos contrastava com a monotonia desse inverno e com os primeiros cantos de Natal, vislumbrei-te nos campanários azuis e, como um zénite irradiaste uma luz fortíssima e conduziste-me no encantamento de palavras novas por abrir...
Neste travo de evasão salpicada de lava transmitiste a imensidão de um viver completo, abraçamos cachos de pinhões, de nozes e de avelãs apelativas, ao mesmo tempo, que a claridade aromática da manhã aque-

tava a força dos nossos corpos, que voavam para a imensidão dos céus...
Nesta vivacidade cromática de Sonho, de Vida, de Paz e de Amor a manhã caminhava lenta marcada também pelo rigor dos teus silêncios ásperos e pelo vazio das tuas palavras, ao mesmo tempo que te tocava mansamente com um rio de beijos tenros e magoados.
Nesse inverno irrequieto e nessa paisagem inflamada por hinos de paz e por colónias de rabanadas e de aletria serpenteada tranquilamente canela finíssima, bebia calmamente uma xícara de reconfortante chocolate, enquanto revia o materialismo do sonho e o egocentrismo de um “Poema” frio e inacabado, numa derradeira resistência das minhas mãos sofridas, era NATAL.
Fernanda Tiago

Cruzamento de fronteiras

Nos dias oito e nove de Maio de 2014, a turma do 7º A da escola Abade de Baçal, partiu para uma grande aventura que se iria desenrolar numa cidade espanhola, conjuntamente com uma turma de alunos espanhóis, que tinha visitado a nossa cidade e a nossa escola uma semana antes. Partimos de Bragança cerca das 9:30h da manhã rumo a Espanha, mais concretamente à cidade de Salamanca.

Ana Cassilda Ferreira, 7º A

Tudo começou com uma iniciativa denominada “TECNICEA”, que foi criada e desenvolvida pelos professores: Tomás Bréton,

Paulo Correia e Eduardo Carvalho, este último o nosso diretor de turma. O projeto tinha a finalidade de criar novas amizades, conhecer novas culturas, praticar e desenvolver outra língua, bem como aprofundar o nosso próprio conhecimento num ambiente de camaradagem e muita diversão.

Um dos pontos altos da nossa estadia foi a visita à Catedral de Salamanca. Gostámos muito, pois tinha histórias, reais ou imaginárias, mas fantásticas. Neste local houve tempo para algumas brincadeiras! O professor espanhol contou que num poço de água ainda havia vestígios de sangue da luta de Maria, a brava, com

os vilões. Curiosos, fomos tentar ver, mas o professor meteu a mão na água e molhou-nos! Não passou pela cabeça de ninguém que o professor nos pregasse aquela partida! O que importa é que todos se divertiram e

recordam com saudade essa situação um pouco embaraçosa. No dia seguinte o que mais o que mais nos marcou foi a despedida, pois aí se viveram os laços que criámos... Houve choros por parte de alguns alunos, outros apesar

de não terem chorado confessaram que sentiram um aperto no coração! No fim todos disseram: “para o ano há mais”.

Nesta viagem tivemos também a oportunidade de conhecer a escola dos

ossos colegas espanhóis em Villamayor, visitámos toda a zona histórica de Salamanca, sendo o ponto mais alto da visita, como já referimos, a subida à torre da Catedral Ieronimus.



Reviver o passado nas ruas de Bragança

A Feira das Cantarinhas, a conhecida e típica festa de Bragança, que se realiza anualmente entre os dias 2 e 4 de maio, voltou, este ano, para o centro histórico da cidade, depois de dez anos em zonas mais recentes da metrópole. Esta mudança surgiu da vontade dos comerciantes que tinham como objetivo dar mais visibilidade e dinamizar os seus estabelecimentos comerciais.

Ana Sofia Lourenço, 9ºA

Esta característica feira da cidade traz anualmente milhares de visitantes à pacata cidade para verem e comprarem as tradicionais cantarinhas da região e este ano não foi exceção, podendo ver-se uma enorme afluência de pessoas que, embora sem dados quantitativos concretos, foi com certeza maior do que nas edições anteriores. Contactada pelo Outra Presença, Maria João Pereira, da Associação Comercial e Industrial de Bragança, que é a entidade organizadora do evento, com o apoio da Câmara Municipi-

pal de Bragança (CMB), referiu que “há muito que era desejo da Associação Comercial trazer de novo a feira das cantarinhas para o centro da cidade. Este ano fez, mais uma vez, a proposta à Câmara, depois de ter realizado um inquérito aos comerciantes e de nele ter sido demonstrado o interesse de todos nesse regresso. É preciso salientar que a decisão da feira voltar às ruas da cidade foi da responsabilidade da CMB, embora tivesse sido a ACISB a propor”

O enorme sucesso do evento deveu-se ao modo como estava organizada: o artesanato no jardim António José de Almeida, onde, logo no primeiro dia da feira, atuaram o Grupo Jubilato, da Universidade Sénior Rotary Bragança, a Bibanda- Banda Filarmónica de Bragança e o Grupo Johnny's Grace; a louça de barro na Av. João da Cruz; a feira tradicional manteve-se no sítio do costume, junto ao Mercado Municipal; as cantarinhas ocuparam um espaço nobre, a Praça da Sé. Para a ACIB, “O



Venda de cantarinhas, na Praça da Sé (foto: © ACISB)

pelos feirantes, comerciantes e especialmente a população que encheu as ruas da cidade de alegria.” Também como habitualmente, no dia 2 de Maio, decorreu a 15ª milha das cantarinhas, que reuniu cerca de trezentos atletas, amadores e profissionais, vindos de todo o país. Já o Teatro Municipal de Bragança acolheu o Festival Rauss & Tuna's.

dia 4 de Maio, aconteceu a transmissão em direto, a partir da Praça Camões, do Somos Portugal, um programa da TVI.

Esta mudança de local gerou uma forte onda de apoio por parte dos visitantes e dos habitantes que até nas redes sociais, nomeadamente Facebook, elogiaram a alteração geográfica da feira e pedem que o

mesmo aconteça com as Festas da Cidade, que decorrem em agosto, o que também agradaria à ACIB: “Quanto às festas da cidade, a Associação não participa na organização, no entanto, após algumas conversas com os nossos associados, era do agrado geral que elas regressassem ao centro, pelo menos a noite do arraial. Este ano, pelo

que sabemos, não deverá haver mudanças, mas julgamos que se todos fizermos força, talvez as coisas se resolvam nesse sentido e voltemos a ter luz, cor e muita música no centro. Temos um executivo aberto a esse tipo de iniciativas.”

Boccia volta a marcar

Isabel Cangueiro

O Agrupamento Abade de Baçal ganhou todos os encontros de Boccia, ficando em 1º lugar por equipas e obtendo o 1º e 2º lugares individualmente. Estes alunos representaram o Distrito no Encontro Regional, que decorreu em Guimarães, no dia 3 de Maio, tendo ficado em 4º lugar por equipas, posição que o aluno Rui Rocha também conquistou individualmente.

Na fase distrital realizaram-se quatro encontros para o apuramento da equipa e um para o apuramento individual dos alunos, com o objetivo de apurar aqueles que representariam o distrito de Bragança na fase regional. Participaram nesta fase os Agru-

pamentos de Macedo de Cavaleiros, de Mirandela (pela primeira vez, neste ano lectivo), Carrazeda de Ansiães e Abade de Baçal.

A modalidade já existe há três anos no Agrupamento, tendo vindo a conquistar mais adeptos, mas este ano foi a primeira vez que participou na categoria de individuais, já que nos anos anteriores participaram apenas equipas, que ficaram classificadas sempre nos primeiros lugares.

A professora responsável pela modalidade, Isabel Cangueiro Alves, realçou que se congratulava por “em todos os encontros os alunos mostrarem muito entusiasmo, espírito de competição e fair play,



estarem, por isso, de parabéns” e deixou uma promessa: “para o ano há mais”.



A morte do Pantera Negra

O dia 5 de Janeiro de 2014 fica marcado pela morte de Eusébio da Silva Ferreira, aquele que para muitos foi o melhor futebolista português de sempre. A morte ocorreu por volta das 3:30 horas da madrugada devido a uma paragem cardiorrespiratória.

—Helena Anes, 9ªA—

Foram muitas as vezes que se ouviram a elogiar o futebolista e a sua retidão e humanidade. A notícia da sua morte percorreu as redes sociais e foram muitas as replicações. Nos dias seguintes Eusébio e a sua década de ouro, bem como a do Benfica, percorreram os vários canais televisivos, jornais e sítios da internet, em Portugal e no estrangeiro. Com uma variedade enorme de cognomes, como craque, ídolo,

génio, mito, lenda, o futebolista foi recordado também, por muitos jornais estrangeiros

Eusébio nasceu em Maputo, Moçambique, no dia 25 de Janeiro de 1942. Foi criado nunca sociedade extremamente pobre e, desde muito pequeno adorava jogar futebol. Este amor ao futebol fazia com que faltasse às aulas para ir jogar com os seus amigos e usasse bolas improvisadas.

Foi nos anos 1959/60 que a “Pantera Negra” representou o Sporting de Lourenço Marques tendo criado, assim, uma fama de goleador espetacular. Quando essa fama chegou a Lisboa, Eusébio foi protagonista de um braço de ferro entre o SLB e o SCP, que também pretendiam o seu concurso. Em Dezembro de 1960 entrou na equipa do Benfica e dois anos

a seguir já era figura de proa neste clube.

Em quinze épocas no Benfica, Eusébio conquistou 11 títulos de campeão, sendo sete vezes o melhor marcador do campeonato. Durante 13 anos representou a seleção nacional, ao serviço da qual marcou 41 golos em 64 internacionalizações.

Alfredo Di Stéfano, ex-jogador do Real Madrid, disse “Eusébio sempre será o melhor jogador de todos os tempos”, esta foi uma das muitas reações à morte da chamada “Pantera Negra” no passado dia 5 de Janeiro.

Logo nos dias seguintes começou a discussão sobre a sua ida para o Panteão, tendo os partidos no parlamento votado favoravelmente, pelo que a situação mantém-se em aberto.



crónica de viagem

Por terras do Douro

Andreia Castro, 11ºA

Visita de estudo ao Peso da Régua

No dia 4 de Abril de 2014, realizou-se uma visita de estudo ao Peso da Régua, com o intuito de visitar as caves do Douro e o Museu do Douro. Para além disso, os objectivos centralizaram-se em aplicar e verificar na prática os diversos conhecimentos adquiridos nas aulas; promover o gosto pelo conhecimento de actividades relacionadas com a língua e cultura inglesa; alargar a cultura de professores e alunos através da vivência de novas experiências; reconhecer a importância de processos metabólicos no fabrico do vinho; relacionar a produção de vinho na região do Douro com as características da mesma; perceber de que forma as cheias afectam a Régua e relacionar essas mesmas cheias com condições climáticas, geológicas, e, reconhecer que, estas podem ainda ser agravadas com uma intervenção antrópica desmesurada. A turma participante foi o 11º A e fomos acompanhados pelas docentes de Inglês e de Biologia e Geologia, respectivamente, Ana Maria Ramalho e Sónia Rodrigues.

Partimos de Bragança por volta das 8.40 h. Era notório um grande entusiasmo por parte de todos, porque estas visitas de estudo, além do aspecto pedagógico, que é fulcral para o nosso enriquecimento cultural, servem também para nos divertirmos e fortalecer e/ou estreitar laços entre alunos e professores. A viagem prosseguiu até ao

Peso da Régua, mais concretamente para a Quinta de S. Domingos. Durante o percurso até à Quinta, ainda parámos numa estação de serviço em Mirandela, para descansarmos um pouco e prepararmos-nos para o estonteante dia que nos esperava. Durante praticamente toda a viagem de ida fomos muito incentivados pela professora de Biologia e Geologia, para que dedicássemos da nossa parte uma redobrada e especial atenção à esplendorosa paisagem granítica que nos envolvia designada caos de blocos, uma vez que nela podíamos verificar numa vertente mais prática, os diferentes aspectos de ocupação antrópica associada às zonas de vertente e diversas estruturas de estabilização das mesmas.

Chegámos ao local pretendido, aproximadamente, por volta das 10:15h.

A Quinta de São Domingos localiza-se no centro da cidade do Peso da Régua, na mais antiga Região Demarcada e Regulamentada do Mundo, classificada em 2005 pela Unesco como Património da Humanidade. Esta Quinta comemora, no presente ano, 100 anos de existência e descobrimos que ela conseguiu resistir, ao longo dos anos, ao desenvolvimento urbano da cidade, mantendo inalteradas as suas características de quinta ligadas à produção e envelhecimento do Vinho do Porto, tendo conseguido manter um equilíbrio muito próprio e característico entre a tradição e a modernidade.

A guia que nos acompanhou na visita às Caves da Quinta de São Domingos, demonstrou-se particularmente simpática e era muito perceptível o gosto e o orgulho que ela sentia em nos explicar todo o seu conhecimento sobre a Região Demarcada do Douro; sobre a Quinta; sobre a história e todo o processo de fabrico do Vinho do Porto; acerca dos variados Vinhos e de que forma é que os podemos distinguir; e ainda os melhores acompanhamentos para cada um deles. No centro de recepção, vimos algumas garrafas dos vários anos de colheitas; fizemos a prova de um dos vinhos produzidos pela Quinta, e procedemos à visualização de um curto mas informativo e interessante filme sobre a produção e envelhecimento do Vinho do Porto, a Região do Douro e os vinhos Castelinho.

Aprendemos, também, que a região vinhateira designada por Região Demarcada do Douro é uma das regiões vitícolas mais importantes, ricas e conhecidas no mundo. O arranjo paisagístico imposto pela inserção do vale do rio Douro é, sem dúvida, o sinal da diferença que, climática e mesologicamente, define esta região. A mescla de materiais rochosos laboriosa e, em alguns lugares, violentamente erodida pelo Douro e pelos seus afluentes gerou as formas e as volumetrias que permitiram o surgimento de um tipo de vinha, plantada bem junto ao solo, cascalhento, seco e pobre,

que, por isso mesmo, adquire uma maturação perfeita e completa dando origem a mostos de elevado teor sacarino e muito encorpados.

Morfológicamente, a Região Demarcada do Douro distribui-se por uma área de montanhas e planaltos cuja diferenciação altimétrica aumenta à medida que nos aproximamos do seu limite ocidental. A variedade de formas que se observa deriva da diversidade de materiais rochosos que afloram, muitas vezes inesperadamente. Os xistos, os granitos, os quartzitos e as rochas carbonatadas surgem na paisagem associados consoante a sua resistência aos vários agentes de meteorização e erosão.

É a extraordinária e única simbiose, entre as formas, os materiais rochosos existentes e a modelação imposta pelo ritmo climático estacional que cria condições para o Homem utilizar a Região Demarcada do Douro, de modo diverso, consoante a sua aptidão. O cultivo da vinha, que gera mostos para Vinho do Porto, ocupa, sem dúvida, uma parte significativa do solo e é responsável pelos mais impressionantes e belos cenários desta área. As vinhas aproveitam os solos mais pobres e menos produtivos, as encostas mais íngremes e mais soalheiras voltadas, sobretudo, a Sul e talhadas no xisto. Vingam com sucesso nos lugares onde as altas temperaturas estivais se associam a uma extrema secura.

Deram-nos também a conhecer que o Vinho do Porto é um vinho licoroso, produzido na Região Demarcada do Douro, sob condições peculiares derivadas de factores naturais e de factores humanos. O processo de fabrico, baseado na tradição, inclui a paragem da fermentação do mosto pela adição de aguardente vínica (benefício ou aguardentação), a lotação de vinhos e o envelhecimento.

O Vinho do Porto distingue-se dos vinhos comuns pelas suas características particulares: uma enorme diversidade de tipos em que surpreende uma riqueza e intensidade de aroma incomparáveis, uma persistência muito elevada quer de aroma quer de sabor, um teor alcoólico elevado (geralmente compreendido en-

tre os 19 e os 22% vol.), numa vasta gama de doçuras e grande diversidade de cores.

A cor dos diferentes tipos de Vinho do Porto pode variar entre o retinto e o alourado-claro, sendo possíveis todas as tonalidades intermédias. Os Vinhos do Porto Branco apresentam tonalidades diversas (branco pálido, branco palha e branco dourado), intimamente relacionadas com a tecnologia de produção. Quando envelhecidos em casco de carvalho francês, durante muito anos, os vinhos brancos adquirem, por oxidação natural, uma tonalidade alourada-claro semelhante à dos vinhos tintos muito velhos. Em termos de doçura, o vinho do Porto pode ser muito doce, doce, meio-seco, ou extra seco. A doçura do vinho constitui uma opção de fabrico, condicionada pelo momento de interrupção da fermentação. Existem vários estilos de Vinho do Porto, o Estilo Ruby, Tawny, Branco ou ainda Rosé.

É, de salientar que, os melhores lotes de vinhos produzidos num ano excepcional são regra geral apartados para virem a auferir da declaração de Vintage. Contudo, a maior parte dos vinhos é utilizada para a elaboração de lotações de características particulares e obedecendo a padrões de qualidade pré-estabelecidos. As lotações são efectuadas quer em grandes cubas providas de agitadores, quer por meio de circuitos de remontagem.

Posteriormente, demos um passeio à volta da Quinta e tiramos imensas fotografias para mais tarde recordar.

Finda a visita à Quinta de São Domingos, fomos de autocarro em direcção a uma parte do Peso da Régua, junto ao rio Douro e que se localizava perto do Museu do Douro, que era o próximo local a visitar. Devido à desagradável pluviosidade que se fazia sentir, almoçámos no autocarro e não conseguimos fazer o pretendido que era almoçar junto às margens do Rio. Contudo, as condições climáticas não nos desmotivaram nem abrandaram a nossa imensa boa disposição e, após o almoço, fomos descontrair um pouco junto ao Bar/Restauran-





te/Esplanada Douro Rio.

Seguidamente, alguns dos alunos procederam à execução de entrevistas aos habitantes locais, promovidas pelas docentes, com a intenção de descobrir a frequência e as causas das cheias, a relação da ocorrência das cheias com a construção de barragens; as consequências das cheias na cidade ou campos agrícolas. Foi de facto, interessante, soltarmos um pouco e contactarmos directamente com os durienses. Tivemos muita sorte com os entrevistados, pois estes detinham vastos conhecimentos sobre a temática das cheias. Eles ensinaram-nos que o rio Douro origina, nalguns troços, grandes cheias cíclicas, e que trazem algum impacto no tecido socioeconómico das populações ribeirinhas. Ressaltaram o exemplo de estabelecimentos comerciais que estão construídos em leito de cheia e que ficam profundamente afectados, porque não é possível fazer negócio devido ao facto de as cheias impedirem o funcionamento desses estabelecimentos, pois causam estragos e inundam os espaços. Um dos entrevistados, que era bombeiro, referiu, ainda, que nessa altura de cheias, os bombeiros não têm mãos a medir com tanto trabalho.

Afirmaram, com grau de certeza elevado, que as causas das cheias são a intensa precipitação que assola diversas vezes e, por vezes, de forma contínua a região e também as descargas de barragens.

Quando questionados sobre a relação das cheias com a construção de barragens, apenas um dos entrevistados conseguiu facultar-nos uma resposta mais científica e com um rigor que não se verificou na maioria das pessoas. Para ela, as barragens apesar de terem o seu lado negativo, que é o facto de em anos de grande precipitação a capacidade da barragem ficar no limite e haver a necessidade, por vezes, de fazer descargas devido à elevada pressão que se gera, tendo que abrir as comportas, podendo ocorrer inundações ou cheias. Porém, com a construção de barragens é possível controlar “mais facilmente uma cheia, porque a água pode ser

armazenada”. Quando ocorre uma precipitação fora do normal, o excesso de água como está armazenado na albufeira, pode evitar, com efeito, inundações a jusante. Alguns recordam grandes inundações, com o nível da água muito superior, do que aquele que atualmente se verifica. A principal avenida desta cidade chegava a estar interrompida, levando inclusive ao encerramento de escolas. A conclusão da maioria foi a de que a construção das barragens levou à diminuição do número e grau das inundações.

Após um passeio ao longo das margens do rio Douro, visitámos o Museu do Douro. O Museu do Douro foi concebido como um museu de território, polivalente e polinuclear, vocacionado para reunir, conservar, identificar e divulgar o vastíssimo património museológico e documental disperso pela região, devendo constituir um instrumento ao serviço do desenvolvimento sociocultural da Região Demarcada do Douro.

Nesse Museu, fomos encaminhados para uma ampla sala, onde decorreu a actividade: “A Oficina dos Sabores” que envolvia da nossa parte apenas dois dos nossos sentidos, o olfacto e o paladar. O objetivo era identificarmos nove dos produtos existentes no Vinho do Porto de olhos vendados para nos concentrarmos exclusivamente na essência dos produtos. Estes não são só adicionados ao vinho, mas alguns deles coexistem nos campos onde se localizam as vinhas, tais como as macieiras

ou violetas. Quatro deles tínhamos que reconhecer pelo cheiro, (café, caramelo, mirtilo, maçã e violeta) e os outros quatro reconhecíamos pelo sabor (noz, maçã, mel e pão com azeite). No final após verificarmos a que correspondiam cada um deles, fizemos um pequeno lanche com esses mesmos produtos.

Seguidamente, visitamos a exposição “Douro, Matéria e Espírito”. Na nossa opinião, foi maravilhoso visitar esta exposição e consideramos que todos deviam poder ter o privilégio que nós auferimos ao contactar com tanta informação, que estava organizada de uma forma tão peculiar e tão convidativa. No final, a sensação geral foi a de que o Douro, as quintas produtoras do famoso Vinho do Porto e a região demarcada como património mundial são uma mais-valia para o nosso país e sentimos bastante orgulho por termos paisagens tão deslumbrantes e sermos os produtores de um dos melhores vinhos do mundo!

Depois da exposição, dirigimo-nos ao Shopping de Vila Real. Este espaço é encantador e bastante maior que o nosso, em Bragança. Há imensas áreas para refeições e inúmeras lojas. O jantar foi divertido e foi com grande animação que percorremos os pisos do centro comercial. Saímos por volta das 8:50h. O regresso a Bragança foi muito descontraído, primado pela animação e alegria, e enriquecido pela troca de impressões sobre o maravilhoso dia que passámos.

Consideramos esta visita de estudo absolutamente fantástica e, de facto, muito interessante, uma vez que ficámos a conhecer lugares que sempre quisemos visitar e chegamos à conclusão que Portugal é um país imensamente rico culturalmente e não é preciso ir muito longe para usufruir de locais e paisagens indubitavelmente estonteantes.



crónica de viagem

Em nome da memória

“Aconteceu uma vez, poderá acontecer de novo”

Primo Levi

Teresa Sá Pires

O Yad Vashem é o órgão responsável pela memória dos mártires e heróis do Holocausto e foi fundado em 1953 por decreto da Knesset (parlamento) israelita. Desde a sua conceção, tem sido confiado ao Yad Vashem o papel de documentar a história do povo judeu durante o período do Holocausto, preservando a memória e a história de cada uma das seis milhões de vítimas e compartilhando o cenário do Holocausto com as gerações futuras através dos seus arquivos, biblioteca, escola, museus e através do reconhecimento dos Justos entre as Nações.

A Escola Internacional para o Estudo do Holocausto é responsável pela organização de programas educativos e pela produção de materiais didáticos dirigidos a diferentes públicos e organizações educativas em Israel e no exterior. Mais de 90 membros da instituição trabalham junto de mil professores e estudantes todos os anos para promover a educação e fortalecer a memória do Holocausto. A educação do Holocausto é definida e desenvolvida pela Escola Internacional como multidisciplinar e multi direcional, centrando-se na forma como os indivíduos viveram antes, durante e após o Holocausto, assim como os dilemas enfrentados pelos judeus durante este período.

Nesta filosofia de estudo e compreensão do Holocausto, realiza a Escola Internacional para o Estudo do Holocausto de Jerusalém, em colaboração com a MEMOSHOÁ – Associação Memória e Ensino do Holocausto, anualmente, um seminário para docentes portugueses. Assim, pelo sexto ano consecutivo, teve lugar, de 11 a 20 de agosto de 2013, mais uma edição do Seminário Internacional sobre o Ensino do Holocausto.

Incluída neste grupo, esperava com expectativa o que iria encontrar num país que não descola dos serviços noticiosos, quer pelos ataques que sofre quer pelos que inflige, num país que ele próprio se situa no meio de países em conflito (lembro aqui as manifestações violentas

que tiveram lugar no Egito durante o mês de Agosto de 2013 e que levaram ao derrube do presidente Mohamed Morsi).

Imbuída de curiosidade fiz uma viagem a um mundo completamente diferente, para saber como era esse outro mundo. E foi muito o que aprendi. Ouvei o que não gostaria de ter ouvido: 6 milhões de pessoas assassinadas. Vi o que não gostaria de ter visto: uma trança de cabelo de criança; livros cujos donos nunca mais folhearam; sapatos sem par de alguém que nunca mais os calçou; roupa de quem nunca mais a vestiu; brinquedos de criança de quem nunca mais com eles brincou; carrinhos de bebés que desapareceram; escovas de cabelo sem dono; fotografias de famílias sorridentes que nunca mais voltaram a sorrir para o fotógrafo ...; vagões de comboios que só existiam na minha imaginação de os ver em filmes e que transportaram pessoas que nunca neles deveriam ter entrado; e essencialmente ouvi os testemunhos de pessoas que viram, sentiram e viveram os horrores dum inferno vivo e que são hoje os grandes testemunhos de vontade de viver e de coragem.

Foi para mim uma surpresa verificar que o que se defende hoje em dia em Israel é a existência de uma atitude reflexiva e crítica centrada no relato humano; uma metodologia geradora de empatias, sem julgamentos e assente nos testemunhos dos sobreviventes; um esforço pela clarificação de conceitos e a contextualização histórica; uma prática interdisciplinar e intergeracional; e a perceção de que o Holocausto não é apenas um tema judaico mas uma preocupação universal (o racismo, o negacionismo, a xenofobia, a intolerância são temas atuais, não são compatíveis com a democracia e colocam-na em perigo) – para que não o esqueçam as gerações futuras e a História não se repita.

Simultaneamente, foram muitas as oportunidades que foram dadas aos participantes de conhecer a cidade de Jerusalém (onde o seminário se realizou).

Visitar esta maravilhosa cidade onde várias culturas e várias religiões convivem de uma maneira surpreendente é uma memória que em mim perdurará: a cidade velha e os seus diferentes bairros e milhentas lojas de lembranças para todos os gostos e bolsos e onde regatear com os vendedores é uma experiência de verdadeira resistência; os lugares sagrados que pertencem à nossa memória religiosa; a fantástica mistura de formas de viver que parecem chocar umas com as outras e que, no entanto, convivem lado a lado ...

Destaco ainda a viagem ao norte de Israel para visitar o Kibutz Lohamei Haguetaot e onde Nora Gaon (uma sobrevivente polaca entretanto falecida) proporcionou a todos um dia memorável com as suas memórias e vivências. Destaco também o passeio a Massada e ao Mar Morto onde se passaram momentos fantásticos de boa disposição e “flutuação” e como não podia deixar de ser destaque as maravilhosas amizades que se criaram entre alguns dos participantes e que nos acompanharão ao longo da vida.

Para concluir, poderia parecer um lugar comum dizer que esta participação no Seminário sobre o Holocausto, em Jerusalém, foi uma experiência muito enriquecedora. Mas a verdade é que é difícil encontrar outra palavra que a possa classificar. Foi uma oportunidade única de alargar conhecimentos sobre uma temática tão relevante na História do século XX. E que outro local seria melhor para aprender sobre a problemática do Holocausto do que Israel e uma escola internacional vocacionada para o seu ensino – o Yad Vashem. Creio que todos íamos para aprender e aprendemos muito.



Grupo de docentes participantes grupo que participou nesta edição do seminário da MEMOSHOA para docentes., raparigas em cumprimento do serviço militar obrigatório; fotografia de grupo com a sobrevivente polaca, Nora Gaon, referida no texto. mar morto.

CA Nova Geração

PUBLICIDADE 01/2012

JUNTOS CRESCEMOS MELHOR.

No Crédito Agrícola temos soluções personalizadas que acompanham os Jovens em todos os momentos importantes da sua vida.

Contas à Ordem | Cartões | Contas Poupança | Soluções de Financiamento



Para mais informações consulte:
Linha Directa 808 20 60 60
Atendimento 24h por dia. Personalizado de 2ª a 6ª feira das 8h30 às 23h30 e Sábados, Domingos e Feriados das 10h às 23h.
www.creditagricola.pt

 **CA**
Crédito Agrícola
Juntos somos mais.
Desde 1911.



Agrupamento de Escolas Abade de Baçal

OFERTA EDUCATIVA 2014-2015

ENSINO BÁSICO	ENSINO SECUNDÁRIO	CURSOS PROFISSIONAIS
<p>PRÉ-ESCOLAR 1.º CICLO 2.º CICLO</p> <p>3.º CICLO Opções da Língua Estrangeira II Espanhol ou Francês</p>	<p>CURSOS CIENTÍFICOS-HUMANÍSTICOS 3 anos</p> <p>OFERTA DA ESCOLA Ciências e Tecnologias Ciências Socioeconómicas Línguas e Humanidades</p>	<p>CURSOS PROFISSIONAIS 3 anos</p> <p>Técnico/a de Multimédia Diploma de 12.º ano de escolaridade Certificação de Qualificação Profissional de Nível III Acesso aos Cursos de especialização tecnológica de Nível IV</p>
<p>CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO <i>Tipo II / III</i> 2 anos / 1 ano</p> <p>Diploma de 9.º ano de escolaridade Certificação de Qualificação Profissional de Nível II</p> <p>OFERTA DA ESCOLA Vocacional de 3.º ciclo Desporto/Informática e Carpintaria</p>	<p>CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO <i>Tipo IV</i> 1 ano</p> <p>Diploma de 12.º ano de escolaridade Certificação de Qualificação Profissional de Nível III</p>	<p>OFERTA DA ESCOLA Ensino Recorrente</p>

Terra à vista, Escola todo-terreno

O Agrupamento vai comemorar o final do ano letivo com atividades ao ar livre!

As turmas que terminam no dia 6 de junho – 6.º e 9.º anos – vão reunir-se nas piscinas do Académico onde desenvolverão atividades desportivas e partilharão o almoço, acompanhados pelos respetivos diretores de turma e professores.

As restantes turmas, que terminam as atividades letivas no dia 13 de junho, repartir-se-ão por diversos locais. As turmas de 5.º ano vão terminar o ano com um torneio de gira-vólei e diversas atividades desportivas e musicais na escola Augusto Moreno, conjuntamente com as turmas do 1.º ciclo.

O 7.º ano irá para a zona do Castelo e preencherá o dia com jogos tradicionais e um Peddy Paper na zona envolvente do Castelo. Não faltará a

partilha do almoço.

O 8.º ano caminhará até ao S. Lázaro. Aí esperam-no uma Caça ao Tesouro e outros jogos para se divertirem durante todo o dia.

Finalmente, as turmas do 10.º ano vão deslocar-se, em autocarro, até Vimioso onde a empresa “Coordenadas d’Aventura” lhes preparou algumas atividades radicais, tais como canoa-gem, paint-ball, pontes, ... No sábado, todos poderão fazer algo que, apesar de vulgar na nossa região há alguns anos atrás, deixou de se praticar e os jovens de hoje nem devem saber que existiu: passear de burro!

Para desfrutar em pleno de todas estas oportunidades, os alunos e seus acompanhantes irão acampar de sexta para sábado. Isto permitirá a realização de uma “Caça ao Tesouro” noturna dentro da vila. E, se o tempo o

permitir, nada melhor, para terminar, do que um mergulho nas piscinas municipais!

A fim de envolver os pais/encarregados de educação, estes estão convidados a partilhar ou o almoço ou o lanche com os seus filhos/educandos.

O Agrupamento pretende, assim, encerrar o ano letivo de forma a que os alunos desfrutem deste dia. Sabemos, por experiência, que este tipo de atividade é desenvolvido pelo quarto ano consecutivo, e os alunos guardam, na sua memória, uma recordação muito agradável deste último dia de aulas. É este sentimento que nos move e que nos faz ser mais ambiciosos a cada ano que passa.